

# A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO 65 — VI FASE Nº 32 — DE 24 DE NOVEMBRO A 6 DE DEZEMBRO DE 1989

NCz\$ 5,00

## O povo venceu a 1.<sup>a</sup> batalha

Jesus Carlos/Fóton



Praça da Sé (SP), 12/11/89

Aguinaldo Zordenoni



Amazonas e Renato recebem Lula na Convenção do PCdoB em julho/89

Em 15 de novembro o povo brasileiro conquistou uma grande vitória, virou uma página de sua história e transformou-se, através da Frente Brasil Popular, numa força capaz de vencer a luta sucessória. O segundo turno é um grande desafio. A demarcação de campos entre as massas populares e as elites ficou ainda mais nítida. A direita vai recorrer a todos os meios para levar Col-

lor ao Planalto. O "povão" cada vez mais unido já está na luta, em plena campanha, para vencer no segundo turno. Neste número A Classe traz uma apreciação global dos resultados do pleito de 15 de novembro e analisa as perspectivas para o segundo turno. O Comitê Central do PCdoB fez uma ampla discussão sobre o assunto (páginas centrais).

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

**Diretor e Jornalista Responsável:** João Amazonas  
**Editor:** José Reinaldo Carvalho  
**Redação:** Antonio Martins, Carlos Pompe, Umberto Martins e Irasson Cordeiro Lopes  
**Diagramação e Arte:** José Luis Munuera Reyes

**Fotografia:** Agência Foton

**Arquivo:** Rosane Montiel

**Administração e Assinaturas:** Cláudia de Medeiros e Dalva Silva

**Endereço:** Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — CEP 01318 — São Paulo/SP.  
**Telefone:** (011) 36-7531  
**Telex:** 11-32133

**Nas capitais:** ACRE — Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone: (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS — Ladeira do Brito, 72 — fones: (082) 221-4634 e 221-4728, Maceió; AMAPÁ — Av. Mendonça Furtado, 762, CEP 68900, fone: (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS — Rua Itamaracá, 124, CEP 69007, fone: (092) 233-7717, Manaus; BAHIA — Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone: (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ — Rua São Paulo, 1.037, CEP 60000, fone: (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL —

HIGS — 704, Bloco G, Casa 67, CEP 70302, fone: (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO — Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone: (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS — R. Parnaíba, 355, CEP 74000, fone: (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO — Rua Osvaldo Cruz, 921, CEP 65000, São Luiz; MATO GROSSO — Rua Comandante Costa, 548, fundos, CEP 78030, fone: (065) 321-5095, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL — Rua Rui Barbosa, 2.500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS — Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone: (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ — Rua Manoel Barata, 993, CEP 66800, fone: (091) 222-8911, Belém; PARAÍBA — R. Almeida Barreto, 273, tel. (083) 222-4413, CEP 58020, João Pessoa; PARANÁ — Rua Dr. Pedrosa, 249, CEP 80420, fone: (041) 222-9120, Curitiba; PERNAMBUCO — Rua do Sossego, 53, CEP 50750, fone: (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ — Rua Desemb. Freitas, 1.216, CEP 64020, fone: (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO — Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1608, CEP 20031, fone: (021) 252-9935, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE — Rua Prof. Zuzana, 99, CEP 59020, fone: (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL — Rua Santo Antônio, 254, CEP 90220, fone: (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA — Rua José Bonifácio, 787 fundos, CEP 78900, Porto Velho; RORAIMA — Rua Major Willians, 434 - CEP 69300, Boa Vista; SANTA CATARINA — Rua Julio Moura, 34, CEP 88010, fone: (0482) 22-1927, Florianópolis; SERGIPE — Rua do Lagarto, 807, CEP 49015, Aracaju;

**A CLASSE OPERÁRIA** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Jorjões. Fone: 815-4999 — São Paulo.

# O Centenário Eleitoral na Ilha do Norte. A viagem de 3 brasileiros no dia 15

Londres: Cem anos de República, 29 anos sem o direito ao voto presidencial. O que dizer dos 71 anos anteriores?

Cada um nas suas viagens e descaminhos. Dia 13 estávamos, os três, no saguão de I.C.A. Cinema, após assistirmos ao filme "O Ori", de Rachel Gerber, apresentado no 33thrd. LONDON FESTIVAL FILM. Esse ensaio sobre a identidade negra no Brasil nos tocou assim como a conversa no final da sessão, com Ignácio e Rachel Gerber. Papos de Brasil, viagem, consciência e tal...

Um oceano de distância, mas nem tanto. Em Picadilly Circus, no Consulado, 1055 brasileiros e brasileiras repetiram o mesmo gesto de outros tantos milhões. Decidimos comparecer. Aqui segue o relato de uma viagem: a entrevista na boca da urna.

**Perfil do eleitorado de Londres:**

Foram entrevistados cerca de 10% dos votan s.

#### Sexo

Masculino.....50%  
Feminino.....50%

#### Raça

Branca.....75%  
Amarela.....14%  
Negra.....11%

#### Idade

De 16 a 18.....2,5%  
18 a 21.....—  
21 a 30.....40%  
30 a 45.....50,0%  
45 a 60.....5,5%  
mais de 60.....2,0%

#### Profissão

Profissional Liberal.....52,0%  
Prestação de serviços...18,5%  
Estudantes.....16,0%  
Comércio.....9,0%  
Outros.....2,0%

**Tempo que está fora do Brasil**

Menos de 6 meses.....9,5%  
6 meses a 1 ano.....25,0%  
1 a 2 anos.....32,0%  
2 a 5 anos.....19,0%  
5 a 10 anos.....10,5%  
mais de 10 anos.....4,0%

**Atividade que exerce em Londres:**

Estuda.....50,0%  
Trabalha.....39,5%  
Ambos.....10,5%  
Eram 8:30 horas da manhã e as primeiras pessoas já se



Em Londres, no abraço à bandeira, a vontade nacional de mudar a cara do Brasil

agrupavam em frente ao hall do prédio do Consulado. Fiscais, repórteres, grupos de apoio e alguns eleitores. Na esquina, a uma distância regulamentada, boqueiros de urna distribuía panfletos do partido cuja presença se faria sentir no decorrer do dia.

O pessoal do Consulado, ao todo 25 — sendo 15 trabalhando nas seções e 10 no grupo de apoio — atendia e informava a quem chegasse com uma vontade que se transformaria, ao final do dia, em simpatia e festa. Ainda que os eleitores, em sua maioria, não tivessem informações de como seria a fiscalização dos votos nas seções eleitorais agrupadas ali, a presença de 4 fiscais pertencentes a dois dos partidos assegurava o decorrer da votação, cuja apuração se iniciaria às 20 horas de Londres (18 horas no Brasil), ali mesmo, sendo os resultados anunciados cerca de 22 horas local.

Durante todo o dia, nas quase duas horas de entrevistas que realizamos, ouvindo diferentes opiniões, percebeu-se o alto nível de conscientização política do eleitorado daqui.

Formado, em sua maioria, de estudantes e, em especial, de universitários, ao contrário da grande parte do eleitorado no

Brasil, não traz indecisões quanto à escolha de seu candidato. Os que já não têm filiação partidária atuante trazida do Brasil recebem informações sobre o quadro sucessório através de jornais da comunidade acadêmica (no caso dos estudantes e professores), grandes jornais brasileiros e, em especial, no contato telefônico ou postal com familiares e amigos.

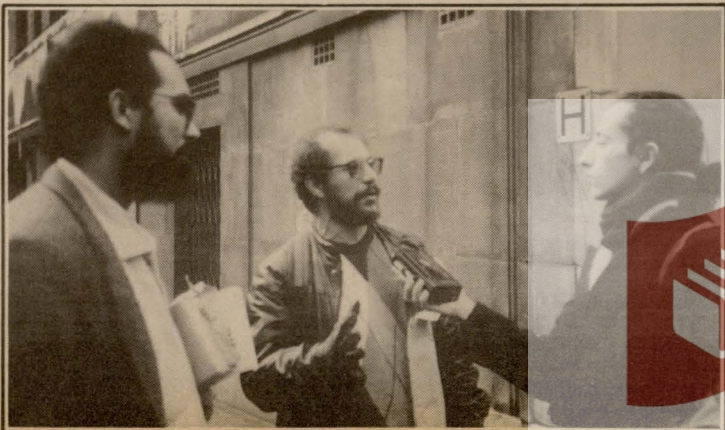
No final da tarde a votação se transformara em festa, como não poderia deixar de ser. A multidão ocupou a rua que foi delimitada por grades colocadas por guardas britânicos, famosos por sua gentileza. A apoteose aconteceu quando, neste momento, subiu pela rua um rapaz enrolado na bandeira brasileira: delírio cívico! 5

horas da tarde: termina a votação. Pessoas se olham e se perguntam: O que será? E nós também perguntamos. Dizemos que não sabemos do futuro, não crêem em retrocesso político, desejam e esperam mudanças, mas não acreditam em milagres. Às 10 horas da noite muitos se encontrarão no "pub" da esquina para saber do resultado. Nós, carregados pelo desejo de contar esta estória, amanhecemos nesta sala; movidos a "tea" e guaraná em pó, às 8:30 horas na manhã do dia dezesseis de novembro de mil novecentos e oitenta e nove.

Marcos Lima de Moraes, Monique Michaan, Marcela Haddad (colaboradores voluntários de A Classe em Londres)

## Resultado oficial da apuração de Londres:

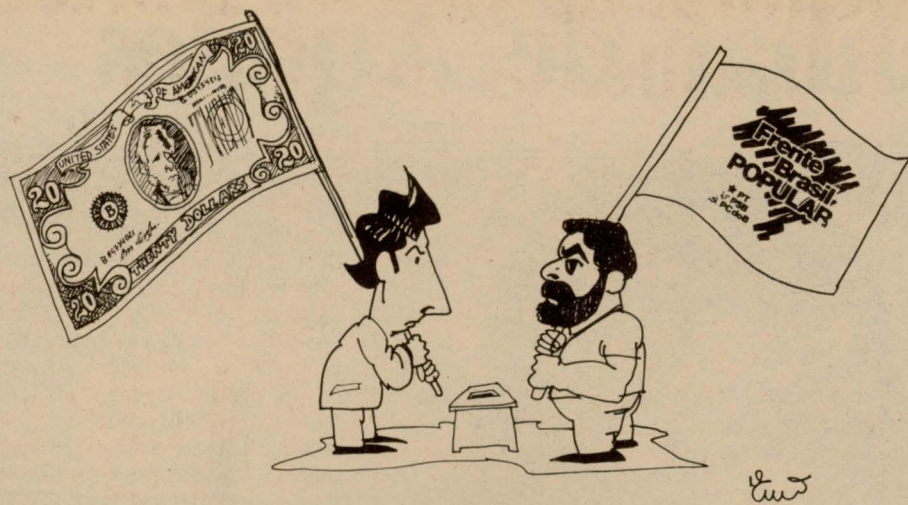
LULA — 332	MARRONZINHO — 2
COVAS — 327	LIVIA — 2
BRIZOLA — 121	ULYSSES — 1
COLLOR — 88	MANOEL M. — 1
FREIRE — 28	Branços — 2
AFIF — 24	Nulos — 10
MALUF — 17	TOTAL — 932
GABEIRA — 6	Ausentes — 123



Brasileiros entrevistados durante boca de urna pró-Lula



Na Capital inglesa, o mesmo gesto de outros tantos no Brasil



## Editorial

# Surge um novo Brasil

No dia 15 de novembro, ao decidir levar Luiz Inácio Lula da Silva, da Frente Brasil Popular (PT-PCdoB-PSB), para o turno final das eleições presidenciais o povo brasileiro colheu uma grande vitória política e deu um passo significativo na sua caminhada histórica pela conquista da liberdade, da independência e do progresso social.

A expressiva votação de Lula (mais de 11 milhões de votos) é emblemática da elevação do nível de consciência dos trabalhadores e demais massas populares, da força de sua unidade, mobilização e disposição de mudar os destinos do país.

O resultado da primeira eleição direta depois do ciclo da ditadura militar e da frustrada transição da "Nova República" é a emergência de um novo e diferente Brasil. Cumpriu-se uma etapa na evolução do quadro político, virou-se uma página da história e esta, a partir deste episódio, será escrita com outras tintas.

O povo, representado por Lula e pela Frente Brasil Popular, aparece como a força nova no cenário nacional. Nunca se viu, em um século de regime republicano, tão nítida demarcação de campos entre as forças sociais transformadoras e os setores reacionários defensores do sistema vigente. O fenômeno é de tal ordem que resultou na derrubada de mitos, no estilhaçamento de velhas lideranças, no esfacelamento de esquemas antigos, sinal evidente da falência de seus projetos. A retumbante derrota de Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves é a expressão maior disto. Mesmo Brizola e Covas que tiveram votação significativa e representam forças a serem atraídas para apoiar Lula no segundo turno, saem derrotados, em razão de suas mensagens estarem politicamente ultrapassadas.

A passagem de Lula para o segundo turno explicita ainda outro fator novo na vida nacional - a esquerda, as forças populares, democráticas e progressistas - têm capacidade de se articular e se unir, de elaborar uma plataforma de luta

consoante os anseios da esmagadora maioria da população, voltado para a resolução dos problemas cruciais do país. Na medida que foram competentes nisso e conseguiram criar a Frente Brasil Popular, as esquerdas aumentaram sua força e capacidade de intervenção política, obtendo condições reais de vencer. A partir de agora o desenvolvimento das lutas sociais e políticas será fortemente condicionado por esse fator. Até agora o centro da luta política e eleitoral era galvanizado por diferentes setores das elites dirigentes. Nesta sucessão, porém, o povo disputou com independência e organização própria, com programa definido e objetivos claros a atingir, credenciando-se à vitória. É uma força que não poderá deixar de ser levada em conta.

No segundo turno a decantação de campos entre as massas populares e as classes dominantes torna-se ainda mais clara. O candidato da direita, Collor de Mello, recorre a toda a sorte de diversionismo para escamotear sua condição de reacionário e homem do *status-quo*. Recorre ao terrorismo verbal com o fito de criar um clima de intimidação entre setores despolitizados da população e a classe média. Mas os poucos dias de campanha para o segundo turno servirão para evidenciar a farsa e esclarecer o povo de que a disputa entre Lula e Collor é a expressão da luta do povo contra os exploradores.

A grande vitória do povo não deve ser motivo para auto-satisfação. A batalha no segundo turno é muito mais renhida. Collor conquistou um grande eleitorado e conta com o apoio propagandístico e financeiro dos poderosos grupos da grande burguesia brasileira e do capital internacional. Por isso para a militância da Frente Brasil Popular a campanha do segundo turno será mais uma grande jornada de luta através de múltipla atividade de esclarecimento e mobilização do povo, o que, em última instância, é a condição para a vitória.

## Ampliar mantendo a FBP

Haroldo Lima\*

O fato novo de maior importância na conjuntura política brasileira atual é o surgimento de um operário disputando a Presidência da República em condições de ganhar.

Este fato inaugura um grande acontecimento na história política nacional e traz grande repercussão internacional.

Dois fatores contribuíram decisivamente para isso. Primeiro, a situação de miséria das amplas massas que se identificaram com as propostas e o programa da Frente Brasil Popular. O voto em Lula foi um voto por transformações radicais.

Segundo, a atuação de uma militância aguerrida que não se abateu ante a superioridade financeira dos adversários, ante a mídia eletrônica e seu cortejo de infâmias e calúnias, mas optou por ganhar as ruas, as portas de fábricas, as escolas e, tomando por base esse trabalho, galvanizar o eleitorado brasileiro.

Para dar consequência a este fato histórico, urge levar Lula à vitória no segundo turno. E, para tanto, é necessário verificar que a tática de campanha para o segundo turno deve sofrer reajustes. Precisamos ampliar substancialmente o leque de apoios a Lula objetivando quantidades algumas vezes superiores ao número de votos alcançados agora.

Nesse sentido alguns requisitos precisam ser atendidos. O primeiro é que a FBP deve ser mantida na sua formação original. Ela não foi orga-

nizada com objetivos exclusivamente eleitorais e conjunturais. A FBP deve fazer alianças com partidos e setores reconhecidos pelo povo como progressistas. A FBP deve buscar apoio de políticos, lideranças e personalidades que embora não possam ser tidos como de esquerda, são democratas, não estão comprometidos com o governo Sarney e que têm contradições com o modelo vigente. Esses setores não devem ser hostilizados, mas atraídos para apoiar a campanha. Ainda que não necessariamente devam ser convidados a participar do palanque da FBP.

A FBP não deve fazer alianças, nem mesmo receber apoio de setores de direita, comprometidos com Sarney e o modelo vigente, a corrupção e o mandonismo. Esses setores devem ser repudiados. As lideranças da FBP devem cuidar habilidosamente de ampliar a sua influência, sem descaracterizar o seu perfil de esquerda.

Devem-se evitar dois erros graves. Não devemos deixar de ampliar com setores que podem ser ganhos pela campanha de Lula, inclusive entidades de trabalhadores e setores de massa que, por engano, estiveram com Collor, imaginando que este responderia aos interesses populares. Ao mesmo tempo, não podemos incorporar apoios que desfiguram o perfil da FBP que deve continuar sendo claramente de esquerda.

\*da direção nacional do PCdoB, líder da bancada na Câmara dos Deputados

## Dois projetos em confronto

Aldo Arantes\*

A ida de Lula para o segundo turno representa um fato inédito na história política brasileira. Pela primeira vez um candidato de esquerda disputa, com chances de ganhar, a Presidência da República.

Tal acontecimento está relacionado, com a gravidade da crise econômica e a desmoralização das elites dirigentes.

Esta nova etapa da sucessão presidencial será caracterizada por uma polarização entre esquerda e direita. As classes dominantes já começam a se manifestar, apoiando abertamente a candidatura de Collor, que tenta dissimular este apoio para não ser identificado como candidato de direita. Cabe aos que apóiam Lula a tarefa de desmistificar Collor e o seu projeto reacionário e conservador.

Lula, para ganhar as eleições, necessita ampliar sua base de apoio, sem no entanto, descaracterizar a fisionomia de esquerda de sua candidatura. É indispensável atrair o apoio do PDT, de Leonel Brizola, de setores progressistas do PSDB e do PMDB e o PCB, além de setores amplos da sociedade civil. No processo de negociação para ampliar a base de apoio da candidatura de Lula há uma

pressão no sentido de alterar o seu caráter de esquerda. Tal alteração seria um desastre, porque o que não pode acontecer nessas eleições presidenciais é o surgimento de um candidato de esquerda afirmando claramente que irá suspender o pagamento da dívida externa; que irá promover a retomada

do desenvolvimento econômico, com a distribuição da renda, através da elevação do poder de compra dos salários; que irá realizar a reforma agrária.

Não cabem alterações no programa que assegurou a ida de Lula para o 2º turno com mais de 11 milhões de votos. Torna-se imperioso, isto sim, uma precisão maior do projeto da Frente Brasil Popular. Neste sentido, torna-se necessário desmascarar as manobras da direita que tentam passar a falsa idéia de que a vitória de Lula representaria um golpe contra a classe média. Nada mais falso. O governo, dirigido por Lula, irá tomar medidas contra os favores que as empresas multinacionais e os grandes capitalistas têm recebido do Poder Público. As pequenas e médias indústrias nacionais serão estimuladas pelo governo da Frente Brasil Popular.

O mesmo ocorre com a questão da reforma agrária. O programa da Frente Brasil Popular, longe de se voltar contra os pequenos e médios produtores, irá colocar em prática uma política agrícola que estimule a produção voltada para o mercado interno e favoreça a pequena e média produção.

A ampliação da base da candidatura Lula é indispensável para a sua vitória. Não pode comprometer a fisionomia de esquerda da candidatura.

\*deputado federal em Goiás e membro da direção nacional do PCdoB

# Collor e seu calcanhar de Aquiles

Arquivo

Bastaram poucos dias após a realização do primeiro turno para que aparecessem com clareza as enormes contradições que marcam a candidatura com a qual as classes dominantes pretendem vencer o pleito. Se a esquerda enxergar e explorar com lucidez o ponto débil do adversário terá amplas condições para anular a estratégia demagógica e despolitizante que o presidenciável do PRN armou para sagrar-se presidente em 17 de dezembro.

## Antonio Martins

A seqüência dos fatos beira o insólito. No último dia 20 os presidentes das seis entidades que compõem o Fórum Informal dos Empresários de S. Paulo, e que juntas congregam talvez os segmentos mais poderosos e influentes da burguesia brasileira, reuniram-se na sede da Fiesp e, após um encontro que durou mais de seis horas, declararam unanimemente à imprensa seu apoio formal à candidatura de Fernando Collor de Mello. O posicionamento foi inequívoco. Mário Amato, o presidente da Fiesp, havia dito já no dia 17 que o Fórum em geral não trata de política, mas que desta vez o assunto "seria inevitável". E Flávio Telles de Menezes, líder da Sociedade Rural Brasileira, fez questão de frisar que a dimensão dos interesses envolvidos na disputa presidencial acabaria por "tirar as entidades empresariais do apartidarismo". Para justificar-se alegou, num pensamento que certamente esteve por trás da resolução adotada pelo Fórum, que a eventual eleição de Lula "é indesejável por possibilitar mudanças como a reforma agrária".

## Uma impressionante ginástica para negar apoio da Fiesp

Não foi preciso esperar mais que algumas horas após a divulgação dos comentários para que o candidato favorecido pelo apoio maciço do grande empresariado iniciasse um impressionante esforço para demonstrar que "dispensava" a adesão. O deputado Renan Calheiros, um dos assessores mais íntimos de Collor, foi encarregado de repetir a todos os jornais que "o apoio da Fiesp não tem nenhuma importância política, e poderia levar o PRN ao corporativismo".

Ainda mais desconcertante, contudo, foi o que ocorreu em seguida. Um dia depois das declarações de Calheiros, foi a vez da Coordenadoria de Imprensa da Fiesp e de líderes empresariais influentes saírem a campo para correr atrás do prejuízo. Em declaração sempre ambíguas e pouco esclarecedoras eles procuraram desmentir a posição anunciada solenemente na reunião do Fórum. A emenda pode ter saí-

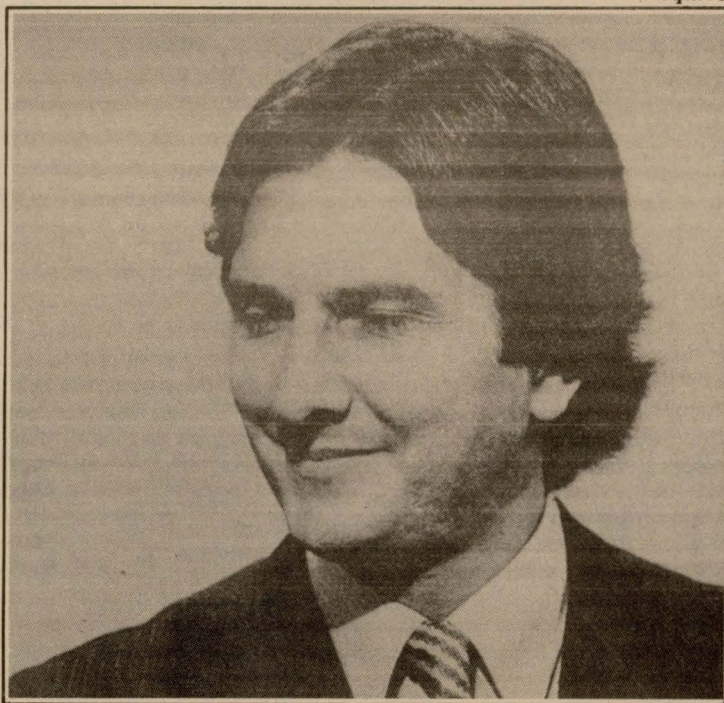
do pior que o soneto. Em nenhum momento os desmentidos foram capazes de negar o apoio do empresariado a Collor. Eles limitam-se a classificar como "erro", ou como "confusão muito grande" o fato dos líderes mais notórios dos grandes empresários terem tornado pública sua preferência pelo candidato.

Embora chame a atenção pela extrema inabilidade com que foi conduzido do princípio ao fim, o episódio da adesão dos empresários não pode ser visto como algo isolado. Ele só será bem entendido se for interpretado como um símbolo das graves contradições com que se debate a candidatura que foi levada pelas circunstâncias a representar na fase final da disputa a coligação de interesses das classes dominantes.

Tendo se lançado como candidato com base no prestígio pessoal que angariou ao ser apontado pelos meios de comunicação como "caçador de marajás", e visto por inúmeros líderes da burguesia como "um aventureiro", Collor jamais assumiu na campanha o papel de "candidato ideológico" das classes dominantes. Foi adotado por elas como única alternativa viável, num momento em que temiam um segundo turno disputado entre as duas cabeças do chamado "monstro Brizula". Mas dirigiu sua pregação eleitoral sempre para os mais pobres, aos quais lançava uma mensagem desprovida de qualquer substância política, porém calcada em suas supostas coragem e determinação para combater os poderosos e os privilegiados. Montado nestas bandeiras, e no apoio ostensivo e milionário do poder econômico, realizou por todo o país grandes comícios, e tornou-se folgadoamente o candidato mais votado no primeiro turno.

## No programa, negação completa do "combate aos poderosos"

O simples conhecimento de seu programa de governo, contudo, é suficiente para desfazer qualquer possível ilusão sobre o verdadeiro sentido de seus planos. Para manter a sustentação que lhe davam as classes dominantes, Collor foi assumindo cada vez mais cabalmente o projeto através do



Collor: incapaz de esconder docilidade com as classes dominantes.

qual os conservadores pensam ser possível superar a crise brasileira. No início desta semana a professora Zélia Cardoso de Mello, principal assessora econômica do candidato, definiu de forma clara algumas das medidas que seriam adotadas por um eventual governo do presidenciável do PRN.

É um conjunto de decisões comprometidas de forma inequívoca não com a mudança, mas com o aprofundamento do modelo de desenvolvimento cujos feitos Collor diz combater. Zélia afirma sem meias palavras que descarta inteiramente qualquer enfrentamento com os credores externos, aos quais o país é obrigado a remeter anualmente 15 bilhões de dólares. Propõe, ao invés disso, reiniciar o processo de "converção" da dívida em investimentos, que leva à desnacionalização mais profunda da economia e que chegou a ser suspenso, desde o início do Plano Verão, pelo próprio governo Sarney, por provocar fortes pressões inflacionárias.

## Mais politização, para vencer estratégia baseada na demagogia

Zélia também diz abertamente que deflagrará um amplo processo de privatização das empresas estatais, e que ele terá participação decisiva do capital estrangeiro. Chegou a declarar que é preciso oferecer aos investidores externos vantagens ainda maiores que as atuais, alegando que é preciso acenar a eles com incentivos semelhantes aos que lhes vêm sendo oferecidos nos países do Leste europeu. Garantiu aos credores da dívida interna, que nos últimos anos ganharam bilhões de dólares às custas do Tesouro e dos trabalhadores,

que não adotará qualquer medida capaz de reverter mesmo que parcialmente esta enorme transferência de recursos.

Compromissos tão amplos e multilaterais com a preservação dos interesses do grande capital só poderiam resultar em prejuízos ainda maiores aos trabalhadores e despossuídos, de quem Collor se diz "defensor". Conforme relatou no dia 22 o jornalista Clóvis Rossi, sem que tivesse havido qualquer desmentido, o programa econômico de Zélia Cardoso de Mello inclui até mesmo a substituição da política salarial vigente por outra ainda mais comprometida com o arrocho. Nos novos mecanismos sequer a reparação parcial das perdas causadas a cada mês pela inflação estaria garantida, ficando todos os reajustes subordinados a negociação nas "câmaras setoriais de preços", criadas pelo ministro Mailson da Nóbrega - que teriam suas atribuições ampliadas. Como se não fosse bastante, Zélia afirmou ao "Jornal do Brasil" no dia 19 que haverá ampla demissão de funcionários públicos; e reconheceu por fim que o conjunto de medidas que pretende adotar tem grandes possibilidades de conduzir o país à recessão, já em 1990.

Possuidor de um programa de governo que pode levá-lo a perder rapidamente o apoio de parcela significativa dos eleitores que o sufragaram no primeiro turno, Collor enfrenta ainda outra debilidade. Incapaz de realizar alianças com os partidos que poderiam dar a sua candidatura um colorido "socialdemocrata", sendo obrigado a aceitar acordos com setores claramente comprometidos com o que há de pior na "velha tradição política" contra a qual se pronunciou no primeiro turno.

O deputado Renan Calheiros chegou a realizar, nos dias 19 e 20, uma longa série de contatos com representantes do PDT, PSDB e PMDB, com o propósito de atraí-los para a candidatura Collor. Aos "tucanos", chegou a oferecer participação no ministério, a troco até mesmo de uma posição "neutra" na disputa final. Todas as tentativas de entendimento foram, porém, repelidas, talvez devido ao desastre eleitoral a que podem conduzir um eventual aderente, já nas eleições de 1990. Diante do triplice fracasso o candidato do PRN rompeu o que dizia ser um dos pressupostos básicos de sua política de alianças: não fazer acordos com as forças ligadas ao passado político do país. No dia 22 ele negociou pessoalmente com 15 deputados oriundos do PDS, do PFL e da antiga Arena, a maior parte deles membros destacados do "Centrão", o apoio a suas pretensões presidenciais.

Com vulnerabilidades tão flagrantes no terreno político, é natural que Collor procure a todo custo evitar que o segundo turno assuma o caráter de um confronto de idéias, entre os projetos políticos opostos que há para resgatar o país do atoleiro. O deputado Renan Calheiros disse dia 16 que "em hipótese nenhuma vamos permitir a polarização ideológica". E o deputado Cleto Falcão, outro dos coordenadores principais da campanha, revelou o tom demagógico, despolitizante e abertamente preconceituoso que o candidato pretende dar à disputa, ao anunciar que ele iniciará já no dia 24, no Rio Grande do Sul, uma série de comícios visando conquistar os votos dados a Brizola no primeiro turno. O mote da campanha, anunciou Falcão, será dizer que "Collor é neto de gaúchos, enquanto Lula é um nordestino que virou torneiro-mecânico em S. Paulo".

A vida ensina que nenhuma força política ganha nada menosprezando seus adversários. Embora primário, o esquema montado por Collor mostrou rara eficiência em 15 de novembro. Suas contradições internas tornaram-se mais agudas, agora. No entanto, a Frente Brasil Popular e seus militantes só poderão explorá-las se souberem sustentar as bandeiras progressistas que empunharam no primeiro turno, se conseguirem manter cada vez mais nítida a marca divisória entre as idéias progressistas e as conservadoras para o futuro do país, e ao mesmo tempo a defesa do avanço, e acima de tudo se forem capazes de aprofundar seu programa de mudanças e partir para um esforço ainda maior de esclarecimento político do eleitorado.

# FBP: fator novo na cena política

Pepe/Fóton

**José Reinaldo Carvalho**

Alguns fatores determinaram a vitória de Lula na apertada disputa com Brizola pela segunda vaga no primeiro turno das eleições presidenciais: o programa de 13 pontos, que contemplou as aspirações mais sentidas do povo brasileiro, a existência da Frente Brasil Popular, unindo as mais expressivas, lúcidas e combativas forças da esquerda brasileira, o candidato, incansável lutador e legítimo intérprete da revolta do povo, e a intensa mobilização de massas em grandes manifestações, sobretudo na fase final da campanha. A análise desse conjunto de fatores é feita neste jornal em diversos artigos, editoriais, entrevistas e principalmente nas páginas centrais, que registram as discussões realizadas pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil em sua reunião plenária de 19 e 20 últimos.

Um dos aspectos arrolados que cabe destacar neste artigo é a reflexão sobre o significado da Frente Brasil Popular, seu caráter, suas potencialidades e a contribuição que deu para a conquista alcançada.

A idéia da frente das esquerdas para enfrentar a batalha sucessória suscitou, desde dezembro do ano passado, intensa polêmica no movimento democrático e popular e logo se tornou uma linha demarcatória entre concepções opostas sobre como conduzir a luta política e social.

Setores extremados da esquerda, raciocinando a partir de esquemas historicamente falidos, opuseram-se tenazmente à idéia, insistindo na teca desafiada que sinaliza o isolamento político da classe operária e do movimento popular. Engrossou o coro antifrentista a voz dissonante do PCB, a partir de posições de direita. Os revisionistas publicaram vários artigos nos jornais da grande imprensa assinados por seus dirigentes e seu candidato, Roberto Freire, arguindo que a estratégia de construção da frente constituía uma ameaça à ordem democrática (sic!). Além de provocar a divisão das forças democráticas e populares, o PCB apostava num resultado favorável ao centro.

Ficou patente que a existência da FBP foi decisiva para a vitória de Lula no primeiro turno. Mas a importância da discussão sobre ela extrapola em muito a análise do quadro eleitoral. Tem a ver com o debate sobre os caminhos e as formas do processo de luta pela emancipação nacional e social do povo brasileiro. A campanha eleitoral de massas que a Frente Brasil Popular realizou, o programa que defendeu e as energias que os três partidos integrantes puseram em

movimento, colocaram em foco um dado novo no quadro político e social do país: a emergência de uma força popular unitária, organizada e dotada de um programa imediato de mudanças radicais. Este fator novo confere originalidade ao processo de luta política no Brasil.

A originalidade reside, em primeiro lugar, no fato de a FBP ter se constituído a partir de uma convergência de forças políticas sem hegemonia decretada previamente e com os espaços e a independência dos partidos assegurados. Segundo, no fato de a FBP não ter nascido pronta e acabada. O próprio desenrolar da campanha eleitoral em suas diferentes etapas mostrou que a frente foi se consolidando paulatinamente, à medida que avançava na superação de obstáculos e preconceitos mútuos. Terceiro, no fato de que, tendo por mira um alvo tático imediato - ganhar as eleições presidenciais - a FBP configurou-se igualmente como um nú-

ca do povo e um sentimento das massas, muitas vezes imperceptível e até instintivo, favorável à unidade.

A experiência de luta dos povos, o verdadeiro sujeito da história, mostra em seu inexorável desenvolvimento que as idéias e os esquemas conceituais surgem a partir da maturação da realidade objetiva. Precisamente o oposto do que pensam os idealistas, para os quais os esquemas teóricos condicionam a realidade. No caso brasileiro esta verdade aparece com toda a sua lógica férrea. Há décadas o proletariado e as massas trabalhadoras lutam por sua emancipação. Essa luta passa muitas vezes por caminhos desconhecidos, descobre formas novas, atravessa altos e baixos, mas sempre avança. Grandes jornadas de caráter democrático, popular e nacional marcaram época, como a da Aliança Nacional Libertadora de 1935, a luta pela redemocratização em 1945 e, mais recentemente, o movimento pelas diretas-já,

Pepe/Fóton



**A campanha da FBP despertou as massas e levou milhões de pessoas às ruas**

cleo, um pólo de forças transformadoras com sentido estratégico, estrutural.

Deve ser objeto de reflexão também o motivo que levou à criação da Frente. Sem dúvida, ela é fruto de amadurecimento político dos três partidos, de uma decisão política estudada e ponderada. Mas essa decisão é, por sua vez, resultado de um fator objetivo - o avanço da consciência política

para citarmos apenas alguns exemplos. Em todos eles esteve presente o sentimento de unidade, mas as forças democráticas e populares não chegaram a encontrar a forma de lhe dar expressão orgânica, salvo a efêmera experiência da ANL.

Assim, não é à toa que aparece no cenário nacional a FBP. Ela é chamada a cumprir o papel de preencher essa lacu-

Jesus Carlos/Fóton



**Lula e Bisol, candidatos da Frente Brasil Popular**

na histórica. Se conseguirá ou não, somente a própria história poderá responder. Mas é certo que as condições iniciais para isso estão surgindo. O amadurecimento e consolidação da unidade popular dependerá do desenvolvimento das lutas, do esforço para conquistar as postulações do programa de 13 pontos e, principalmente, da manutenção de uma conduta ampla e flexível dos partidos nela interessados, uma atitude em tudo avessa ao exclusivismo e às práticas sectárias, baseada no entendimento de que o projeto da frente não é partidarista. Muito mais que isso, é um projeto que consulta os interesses da maioria da nação. O programa de 13 pontos não contempla a visão de um só partido ou classe social. Ele significa, nas condições atuais, o equacionamento dos graves problemas do país, cuja solução, se adiada por mais tempo, implicará o prolongamento da degradação da vida econômica e social. Por isso mesmo, é uma bandeira capaz de unir, aglutinar e mobilizar milhões e milhões de brasileiros.

O Brasil vive momentos cruciais de sua história. Está em

jogo se ele supera os fatores de atraso, batendo as forças reacionárias e resolvendo as contradições que arrastam o seu desenvolvimento, ou se abrirá caminho à conquista da liberdade, da independência e do progresso social. O fator que decidirá esse dilema será a luta e a unidade do povo. Quem quiser marchar pelos sinuosos e desafiadores caminhos do avanço da história se colocará naturalmente a favor dessa posição. Quem provocar a divisão será arrastado pela voragem dos fatos, até porque, como sugeriu Shakespeare, "é inútil lutar contra o que tem de ser".

A consolidação da unidade não é um movimento retilíneo nem simples. Apresenta complicações, exige esforço de engenharia política e muita clareza de objetivos. Cada batalha vencida coloca problemas novos exigindo soluções igualmente inovadoras. Os lutadores de vanguarda do proletariado, baseados na ciência e no conhecimento da experiência histórica, hão de saber construir essa magnífica obra da qual está a depender a vitória da luta de libertação do povo brasileiro.

Cibele Aragão/Fóton



**CDM**

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Urnas revelam mediocridade do PCB

Umberto Martins

Quando amanhece vão-se os fantasmas, e também as ilusões. Abertas as urnas, eis que o PCB aparece no tamanho de sua mediocridade. O candidato do partido revisionista, Roberto Freire, obteve em todo o país apenas 769.123 votos, quantia inferior a 1% do eleitorado (82.074.718) ou ligeiramente superior a este patamar (1,06%) se forem considerados somente os votos válidos (subtraindo-se as abstenções, nulos e brancos).

Foi preciso que a apuração dos votos no país estivesse bem avançada para que dirigentes e militantes do PCB despertassem do sonho dourado que até então havia embalado a candidatura Freire. Eles não conseguiram disfarçar o desencanto. Roberto Freire confessou que esperava um resultado mais generoso das urnas e não foi capaz de sustentar a empáfia com que vinha se conduzindo até a reta final do pleito.

## Ilusões

O contraste com o otimismo e a presunção dos dias anteriores chega a ser patético. Dia 14 de novembro os jornais registravam a avaliação de Freire dando conta de que o PCB tinha sido o partido mais vitorioso da campanha presidencial, por isto já reivindicava o direito de ser "o eixo da negociação" de uma frente capaz de garantir a vitória das forças democráticas e populares no segundo turno. Cheio de si, no dia 14 já ensaiava sábios conselhos à Frente Brasil Popular: "a esquerda não poderá entrar nesse processo sem perspectiva histórica". Ora, ora. Quanta coragem!

Talvez seja mais proveitoso, inclusive ao parlamentar pernambucano, indagar sobre as perspectivas do seu partido, o PCB, na histórica eleição de 15 de novembro e os motivos de suas ilusões. Desde o início do processo estava patente, para quem quer enxergar, que

a eleição criava uma perspectiva histórica nova, ímpar no país, ao abrir enormes possibilidades de vitória de um candidato das esquerdas. Muito já foi dito sobre o significado deste provável resultado e sempre esteve claro que, para alcançá-lo, era imprescindível a união das forças de esquerda, como, aliás, foi depois comprovado pelas urnas.

O fato é que neste raro momento de nossa história o PCB orientou-se por uma perspectiva menor, de pigmeu político, na esperança de colar os cacos em que tinha se transformado e tirar pequenos proveitos dos 5 minutos diários no rádio e na televisão e também da onda oportunista que a burguesia vem fazendo em torno da **pe-restroika**. Foi uma conduta divisionista, que contribuiu para confundir o povo sobre as opções que estavam colocadas. E o senhor Freire ainda se julga no direito de dar lições sobre perspectiva histórica. Qual?

O eleitorado desprezou o jogo dos revisionistas, mas eles ainda relutam em entender o que ocorreu. Dizem-se vítimas do voto útil e em Pernambuco, onde esperavam a primeira colocação e amargaram um humilhante quinto lugar com míseros 3% dos votos, Freire chegou a culpar Miguel Arraes pelo fiasco do PCB. A resposta do governador foi esclarecedora: "Não fui eu quem fez promoção pessoal nem de um partido. Minha preocupação foi unir as forças de esquerda e nesse processo o PCB entrou

na contramão da história", salientou.

## Polarização

Pela posição que ocupou no processo eleitoral, a candidatura Freire visou beneficiar os setores situados ao centro, especialmente Brizola e Covas, subtraindo votos da Frente Brasil Popular. Este objetivo foi ocultado pelos dirigentes do PCB, porém Freire deixou escapar em diversas ocasiões sua preferência pelos candidatos centristas. Em um artigo que escreveu para o jornal "Folha de S. Paulo" no início da campanha, ele deixou claro que temia uma polarização entre esquerda e direita, expressando o pavor e a covardia pequeno-burguesa em momentos que prenunciavam mudanças — um sentimento conhecido e que ainda continua bem presente na campanha para o segundo turno.

Como era de se esperar, a burguesia e sua mídia gostaram do bom-mocismo de Freire e não lhe pouparam elogios e agradecimentos, certos de que roubava os votos de Lula. Mário Amato, aterrorizado com as chances da Frente Brasil Popular, revelou-se encantado com o candidato do PCB, que também recebeu afagos de Roberto Marinho, dono da poderosa Rede Globo, que concedeu a Roberto Freire um espaço maior que Lula, e outras personalidades do gênero.

O espaço do cidadão na mídia foi tão generoso que provocou uma jocosa revisão de conceitos sobre a imprensa burguesa na cabeça dos dirigentes pecebistas. O "teórico" Régis Frates, em artigo publicado na "Folha de S. Paulo" (e republicado na "Voz da Unidade", órgão oficial do PCB), descobriu que as considerações sobre parcialidade da grande imprensa e a subordinação das notícias aos interes-

ses das elites eram coisas do passado, superadas, que precisavam ser refeitas, pois jornais, rádio e televisão tornaram-se subitamente objetivos, divulgando notícias isentas, sérias, eticamente irrepreensíveis, como convém na "modernidade", além de outras saujices semelhantes.

A troca de carícias entre o PCB e representantes da grande burguesia foi impressionante. Freire ganhou voto e apoio inclusive do ministro da Justiça, Saulo Ramos. Encheram tanto a bola do garoto que ele acreditou seriamente que receberia uma avalanche de votos no dia 15 de novembro. Por diversas ocasiões assegurou em seu programa de televisão que não estava competindo por competir mas possuía condições de chegar ao segundo turno (sic).

Não descuidou, contudo, de sua tarefa primordial: tirar votos do candidato da FBP. Por mais de uma vez desafiou Lula e criticou a frente na televisão, apresentando-se como verdadeiro candidato da esquerda e único representante "socialista" digno do voto dos trabalhadores. O problema é que a influência de Freire e PCB no movimento popular organizado, que trabalhou massivamente (pelo menos 80%) para a Frente Brasil Popular, é desprezível. A tentativa de polarizar com Lula gorou.

## Propostas

Além de ser inofensivo do ponto de vista eleitoral, e dividir as esquerdas, o PCB também agradou à burguesia por suas propostas conciliadoras e moderadas. Sobre a dívida externa, por exemplo, embora levantasse a possibilidade de moratória, Roberto Freire sempre deixou claro que pretendia negociar de forma "civilizada" com os banqueiros e prometia pagar juros e princi-

pal, descartando uma solução mais radical.

Foi mais generoso com o capital estrangeiro no tocante à política que pretendia desenvolver em relação às multinacionais. Criticou o nacionalismo, alegando que era um conjunto de idéias arcaicas, hoje fora da realidade. Afirmou que na década de 50 tinha sido nacionalista e já estava errado; atualmente havia chegado à conclusão de que os investimentos estrangeiros são não apenas imprescindíveis como ainda benéficos ao processo de desenvolvimento econômico do país, jogando no time dos que defendem a chamada internacionalização da economia.

Freire colocou-se ao lado de Sarney, apoiando o projeto de privatização do governo, sob o pretexto de que é preciso transferir algumas empresas estatais à iniciativa privada. Tais idéias evidenciam uma nova guinada à direita no pensamento dos revisionistas brasileiros, explicada sobretudo pelos recentes acontecimentos no Leste europeu, onde se conclui a obra reacionária de restauração do capitalismo e as economias são prontamente abertas aos bancos estrangeiros e às multinacionais. O modismo "neoliberal" do PCB é muito apreciado pelas elites, que viram em Freire um candidato sério, equilibrado, moderno e cheio de outras virtudes.

O sucesso do PCB junto à burguesia e sua mídia, entretanto, não se traduziu em votos, tal como sonharam e se iludiram os revisionistas. As urnas reservaram-lhe um rotundo não, um indiscutível fracasso, evidenciando o repúdio do povo ao divisionismo. Feitas as contas, depois de apurados os votos, vê-se que o partido revisionista é tão medíocre quanto as idéias que defende.



# Atuação dos comunistas em SP ajudou Lula a chegar ao 2º turno

**Olival Freire Jr., 35 anos, presidente do diretório regional do PCdoB em São Paulo, em entrevista à A Classe Operária, fala sobre o desempenho da candidatura de Lula em São Paulo no 1º turno e a participação dos comunistas durante a campanha.**

**Classe:** Como você vê a queda da candidatura da esquerda e o crescimento da de direita se comparado às duas últimas eleições em São Paulo?

**Olival:** A queda foi bem mais pronunciada na Capital e em Campinas. Em comparação a 1988 não se pode dizer que houve queda, pelo contrário, houve um crescimento no conjunto do interior do Estado. Não temos ainda uma avaliação exaustiva, mas as discussões iniciais apontam para alguns fatores que contribuíram para esse resultado adverso. O primeiro deles é que nós perdemos votos de parte expressiva da classe média, que ficou atemorizada com possíveis "riscos" que a vitória de Lula poderia trazer. Certos boatos espalhados na cidade afirmavam que Lula ganhando, quem tem dois carros vai ter que ceder um para o Estado, quem tem casa com quatro quartos vai ter que ceder dois. A isso somou-se também a pressão da direita mas, em parte, a perda desses setores também se relaciona com a fraca afirmação de um projeto de desenvolvimento nacional alternativo na campanha do Lula.

A campanha acentuou bem o problema da distribuição de renda, mas acentuou pouco que o projeto da Frente Brasil Popular não vai reduzir o desenvolvimento do país, pelo contrário, ela é a afirmação do desenvolvimento econômico independente. Portanto, esta distinção não foi suficientemente marcada na campanha e ela deve ter contribuído para reduzir a votação na classe média. O que nós não podemos pensar é que os interesses dos setores médios da população vão estar preservados no atual modelo econômico que está em crise, que é uma verdadeira bomba de efeito retardado. Nós temos que demonstrar que os interesses desses setores vão estar melhor representados num país que busque a independência econômica, tecnológica etc.

**Classe:** Procede o comentário corrente de que o "efeito Erundina" teria prejudicado o desempenho de Lula em São Paulo?

**Olival:** É sintomático que não houve desempenho satisfatório principalmente nas cidades administradas pelo PT, espe-

cialmente no caso de São Paulo, onde o resultado é mais pronunciado. Nós pensamos que aí atuou um fator muito concreto: a eleição de Luiza Erundina em 1988 despertou uma expectativa muito grande de mudanças significativas na vida da cidade e essas expectativas não foram satisfeitas e aí se tem uma certa frustração dos mais variados setores pelo desempenho político-administrativo do PT, mas não se pode condenar essas administrações como sendo antipopulares e antidemocráticas, não se trata disso. São administrações transparentes, honestas, democráticas; só que a expectativa de eleger Erundina não foi só essa. Certas características exclusivistas que têm marcado a administração dificultam um apoio mais expressivo de segmentos da população, inclusive a Câmara Municipal. Outro fator foi a denúncia feita por Ronaldo Caiado, o obscuro direitista da UDR, acusando de corrupção a Prefeitura de São Paulo — o chamado Caso Lubeca — que mais adiante se revelou um embuste, já que ficou provado que nada houve que comprometes-se a administração. A forma defensiva com que a questão foi tratada gerou muita hesitação, muita confusão e mesmo muita dúvida sobre os fatos que realmente teriam ocorrido. A imprensa noticiou com destaque desde os dias 22 e 23 de outubro, porém só no início de São Bernardo-SP, no dia 3 de novembro, é que se passou a uma resposta mais ofensiva por parte da FBP, desmascarando a denúncia forjada pelas classes dominantes, desesperadas com a possibilidade da vitória de Lula. Esse período de hesitação, portanto, transmitiu insegurança e dúvidas ao eleitorado. Se não chegou a tirar votos, no mínimo paralisou a iniciativa da campanha.

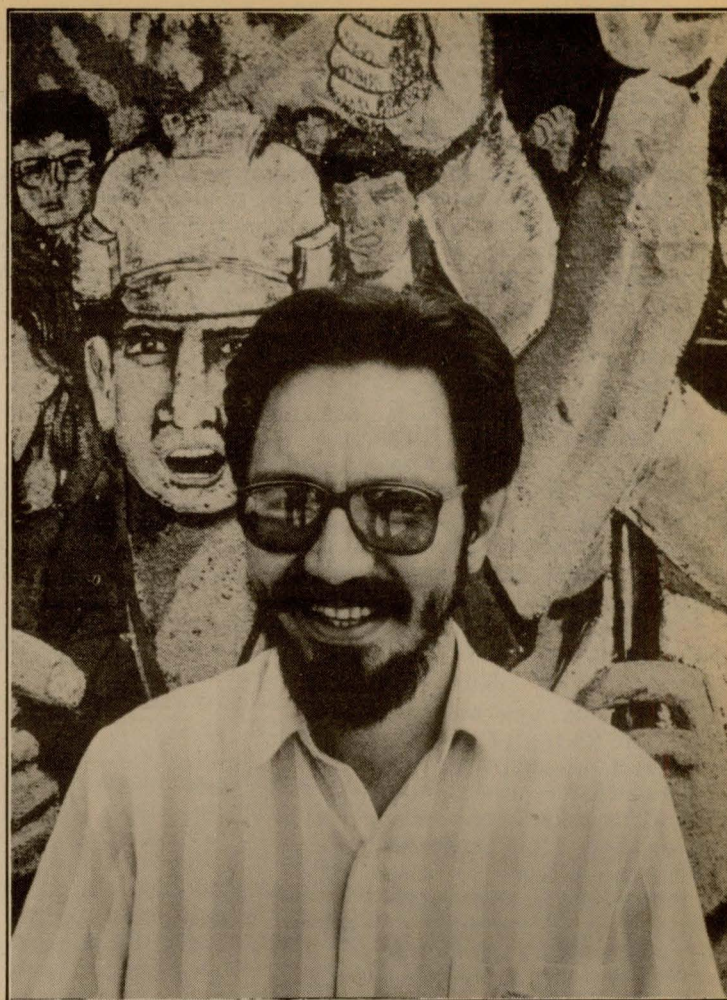
**Classe:** No dia 17, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou uma matéria onde procura captar o pequeno desempenho de Lula em São Paulo e afirma que houve uma certa perda de terreno por parte da esquerda principalmente por não saber levar um projeto de mudanças que contentasse a classe média. Como você vê essa afirmação?

**Olival:** Essas afirmações não correspondem à realidade porque o "Estado de S. Paulo" procura esconder certas questões. Vejamos: o vencedor em São Paulo foi Collor. Não se pode dizer que ele vai representar um instrumento de mudanças. O voto em Collor é o voto da massa despolitizada, que viu nele um instrumento — na verdade enganoso — de mudanças. Não se pode dizer em qualquer canto do Brasil que o voto em Collor foi um voto à direita, uma tendência conservadora do eleitorado. Foi um voto pouco politizado, de quem acha que nós precisamos de um salvador da pátria para enfrentar os problemas do país.

Pensamos que hoje não só a classe média mas os setores progressistas em geral enfrentam uma grande ofensiva ideológica do capitalismo mundial, alicerçada na reintrodução clara dos mecanismos capitalistas no Leste europeu. Essa ofensiva feita pelas classes dominantes sem sombra de dúvida traz conseqüências ao Brasil. Um companheiro nosso costuma dizer que a classe operária, o movimento revolucionário, está pagando essa conta duas vezes. Nós pagamos a primeira vez quando o Leste da Europa, principalmente a União Soviética, abandonou o caminho da construção do socialismo e buscou uma via capitalista. E nós estamos pagando pela segunda vez na medida em que os fracassos econômicos pela adoção dos mecanismos capitalistas são atribuídos ao socialismo e não à introdução do capitalismo.

No caso do Brasil, quanto ao comportamento da classe média, pensamos que há um fator muito determinante ligado à situação brasileira. A magnitude da mudança que se espera com estas eleições provoca uma vacilação maior em determinados setores. Nós da FBP não fomos capazes de esclarecer que não se trata de levar o país à anarquia e ao caos, mas sim para um novo patamar de desenvolvimento, uma superação desse modelo econômico e a busca de um desenvolvimento independente. Pensamos, portanto, que esses fatores são mais circunstanciais e com um intenso trabalho político poderemos reverter esse resultado num prazo relativamente curto.

**Classe:** Como foi a participação do PCdoB na campanha em São Paulo, com sua militância, com sua política, na tentativa de influenciar na campanha da FBP?



**Olival; imprescindível a existência de um PCdoB forte em SP**

**Olival:** E fato que a existência da FBP e essa alternativa para o eleitorado, que viabilizou a disputa no 2º turno, é proposta formulada primeiramente pelo PCdoB aqui em São Paulo no dia 13 de janeiro, pelo presidente nacional do Partido, João Amazonas, em ato na Assembléia Legislativa. Essa proposta foi defendida com firmeza, com decisão, com espírito de unidade, num momento difícil de estruturação da frente. A influência dos comunistas em São Paulo se destacou na militância, que se expressou em todos os principais centros paulistas. Em 1988, fizemos campanha em 60 cidades. A nível de PCdoB, esse ano fizemos campanha em 128 cidades. Houve um empenho decidido de nossa militância ao lado da militância do PT e PSB e uma atitude mais decidida frente aos adversários, e também uma busca mais firme de demarcação de campo com aqueles que procuravam confundir o voto à esquerda, como Roberto Freire. O PCdoB saiu dessa campanha prestigiado, fortalecido e se prepara para enfrentar um desafio maior ainda. Temos a expectativa de dar um grande impulso à campanha eleitoral, mas também no curso dela ampliar as fileiras do Partido, porque entendemos que a sustentação da FBP e a sustentação de um governo de esquerda passa pela existência de forças de esquerda fortes e, portanto, pela existência de um PCdoB forte no Estado.

**Classe:** Quais são os planos da FBP para no 2º turno superar o primeiro resultado e qual a estratégia de mobilização que será aplicada?

**Olival:** Ainda está em discussão na FBP, mas nós pensamos que primeiro não devemos considerar o eleitorado de Collor um eleitorado cativo. Aqui em São Paulo, pretendemos acentuar bastante os apoios que Collor tem recebido e que ele é o candidato da direita, das forças mais conservadoras e reacionárias da nossa sociedade. Assim, Mário Amato e o fórum de empresários da FIESP passaram a apoiar Collor abertamente e também o agente da CIA no movimento sindical, Antonio Rogério Magri. Afora apoios tradicionais como o de Antonio Carlos Magalhães, Roberto Marinho e Roberto Campos. Uma preocupação, então, é revelar isso ao eleitorado, que deverá mudar o voto do 1º turno para o 2º. Outro elemento é buscar o apoio do eleitorado progressista e democrático que se expressou no caso de São Paulo, principalmente na votação do Mário Covas. Nós queremos fazer um apelo às lideranças e principalmente ao eleitorado de que é preciso barrar a consolidação das forças de direita no governo federal.

Cabe lembrar que a campanha do 2º turno é muito curta. Nela a TV terá papel de maior relevo que no 1º turno. Nosso plano de mobilização prevê um grande comício, mais um ou dois no interior, desenvolver um intenso trabalho de corpo a corpo em geral, sem a presença do candidato, e eventualmente com a presença. Também não se apoiou fundamentalmente na presença de Lula porque ele deverá se concentrar na preparação dos programas de televisão.

# Nordeste foi decisivo para chegar ao segundo turno

“Foi a maior manifestação pública da história eleitoral de Pernambuco”, comentava o respeitado colunista político Inaldo Sampaio, no programa “Bom Dia Pernambuco”, da TV Globo, referindo-se às 80 mil pessoas que se concentravam na noite de 7 de novembro, no centro do Recife, para aplaudir Lula e as lideranças da Frente Brasil Popular. E ainda chamava a atenção para o fato de que a multidão fora seguidas vezes levada a verdadeira explosão de entusiasmo quando os oradores abordaram temas como a suspensão do pagamento da dívida externa e a reforma agrária, denotando o nível de politização a que chegara a campanha.

Na verdade, atos públicos como o de Recife foram a característica da campanha nas capitais e cidades interioranas nordestinas visitadas por Lula. Em Salvador, o comício do dia 8 de novembro reuniu cerca de 200 mil pessoas na Praça Castro Alves. Este terá sido um fator decisivo para os resultados obtidos nas urnas: o Nordeste contribuiu com 3.423.646 votos, exatos 29,4% do total alcançado por Lula no conjunto do país; 1.832.267 de vantagem sobre Brizola na Região, principal adversário na disputa pela segunda vaga ao segundo turno.

A expressiva votação de Lula no Nordeste significa uma tremenda derrota das oligarquias, que se dividiram entre vários candidatos — de Collor a Brizola, passando por Ulysses, Afif, Maluf, Aureliano e, em Pernambuco, até Roberto Freire. Além do fato de que parte dos votos dados a Collor refletem o protesto atrasado do eleitorado menos esclareci-

do, que o identifica como oposição à ordem vigente, há que considerar que Brizola construiu sua campanha principalmente com o apoio do que há de mais conservador na região, a exemplo das famílias Torres e Maia em Alagoas e no Rio Grande do Norte e do grupo do prefeito Wilson Braga, de João Pessoa. Em alguns casos, juntou-se ao “rebotalho das oligarquias”, na expressão de um prefeito pernambucano ao explicar ao governador Miguel Arraes, no final de outubro, sua negativa em apoiar o candidato do PDT.

Tamanho êxito não teria sido possível sem a confluência do crescimento geral da campanha no país e da mensagem veiculada através da “Rede Povo” com peculiaridades importantes que marcaram a campanha da Frente Brasil Popular na região, como uma intensa luta de idéias, num confronto cotidiano nas páginas da imprensa entre a pregação unitária da FBP e as teses divisionistas de Roberto Freire e Brizola.

Num ambiente dominado pelo atraso econômico e pela extrema miséria em que vive a maior parte do eleitorado, onde ainda é frágil o movimento popular e era forte a influência dos partidos e dos líderes das classes dominantes, a Frente Brasil Popular iniciou sua trajetória reunindo forças ainda débeis e, com exceção da Bahia, eleitoralmente pouco expressivas se comparadas com as dos adversários. Para atingir o grande eleitorado, teve que combinar intensa atividade junto ao povo, através dos comitês de base, com um esforço decidido de ampliação



PCdoB proeminente na Bahia

junto à classe média e a lideranças e grupos políticos da área progressista. “Nós sabíamos que sozinhos seria impossível vencer”, diz Francisco Rocha, dirigente do PT e coordenador executivo da campanha em Pernambuco. “A nossa unidade e o esforço consciente de superar a visão estreita foram decisivos”, explica Simão Almeida presidente do PCdoB e dirigente da Frente Brasil Popular na Paraíba.

Em Pernambuco, essa limitação inicial se apresentava mais grave pelo fato de que lideranças de prestígio e reconhecida força eleitoral na área considerada de esquerda se achavam comprometidas com outras candidaturas. O ex-prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos apoiou Ulysses e o governador Miguel Arraes permaneceu indefinido até cinco dias antes do pleito, enquanto Fernando Lyra disputava as eleições como vice de Brizola e o deputado Roberto Freire, candidato pelo PCB, iniciava ostentando 17% das preferências na pesquisa Data-

folha, e teve, sempre, amplo espaço nos meios de comunicação. Havia ainda o atual prefeito da Capital, Joaquim Francisco, do PFL, eleito em 1988 com mais de 100 mil votos de diferença num colégio eleitoral de pouco mais de 600 mil votantes, que dedicava-se de corpo e alma à campanha de Collor de Mello. Mas, ao final, foi ampla a vitória de Lula na Área Metropolitana e na Zona Canavieira sobre Collor e Brizola — justamente onde se concentrava o proletariado, a classe média e os assalariados rurais. E Roberto Freire amargou sobretudo fracasso ao obter uma votação nana.

Aí, mais uma vez, a mobilização de massas foi fator decisivo, seja para criar o clima de empolgação que antecedeu o dia 15, seja para consolidarem na fase final, a conformação ampla da Frente. No Comitê Estadual, inicialmente constituído pelo PT, PSB, PCdoB, Movimentos Evangélicos com Lula, deputados peemedebistas Oswaldo Lima Filho e Maurilo Ferreira Lima e “Setores Progressistas do PMDB”, ingressaram vários outros grupos progressistas, da área de influência do PMDB, com as adesões de prefeitos e ex-prefeitos, do ex-Secretário Estadual de Saneamento José Carlos Melo e, por fim, do Secretário de Desenvolvimento Urbano Pedro Eurico, caracterizando o comprometimento do governador Miguel Arraes com a candidatura de Lula. Arraes afirmou seu compromisso justamente nas primeiras horas da quarta-feira, 8, após o comício do Recife, quando se reuniu em sua residência com Lula, o senador Bisol e o presidente nacio-

nal do PCdoB, João Amazonas, e outras lideranças da FBP, e assumindo a decisão de “liberar” secretários de Estado e lideranças e prefeitos do interior para se integrarem à campanha.

A participação do governador Miguel Arraes tem relevância, em razão do inegável prestígio popular que ostenta e da influência que exerce sobre a esquerda do PMDB nacional e segmentos progressistas da Região. O intenso relacionamento sustentado entre dirigentes da Frente e o governador nos últimos quatro meses, com destaque para o PCdoB, sempre buscando aprofundar pontos de convergência acerca do Programa dos 13 Pontos, terminou funcionando como elemento de inibição de outra opção de sua parte, face às pressões constantes que recebia de auxiliares e seguidores, que durante muito tempo se inclinavam pela candidatura de Brizola, além do próprio assédio que lhe movia o PDT. A Frente Brasil Popular, com contribuição destacada do presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, e dos deputados comunistas Haroldo Lima e Aldo Arantes, soube atrair o apoio das forças lideradas por Arraes, mediante paciente esforço de unidade combinado com o trabalho realizado junto à classe média, de reconhecido poder de mobilização na Área Metropolitana do Recife e às massas assalariadas em geral. “A massa passou para Lula”, sentenciava José Paulo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso, Zona da Mata, Sul de Pernambuco, às vésperas da adesão de Arraes.

## Votos de João Pessoa são da FBP

A Frente Brasil Popular não só venceu as eleições em João Pessoa, derrotando o prefeito Wilson Braga, do PDT, e o governador Tarcício Buriti (PRN), mas também conseguiu do litoral ao sertão da Paraíba uma proeza que demonstra o ardente desejo de mudança do povo: simplesmente destruiu currais — eleitorais mantidos há dezenas de anos a base do clientelismo e da trulência dos coronéis.

Na tarde do dia 19, o Tribunal Regional Eleitoral divulgou os resultados finais da apuração em todo o Estado, revelando dados que deixaram atônitos os analistas e chefes políticos, que duvidavam da força militante da Frente Brasil Popular (FBP). Luiz Inácio Lula da Silva obteve 311.303 votos, atingindo um percentual de 21,39% no Estado. Collor de Mello, o caçador de si, que perdeu em diversos municípios importantes, chegou em primeiro lugar com 31,14% dos votos, enquanto Leonel Brizola teve 184.406 votos, equivalentes a 12,67%. Ulysses Guimarães, em quarto lugar, ultrapassou o tucano Mário Covas.

A capital, João Pessoa, deu a resposta à política de terra arrasada dos governantes tradicionais. Abraçando bandeiras do PCdoB, do PT e do PSB, colocou Lula em primeiro lugar, o que já se pronunciava nas grandes manifestações de rua realizadas ao longo da campanha pela FBP. Lula obteve 54.054 votos.

Em Campina Grande, as forças progressistas, somadas, bateram com folga o candidato da Rede Globo Lula obteve 31.767 votos; Mário Covas, 23.997 votos; Brizola, 14.829. Collor ficou em primeiro, mas somente com 38.693 sufrágios.

Mesmo apoiado por esquemas considerados imbatíveis, Collor sentiu a força do protesto popular. Perdeu feio em municípios como Cajazeiras, Souza, Pombal, Catolé da Rocha, Aguiar, Santa Helena e Bananeiras — do Sertão até o brejo.

Mas não ficou só nisto. O esquema “collorido” foi derrotado na zona canavieira, que concentra 150 mil assalariados das usinas de

cana e destilarias, já livres do chicote e das peias dos suseranos feudais. O proletariado desta área, que sofre uma brutal exploração mas não foge à luta, abraçou as propostas de reforma agrária e de outras transformações econômicas, políticas e sociais da Frente Brasil Popular.

A campanha, porém, não revelou apenas a disposição de luta e a preferência dos paraibanos pela Frente Brasil Popular. Despertou também o povo para o destacamento de vanguarda mais avançada, o Partido Comunista do Brasil, que filiou inúmeros novos combatentes. Somente na zona canavieira, mais de 100 novos militantes foram recrutados, o mesmo aconteceu nas escolas, universidades, bairros e fábricas.

Assim o PCdoB cresce, se fortalece e se consolida. Crescem também os demais partidos que compõem a Frente Brasil Popular. Da mesma forma, sai reforçada a esperança do povo numa nova sociedade, como diz o poeta. “se muito já foi feito mais vale o que será”. (Miguel Lucena, correspondente da Classe, na Paraíba)

## Em Salvador, estrondosa vitória sobre Collor

O candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, obteve uma bela votação na Bahia: ficou com 1.050.550 votos, 22,3% do total de votantes. Houve um grande número de abstenções, 1.184.436, tendo o candidato da direita, Fernando Collor de Mello, alcançado a primeira colocação, com 29%.

A parcela mais consciente e avançada do eleitorado, concentrada na capital, Salvador, votou massivamente em Lula, reservando uma fragorosa derrota para Collor e um dos seus principais cabos eleitorais, o prefeito Fernando José. A FBP ficou com 40% dos votos da capital; já Collor não alcançou um terço da votação de Lula.

A expressiva votação da frente deve ser atribuída ao novo vigor, à unidade das forças mais progressistas, que apresentaram uma alternativa nova para o povo. Não pode haver dúvidas de que o

eleitorado manifestou uma clara repulsa aos fracassados governos do PMDB no Estado e preparase para acertar suas contas com as velhas oligarquias. A FBP aparece aos olhos do povo como a coisa nova da política brasileira.

O PCdoB foi uma força destacada na articulação da frente dentro do Estado da Bahia, assim como na mobilização de massas — na campanha registraram-se as maiores concentrações populares dos últimos anos no Estado, como o comício realizado na Praça Castro Alves, dia 8 de novembro, que reuniu mais de 100 mil pessoas, algo que só se compara ao encerramento do carnaval.

A performance da frente é fruto sobretudo do esforço da militância do PCdoB, PT, e PSB baianos, que sai fortalecida numericamente bem maior e bastante revigorada. (Elias Ramos, secretário de organização do PCdoB na Bahia)



## O brizolismo mostrou sua força no Rio e RS

Arquivo

Confirmando os prognósticos realizados antes das eleições, o candidato do PDT, Leonel Brizola, obteve uma consagrada votação no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul — terceiro e quinto colégios eleitorais do país —, estados que lhe concederam mais de 50% dos votos. Além de paten-tear a força da liderança pessoal de Brizola, o resultado também mostra que o trabalhismo se manteve como corrente política no país, ao menos até essas eleições.



Lula foi bem votado em Volta Redonda

O voto em Leonel Brizola foi, sem dúvida, uma opção à esquerda feita pelo eleitorado, uma escolha progressista que deve ser canalizada no segundo turno em apoio à Frente Brasil Popular. Embora apresentasse propostas dúbias e acenasas com medidas de cunho "neoliberal" e uma mensagem ultrapassada, o candidato do PDT dirigiu-se ao eleitorado com um discurso que incorporava algumas bandeiras nacionalistas, apontando o que chamou de "perdas internacionais" como causa principal da crise econômica e social do país.

No Rio Grande do Sul, Brizola foi beneficiado por fatores tipicamente regionais. Encarnou o anseio de mudanças do povo gaúcho, mas além disto o estado não é apenas o seu berço natal como igualmente deu origem ao trabalhismo e suas principais lideranças — como Getúlio Vargas e João

Goulart. E o gaúcho guarda um forte sentimento regionalista, preferindo conceder seu voto ao candidato da terra.

Como no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro o PDT fincou fortes raízes no seio das massas populares, inclusive na cidade operária de Volta Redonda, onde Brizola foi o primeiro colocado mas ficou pouco acima da votação obtida pela Frente Brasil Popular. Ali a força do brizolismo reside sobretudo na ponderável massa das favelas e bairros pobres, onde o nível de organização é muito baixo e a consciência política ainda difusa. A Frente Brasil Popular vem mantendo contatos com o PDT e Brizola assim como tem agido em relação a Mário Covas e ao PSDB, devendo obter o apoio do líder trabalhista por esses dias, a julgar pelo andamento das conversações neste sentido.

## Brasília: FBP já é a favorita

Brasília mostrou mais uma vez, nas eleições do último dia 15, que é uma cidade progressista, consagrando nas urnas a vitória do candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, com 220.660 votos, cerca de 28% do eleitorado da Capital da República. Mais do que isso, o resultado das urnas brasilienses confirmou que o povo do Distrito Federal não se deixou enganar pelas falsas promessas dos candidatos da direita, das elites e das classes dominantes. Além da vitória de Lula, Mário Covas e Leonel Brizola foram muito bem votados. Os dirigentes da Frente Brasil Popular avaliam a perspectiva de Lula obter no 2º turno cerca de 60% dos votos do D.F.

O resultado das urnas não foi surpresa para os dirigentes regionais da Frente Brasil Popular. O crescimento da campanha de Lula em Brasília era sentido por todos e empolgava a cidade. Durante os meses da

campanha eleitoral, os militantes dos partidos da Frente Brasil Popular — PT, PSB e PCdoB — percorreram todas as cidades satélites de Brasília, realizando panfletagens, agitações, comícios e carreatas com grande receptividade popular. Mais de 2 milhões de panfletos foram distribuídos, coisa inédita na história política do Distrito.

Líder em todas as pesquisas de opinião realizadas na cidade, a candidatura Lula cresceu e se consolidou em Brasília. Prova disso foi o comício de encerramento da campanha, realizado na rampa do Congresso Nacional que reuniu mais de 100 mil pessoas, num clima de entusiasmo e emoção nunca visto. O comício da Frente Brasil Popular foi a maior manifestação política da combativa e progressista Brasília, superando em muito o histórico Comício das Diretas. Ao final do comício, mais

de 5 mil carros promoveram uma carreata-monstro para levar Lula ao Aeroporto, rumo a São Paulo, tomando de ponta a ponta todo o Eixo Rodoviário Sul. Era o prenúncio da vitória das urnas de 15 de novembro.

Agora, para o 2º turno, os dirigentes regionais da Frente Brasil Popular já articulam a ampliação do apoio à candidatura Lula, com as adesões de lideranças regionais do PSDB, como o deputado Sigmaringa Seixas e o senador Pompeu de Souza, do PDT, como o senador Maurício Correa, e do PCB, como o deputado Augusto Carvalho. Articulando o Movimento Pró-Lula Presidente e contando com o caráter progressista do povo de Brasília, os dirigentes da Frente Brasil Popular estão convencidos de que Lula vencerá o 2º turno no Distrito Federal por larga margem de votos.

(Moacyr Oliveira Filho)

## MG vai ampliar votação

Arquivo

Minas já dá sua arrancada para o segundo turno. Diversas cidades comemoraram a passagem de Lula para a etapa decisiva da eleição, com destaque para uma passeata de 25 mil pessoas que percorreu o centro de Belo Horizonte no dia 21.

Resta, agora, fazer os ajustes necessários à campanha, com base nos números apontados pelas urnas. Estes ajustes devem incluir o fortalecimento do trabalho no Triângulo Mineiro e no Sul do Estado, regiões de razoável densidade eleitoral, onde Lula, mesmo ficando em segundo lugar, não teve bom desempenho.

Para tanto, é preciso manter e consolidar a boa relação construída pelos partidos que compõem a frente em Minas — fator importante para a boa performance no 1º lugar — e ampliá-la na direção das forças progressistas que a ela queiram se incorporar.

A performance do candidato da Frente Brasil Popular em Minas foi considerada surpreendente pelos meios de comunicação de massa e superou as previsões de todos os seus concorrentes. Os 1.792.781 votos obtidos por Lula, que o situaram em segundo lugar, com 21,34% da votação global, refletem o avanço das forças progressistas, em particular as de esquerda, e do movimento operário popular no Estado, desmistificando a imagem estereotipada da Minas conservadora, hoje apenas um retrato na parede.

Em Belo Horizonte, Lula conquistou 30,2% dos votos, superando em mais de 10% seu adversário mais próximo, o "tucano" Mário Covas. A Frente Brasil Popular foi vitoriosa também em Juiz de Fora,



Operários de Minas (como em Betim) votaram massivamente em Lula

2º colégio eleitoral e terra do candidato a vice de Collor de Mello, senador Itamar Franco, em 13 dos 14 municípios da grande BH e no Vale do Aço, região de concentração das grandes siderúrgicas do Estado.

### O peso decisivo da classe operária

Merece destaque em Minas a expressiva votação de Lula junto à classe operária, vitoriosa em todas as cidades que abrigam fábricas de grande porte: em Betim, onde está instalada a Fiat (41%); em Contagem, onde estão a Manesman e da Belgo (38,5%); em Ipatinga, da Usiminas (46,0%); em João Monlevade, da Usina da Belgo Mineira (34%); em Timóteo, da Acesita (40,0%); em Itabira, da Vale do Rio Doce (41,5%); em Ouro Branco, da Açominas (29,5%); e em Ouro Preto, da Alcam (27,0%).

Os operários de Minas não só contribuíram com seu voto, mas foram uma importante base de sustentação política da campanha. Abraçando com firmeza a candidatura de Lula, tiveram papel fundamental com sua irradiação para outras áreas. Os metalúrgicos de Betim são um bom exemplo: tendo à frente o seu sindicato, que decidiu o apoio ao candidato da FBP em assembleia, arrecadaram quase NCz\$ 5.000,00 nas portarias da Fiat e da FMB, formaram comitês, realizaram grandes manifestações (duas das quais com a presença de Lula) e disseminaram a campanha nas cidades próximas.

A esquerda avançou também nas pequenas cidades e nas regiões mais pobres de Minas, caracterizadas por Tancredo em 82 como "grotões" e "burgos podres". As urnas re-

velaram que esta classificação é hoje inadequada e que os grotões transformam-se progressivamente em núcleos de ação política de massas, a exemplo do sofrido Vale do Jequitinhonha, conhecido mundialmente como o Vale da Miséria. Lula foi o segundo colocado em praticamente todas estas cidades, chegando a vencer em algumas.

### Newton Cardoso, o principal derrotado

O maior derrotado da eleição em Minas foi, sem dúvida, o governador Newton Cardoso, cujo isolamento político foi desnudado na campanha. Depois de ter buscado sem sucesso, uma aproximação com Collor de Mello, liberou suas bases no interior para apoiarem os candidatos de direita mais convenientes às diversas realidades locais, limitando-se ao apoio formal ao candidato de seu partido, o PMDB, que teve menos de 5% dos votos no Estado.

Sai também arranhado deste primeiro turno o "tucano" Pimenta da Veiga, prefeito de Belo Horizonte e candidato ao Governo do Estado em 1990. O PSDB não conseguiu repetir o bom desempenho que alcançou em algumas das principais cidades mineiras nas eleições municipais de 88. Na capital, onde Pimenta obteve 35% dos votos no ano passado, Mário Covas não passou dos 19,1%, embora não se possa negar seu crescimento na reta final da campanha, em especial junto aos setores médios da população. Em Contagem, administrada pelo peemedebista Ademar Lucas Góes, ficou em terceiro lugar, atrás de Lula e Collor, com menos da metade dos votos dados a Lula. (Eduardo Campos)

# A grande imprensa já declarou o seu voto

Mário Simões\*

A grande imprensa cobriu as eleições a partir de sua visão estreita das lutas sociais e de seus interesses, sem nenhuma objetividade, passando longe de um tratamento científico da informação. Ela jogou na desinformação travestida em excesso de "informação" e desconheceu a Frente Brasil Popular em suas análises, sempre que possível jogando na sua divisão e contra a sua ampliação.

Remando em águas colloridas, a grande imprensa faz questão de negar a polarização do segundo turno entre direita e esquerda. Com a visão obscura pelos seus interesses, a imprensa brasileira nega aquilo que o mundo inteiro está afirmando: "o candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva, vai agora desafiar o grande vencedor do primeiro turno, Fernando Collor de Mello, numa acirrada batalha entre esquerda e direita" (Financial Times — Londres).

## Temendo a polarização a imprensa trata de deturpar a realidade

Esquerda e direita são conceitos superados, gritam os analistas da grande imprensa fazendo coro a Roberto Campos, Luiz Antônio Medeiros, Maluf, Afif e Collor. A disputa será entre o moderno e o antigo, prevêem, colocando lenha na fogueira collorista. A Collor e seus aliados na imprensa não interessa a caracterização entre esquerda e direita, ou, como afirma o editorial de primeira página do jornal francês *Le Monde*: "Lula contra Collor, o homem das massas contra o filho de boa família".

O mais gritante das análises, entretanto, é o total descaso pelo fato político de maior importância na história recente do País: a unidade que a esquerda conseguiu na prática, com o conjunto do povo, passando por cima de lideranças conservadoras, carismáticas e mesmo de setores populares mais atrasados. Num acinte à realidade e à história, este acontecimento é, simplesmente, desconhecido pela grande imprensa. Indo mais além, no entanto, o destaque das análises tem sido a consolidação do PSDB, "o partido do futuro". Em São Paulo, onde o candidato Mário Covas havia obtido 8 milhões de votos na sua eleição para senador, a vitória foi cantada por ter recebido

agora 3,8 milhões de votos. Em todo o Brasil Covas teve menos votos do que na eleição para o senado em 86.

Se é verdade que o PSDB, recém-fundado, conquistou significativo espaço, esse se vincula mais à figura do candidato Mário Covas, particularmente em São Paulo, onde obteve mais da metade de sua votação nacional. O PSDB só conquistou mais de 10% dos votos em três estados (SP, DF e CE), o maior destaque foi o terceiro lugar (em sete Estados) e ficou abaixo dos 6% em nada menos do que 16 unidades da federação. A sua importância cresce para a imprensa na mesma proporção em que divide com a Frente Brasil Popular os votos da classe média.

O novo dessa eleição não é um partido formado a partir de uma dissidência do PMDB conquistar espaço. O novo é a esquerda aglutinar-se numa frente política, com um candidato de origem e compromissos populares e, apesar de toda a campanha contrária particularmente na grande imprensa, conseguir na prática, junto ao povo, forjar a unidade responsável pela derrota de tradicionais representantes das elites

dirigentes. Pela primeira vez em 100 anos de República os setores populares podem conseguir levar à presidência um operário metalúrgico, um torneiro mecânico, alguém oriundo do seu meio e comprometido com profundas transformações sociais, econômicas, morais e políticas do país.

A análise do material publicado pela imprensa nos mostra claramente sua posição, que poderia ser assim expressa: direita e esquerda são conceitos superados; vamos derrotar a esquerda!

## Os jornais desprezam o que é importante: a união das esquerdas

Mais do que desconhecer a frente e a importância histórica de sua formação, a grande imprensa busca desmoralizar a ação dos partidos políticos nela representados e joga no seu enfraquecimento e na redução do espectro de forças que a compõe. O "Estado de S. Paulo", da oligarquia dos

**ISMÉ**  
SENIOR

Arquivo



Amato: um dos "gurus" da grande imprensa

# O GLOBO

Tensão insuportável

Mais uma decisão da Justiça mantém o impasse no ensino privado no Rio, e sem critério definitivo para a cobrança das mensalidades, sofrem todos: pais, alunos e escolas.

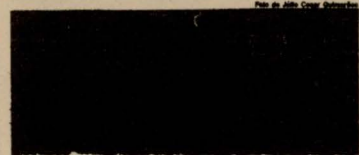
Fundador: IRINEU MARINHO Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

ANO LIV — RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 1989 — Nº 30.452

Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO

Diretor de Redação: EVANDRO CARLOS DE ANDRADE

## Brizola propõe a renúncia de Lula em favor de Covas



O ex-Governador Leonel Brizola (PDT) deverá propor a Luís Inácio Lula da Silva (PT) que renuncie à sua candidatura à Presidência da República em favor do Senador Mário Covas (PSDB), em quem vê melhores condições de enfrentar Fernando Collor de Mello (PRN) no segundo turno da eleição presiden-

sidente do PT do Rio, Jorge Bittar. Brizolistas e petistas se enfrentaram ontem no Centro do Rio, ao fim de uma passeata dos adeptos de Lula. A FM foi chamada, mas não precisou entrar em ação. O PSDB, que continua sendo assediado por Lula e Collor, reúne hoje sua Executiva pa-

Mesquitas, compareceu à entrevista coletiva convocada por João Amazonas, presidente do PCdoB, no último dia 20 e publicou, na edição do dia seguinte, uma matéria maldosa, sacana, facciosa, destacando aspectos secundários da entrevista com objetivo de incompatibilizar o PCdoB com a ampliação da frente e mesmo afastar setores progressistas de sua composição — fazendo prevalecer um ponto secundário da entrevista. O ódio de classe dos Mesquitas (que negam a luta de classes) contra o PCdoB não é coisa recente. Particularmente contra Amazonas este ódio chega a requintes inimagináveis. O texto na verdade não é uma matéria jornalística, mas um panfleto reacionário contra o PCdoB, perpetrando achincalhes contra o veterano comunista, bem ao estilo da imprensa venal colocada em prática no vetusto jornalismo do "Estadão".

Como os jornais, os ataques à Frente Brasil Popular, ao PT e à esquerda são diários. O jogo da contra-informação é uma constante. No caso Lubecca e na favela Nova República o "Estado de S. Paulo" pautou-se pela tendenciosidade e a falta de respeito à realidade. Nos jornais do dia 21 de novembro informou-se que o parecer do corregedor da Justiça eleitoral paulista inocentava o PT de crime eleitoral no caso Lubecca — a notícia foi simplesmente desconhecida pelo jornal, depois de dar ampla cobertura no caso, sempre em matérias tendenciosas contra a prefeitura de São Paulo.

Os exemplos são muitos e variados. Não foi gratuitamente que o jornal *O Globo* do sábado (18.11) dá o destaque de sua editoria de política para Antônio Ermírio de Moraes destacando seu voto a Collor e ameaçando Mário Covas: "Ele estará liquidado politicamente se decidir apoiar Lula no segundo turno".

A predileção de Roberto Marinho por Collor de Mello não é nenhuma novidade. Sua televisão no domingo, 19, e na segunda, logo depois do anúncio oficial dos dois concorrentes para o segundo turno, tratou logo de começar sua campanha: a economista collorista Zélia Mello e o "ex-progressista" Renam Calheiros tiveram espaço destacado na tv — ela no domingo numa entrevista

sobre os planos econômicos de Collor e ele com a principal entrevista do programa "Bom Dia Brasil".

Ficou muito explícita a atuação das Organizações Globo pela cobertura que fizeram das eleições, jogando na confusão e na desinformação do público. Na disputa pelo mercado de informação, a Globo montou um aparato extraordinário para conseguir as atas de apuração e computar os resultados da eleição, garantindo a primazia da divulgação. No dia 16 todo, a TV Globo colocou sua equipe de jornalismo em campo para divulgar os resultados com agilidade. O produto final da armação ilimitada da Globo foi um fracasso e uma agressão ao direito do telespectador de ser informado.

De tempos em tempos era jogada na cabeça do público uma grande quantidade de informações, particularmente uma enorme gama de números sem qualquer ponderação e sem qualquer perspectiva de projeção e avaliações sobre o resultado final do pleito. A fragilidade do sistema ficou patente quando diante da primeira pressão — um pedido do PDT ao TSE para que a divulgação dos resultados por parte da emissora fosse paralisada — ele desabou. Na madrugada de quinta-feira (16) o PDT fez o pedido ao TSE e a Globo passou a jogar nos seus computadores todas as informações vindas do Rio Grande do Sul para colocar Brizola à frente de Lula nas apurações. O seu intuito era claro, já que as projeções apontavam Lula como vencedor: desmoralizar Brizola e o PDT.

## A "Globo" fez muito sensacionalismo e acabou desmoralizada

No dia seguinte, entretanto, a Globo, sem qualquer consideração e respeito ao público que lhe deu índices de 80% no dia anterior, suspendeu a divulgação dos resultados, informando que a partir daquele momento só divulgaria os resultados oficiais. Um recuo desmoralizante. Depois de jogar na confusão e na desinformação, a Globo passou a uma omissão. Na verdade, a gangorra (expressão usada para explicar a disputa entre Lula e Brizola, a cada momento um estava no

alto) só existiu em função da apuração facciosa da "Globo". Se o resultado ponderado fosse divulgado concomitantemente — Lula estaria sempre na frente. Mais importante do que a informação foi o interesse em manter a audiência.

A atração da "Globo" levou de roldão muitos jornais ao erro e à confusão, foi o caso do "Jornal do Brasil" que publicou no dia 17 a seguinte manchete de primeira página: "Votos do Rio do Sul salvam Brizola de Lula", para no dia seguinte recuar vergonhosamente: "Só número final dirá se é PT ou PDT". A vacilação foi a marca do JB. No dia 19, quando todos os jornais afirmavam que Lula derrotara Brizola e estava no segundo turno, o jornal carioca publicou em sua manchete: "PT comemora com Brizola na frente" (o popular não me comprometa).

O "Estadão" também caiu na cantilena da "Globo" e no dia 17 deu como manchete: "Gangorra agita disputa pelo segundo lugar". O próprio jornal "O Globo", não confiando na apuração de sua irmã deu manchetes desvinculadas da disputa nos dias 17 e 18: "Brizola levanta suspeita contra TSE" e "TSE promete resultado da eleição para amanhã".

Ao contrário da "Globo", a "Folha de S. Paulo" apostou em seus números. Apoiada na pesquisa de boca de urna do Instituto de Pesquisa DataFolha deu como manchete no dia 16: "Collor e Lula se enfrentam na decisão daqui a um mês". Como os outros jornais e veículos de comunicação a "Folha", no entanto, esqueceu-se do compromisso com os fatos. Enquanto o Brasil inteiro esperava ansioso o resultado oficial do TSE, a Folha de S. Paulo simplesmente esque-

TEMPO EM SÃO PAULO  
Um com muitas notícias locais e chulas à tarde  
Temperatura estável. Página 31

# O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA NETO  
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1972) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1989) FRANCISCO MESQUITA (1927-1989)

Capital e Interior de S. Paulo — NCZ\$ 3,00 ANO 110 SEXTA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 1989 Nº 35.199 Domingo NCZ\$ 6,00 Assinatura Anual NCZ\$ 1.080,00

JULIO DE MESQUITA NETO  
DIRETOR RESPONSÁVEL

## Gangorra agita disputa pelo 2º lugar



A lentidão das apurações comandadas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) fez com que a disputa da vaga restante para o segundo turno fosse acompanhada pelos levantamentos da TV Globo — uma gangorra que, ontem, colocou ora Leonel Brizola, do PDT, ora Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, à frente da corrida. No final da noite, Brizola manteve uma dianteira superior a 1 milhão de votos, que Lula sonhava descontar nas horas seguintes com bons resultados no interior do Nordeste. Lula já estaria no segundo turno se não tropeçasse num mediocre quarto lugar no Estado de São Paulo. Brizola

**Boletim da apuração**

Resultados até 23:00 horas

Collor	12.500.813
Brizola	8.661.606
Lula	7.531.383
Covas	5.711.951
Maluf	4.206.753

Fonte: TV Globo

ceu-se da sua existência e ficou reafirmando o resultado de sua pesquisa de boca de urna como se fosse o órgão oficial que proclamaria o resultado das eleições. Em momento algum procurou mostrar a seus leitores que a sua manchete estava ou não em consonância com os resultados da apuração oficial. Se ouvindo pouco mais de 10 mil pessoas a DataFolha projetou a vitória de Lula, com 5% dos votos apurados (4 milhões), ele poderia confirmar ou não sua manchete. A Folha, entretanto, estava acima dos fatos.

O que prevaleceu na imprensa nacional sobre as eleições foi a desinformação e a falta de respeito com leitor/ouvinte/espectador. Em vez de buscar na realidade, nos fatos, nos resultados oficiais a referência para suas matérias, ficaram disputando o mercado da informação, relegando a ética e a objetividade da notícia ao último plano. O critério da verdade da manchete não era a realidade, mas a opinião de "personalidade" sobre a cobertura que cada órgão fazia. Cada um sentou no seu ra-

bo e ficou, mesmo que veladamente, criticando o rabo alheio, parodiando os macacos do ditado.

### Também ficou evidente a manipulação das pesquisas de opinião

Outro aspecto do jogo de informação e contra-informação que as elites dominantes usaram e abusaram nestas eleições foram as pesquisas eleitorais. Esse é um instrumento poderoso de indução de opiniões, positiva ou negativamente. Embora esta afirmação não possa ser absolutizada não resta dúvida que a pesquisa influenciou, particularmente na proximidade do pleito.

Circulou nas redações de alguns jornais no dia 14 que o Ibope tinha pesquisa que dava Collor com 22%, Lula com 19%, Brizola com 14% e Covas com 11%. A rigor, garantiu uma fonte empresarial, Collor estaria entre os 23 e os 25%. A dúvida estava na di-

vulgação que a "Globo" faria desses números no seu "Jornal Nacional". Ela divulgou outros dados mas aqueles coincidentemente, estavam muito próximos da pesquisa de boca de urna do DataFolha que deu Lula com 18%, Brizola com 14% e Covas com 10%. Na "Folha de S. Paulo" há quem afirme que estes números do Ibope chegaram oficialmente para eles e depois foram desmentidos.

A manipulação das pesquisas se existe tem seus limites, entretanto, na realidade. Quando Afif registrou crescimento em final de setembro/início de outubro, Roberto Marinho e seu escudeiro Serpa acalentaram o sonho de verem no segundo turno dois candidatos da elite conservadora, Collor e Afif — sonho, aliás, antigo e imaginado coletivamente com outros setores da elite dominante. A imprensa noticiou na época uma reunião entre os dois e Ozires Silva, presidente do Convergência

Democrático (organização que congrega diversos representantes do regime militar e da direita brasileira) para viabilizar a ida de dois dos seus filhos prediletos para o segundo turno. A realidade foi mais forte que a pretensão continuista da elite e Afif caiu como um mamão podre (pelo que usufruiu do regime anterior e pelo estado de suas ideias). Na reunião foi discutida, segundo a imprensa da época, a realização de um acordo entre os institutos de pesquisa para viabilizar estatisticamente a manobra.

O caso mais gritante da manipulação das pesquisas foi a queda vertiginosa registrada pelos institutos de pesquisa na candidatura Lula, chegando a atribuir-lhe em agosto sofríveis 5% das intenções de voto, quando era o único candidato que ia para as ruas e realizava comícios massivos. O critério da verdade, entretanto, é a realidade e os institutos têm aí o limite da sua margem de manipulação de dados. Não é gratuito que os institutos de pesquisas são obrigados, nas proximidades do pleito a garantir uma margem mínima de erro. Antes disso, quem pode afirmar que os dados são mesmo aqueles divulgados? Afinal, não é só um instituto que tem dois tipos de pesquisa: um que é para divulgação e outro que é entregue àquele que comprou o seu trabalho.

### No segundo turno o jogo da desinformação será ainda mais duro

A disputa no jogo de informação e contra-informação demonstrado no primeiro turno pelos jornais, televisões, rádios e institutos de pesquisa, não é coisa para amador. O jogo é bruto e violento. Vale tudo. Afinal, o que está em jogo é o poder político. As classes dominantes matam por ele — manipular um dado ou uma informação é coisa insignificante nesse contexto. Mas a lição que se pode tirar é de que se no primeiro turno foi assim, no segundo será muito pior. Não é à toa que toda a cúpula empresarial já arregaçou as mangas e destacou que o moderno é votar em Collor. Eles não medem esforços para fazer valer sua vontade e lançam mão, inclusive, dos seus aliados travestidos de representantes dos trabalhadores como é o caso dos pelegos Magri e Meideiros no movimento sindical.

Para desmoralizar a desinformação deliberada e a contra-informação só mesmo a transparência e o debate franco de ideias. Por isto, no segundo turno ganha importância a realização de vigorosas ações de massa para viabilizar a vitória da Frente Brasil Popular, que deverá ser ampliada, recebendo em seu interior o apoio de milhões de brasileiros.



Maluf: como ele, jornais não vêem polarização

EDICÃO ESPECIAL ELEIÇÕES 89

# veja

CHEGOU A HORA!

- Collor na frente
- Lula e Brizola brigam pela vaga
- Covas joga a última

CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

O mundo em estado de choque  
AI O MUNDO BERLÍN

# Direção do PCdoB avalia o resultado: "Uma g

Jesus Carlos/Fóton

Com agilidade pouco vista entre os partidos políticos brasileiros, quando a "Globo" ainda insistia em apresentar "empate técnico" entre Lula e Brizola na disputa da segunda vaga para o turno final da eleição, o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil iniciou domingo, dia 19, uma reunião plenária para avaliar os resultados eleitorais e projetar a tática e o comportamento do Partido para a campanha do segundo turno.

A reunião se estendeu até o dia seguinte e assinalou uma reflexão profunda dos dirigentes do PCdoB sobre a realidade política nacional e seu desenvolvimento imediato. Presidido por Dynéas Aguiar, o pleno do CC do PCdoB desenvolveu-se em clima otimista, marcado pelo impacto da vitória, que o Partido previra 11 meses antes.

## Visita ao PT

Num dos intervalos da reunião, o Comitê Central designou uma comissão integrada por João Amazonas, Renato Rabelo (vice-presidente do Partido), Haroldo Lima (líder da bancada do PCdoB na Câmara dos Deputados), Aldo Arantes (vice-líder), Sérgio Miranda (vereador em Belo Horizonte e presidente do Partido em Minas), Olival Freire (presidente do Partido em São Paulo), Luciano Siqueira (presidente do Partido em Pernambuco e coordenador da FBP no Estado) e Jan-



A direção nacional do PCdoB avaliou com agilidade o resultado eleitoral

dira Feghali (deputada estadual no Rio de Janeiro), para numa visita de congratulação à direção nacional do PT, cuja executiva se reunia no mesmo dia 19. Representantes da direção do PCdoB receberam também a imprensa na sede nacional do Partido, na Rua Major Diogo, centro de São Paulo, e concederam entrevista coletiva, além de participarem da coletiva do candidato da FBP, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa nacional e internacional na Câmara Municipal de São Paulo.

## Batalha histórica

No informe de abertura, João Amazonas fez uma avaliação do resultado do primeiro turno, analisando o caráter da luta que se travou. "Enfrentamos uma batalha de significado histórico. Não foi uma campanha meramente eleitoral, assim como a Frente Brasil Popular não foi uma simples aliança conjuntural". Em termos mais

precisos o presidente nacional do Partido Comunista do Brasil registrou que o significado da vitória até aqui conquistada é o de "trazer à tona, num novo nível, a luta de libertação nacional".

Segundo Amazonas, o resultado do primeiro turno tem dimensão internacional. Em diversas intervenções os membros do CC destacaram que num quadro de degradação acentuada da vida mundial o Brasil se transformou num cadinho de contradições, devido ao desenvolvimento capitalista dependente com gritante diferenciação social, o que se manifesta na luta política através de intensa polarização. Embora não se possa exagerar a extensão e a profundidade da tomada de posição das massas no Brasil, o pleno do CC concluiu que "a vitória da esquerda representa a tomada de consciência, a resposta e o protesto do povo brasileiro à situação catastrófica a que chegou o país".

## O Balanço

No informe ao pleno do CC, Amazonas alinhou os aspectos positivos e também as lacunas da campanha da Frente Brasil Popular. Segundo ele, "despertamos milhões de pessoas para a discussão de problemas de fundo da sociedade brasileira". E exemplificou: "Questões como o tratamento a ser dado à dívida externa passaram a ser o centro da campanha. A bandeira de suspender o pagamento da dívida angariou amplo apoio de massa, o que inclusive, obrigou muitos candidatos a se pronunciarem a respeito". Também a reforma agrária mereceu destaque na campanha da Frente Brasil Popular, considerou Amazonas, assim como a bandeira da distribuição da renda. "questão diretamente ligada ao tipo de desenvolvimento capitalista no Brasil, concentrador de rendas". Outro aspecto notável na campanha foi a luta por um novo regime, a divulgação da ideia

# No segundo turno o princípio é manter a F

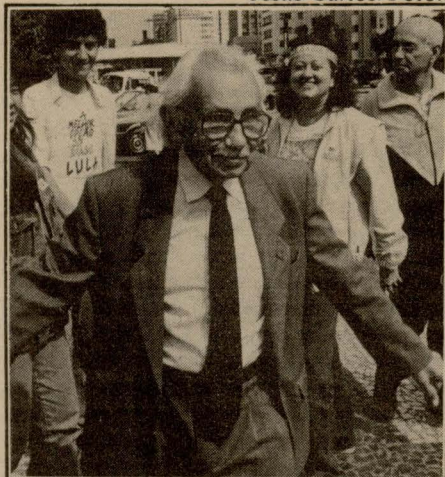
Jesus Carlos/Fóton

Na pauta da reunião do Comitê Central do PCdoB discutiu-se exaustivamente a estratégia eleitoral para o segundo turno, fundamentada numa avaliação do desempenho eleitoral das diversas forças que atuam no cenário político brasileiro. Apresentamos aqui uma síntese da intervenção do presidente nacional do Partido, João Amazonas, sobre o tema.

A história ensina que quando a revolução está batendo às portas as classes dominantes se unem. Mas quando isso não está na ordem do dia elas se dividem. No Brasil, dividiram-se em dois grandes blocos, embora não se possa analisar o fenômeno esquematicamente.

Um deles é constituído, grosso modo, pelas forças que usufruem os benefícios do poder e têm a máquina do Estado nas mãos. Trata-se de interesses criados, representados pelo PMDB, PFL e até o PSDB, além de outros segmentos, como o grupo que atualmente dirige as Forças Armadas e o Planalto. Ainda que existam divergências e contradições entre essas forças, elas constituem um setor das classes dominantes que têm determinados interesses a defender.

Criou-se também um pólo adversário, constituído por Roberto Marinho



Amazonas no dia da eleição: confiança na vitória

que monopoliza os meios de comunicação, Mário Amato (a grande indústria) e certos grupos de banqueiros que formam um outro ajuntamento das classes dominantes. Foi esse grupo que lançou ou alimentou a candidatura de Collor, ao passo que o outro apresentou vários candidatos - Ulysses, Aureliano, Covas, o que o levou a uma situação muito difícil.

O resultado das eleições põe a nu o grau de desgaste e desmoralização das elites dirigentes. Seus partidos e lideranças tradicionais saíram esfrangalha-

dos. Mesmo o PSDB, contrariamente ao que propala, não chega a se fortalecer. A votação de Covas aparece mais como fenômeno conjuntural. Foi essa dificuldade que fez com que o grupo dominante tentasse à última hora a desesperada manobra da candidatura Silvío Santos. Como não deu certo, pela repulsa que sofreu junto à opinião pública, concentraram esforços, também nos momentos finais, para levantar a candidatura de Covas, o que explica seu crescimento acelerado e a votação obtida.

## Venceu a FBP

Devemos examinar também o que ocorreu nas áreas de esquerda. O PDT, que faz esforço para ocupar espaço nessa faixa, sofreu grande derrota política. Setores minoritários do PSB, como o representado por Artur Virgílio, que sustentaram a candidatura de Covas, também amargam insucesso. Gaubeira (PV) sofre derrota acachapante. Igualmente o PCB obtém resultado negativo.

Não há como negar. Sai vitoriosa a esquerda unida, a Frente Brasil Popular e os partidos que a compõem.

A análise do resultado eleitoral revela que se a Frente Brasil Popular marchar sozinha no segundo turno perderá a eleição. Isto implica saber aproveitar a nosso favor as divergências e contra-

dições entre os grandes pólos das classes dominantes.

A burguesia não vai nos apoiar porque somos a esquerda e o fenômeno mais importante que estas eleições mostraram é a existência de uma esquerda disposta a defender um programa avançado. Foi esse fator que não permitiu que a disputa ficasse entre os blocos das classes dominantes. Mas, se bem que não se possa esperar apoio das classes dominantes, setores delas podem ser neutralizados.

## Estratégia ampla

Diante desse quadro, que estratégia traçar para ganhar as eleições?

O princípio que devemos defender é a ampliação. É preciso analisar como se comporta o adversário. O grupo das classes dominantes que foi batido vai fazer restrições a Collor porque se trata de defender interesses criados. Mas vai ter que levar em conta que a disputa no segundo turno é entre a esquerda e o grupo da direita que lhe é adverso.

É necessário levar em conta dois aspectos na questão da ampliação: devemos tentar uma ampliação conjuntural, isto é, uma ampliação que se faz em função de ganhar as eleições. Mas há também uma ampliação estrutural, a de atrair aliados para reforçar a frente.

# nde vitória do povo”

que o Brasil precisa de um governo novo, diferente, progressista. Os membros do CC foram unânimes na avaliação de que “Lula interpretou muito a situação”.

mas, se todos esses pontos programáticos mereceram destaque, na opinião do presidente nacional do PCdoB, o que sintetizou o caráter da Frente Brasil Popular e da candidatura de Lula, distinguindo-a das demais, foi a luta entre o lado de cá e o lado de lá”. Encerra uma idéia fundamental, Amazonas, precisamente a de que o povo combate as elites dirigentes. É um grande avanço no nível de consciência política”. Amazonas acha ainda que “nunca se conseguiu essa polarização numa campanha eleitoral.”

A direção nacional do PCdoB identifica também duas lacunas no que se refere à agitação e propaganda da campanha — a pouca ênfase na luta pela democratização do Estado e por um envolvimento econômico independente.

Além da firme defesa do programa da Frente Brasil Popular, outros fatos positivos determinaram a vitória da candidatura de Lula: a unidade entre os partidos de esquerda nos marcos da Frente Brasil Popular, a atuação da liderança dos partidos que a compõem ao lado da matéria sobre a atuação do PCdoB, a mobilização de amplas massas nos maiores comícios da campanha e o desempenho do candidato. A campanha demonstrou a justeza da política de frente única. Ficou provado que o desenvolvimento da luta por um regime depende da união do povo — foi uma das conclusões da reunião da direção nacional do PCdoB.

Sobre o desempenho de Lula, Amazonas disse: “Ele jogou um papel altamente positivo. Foi o grande intérprete do sentimento de revolta das massas, trabalhou incansavelmente, sempre otimista. Um dos seus grandes méritos é ter falado a linguagem do povo”.

A leitura do mapa eleitoral mostra uma votação diferenciada de Lula, com altos e baixos, nas diversas regiões do país. Minas Gerais, Distrito Federal e Norte-Nordeste, destacadamente Pernambuco, Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte deram votações consagradoras a Lula e arrebentaram velhas oligarquias. Pode-se dizer que Minas e o Nordeste decidiram a vitória. Em contrapartida, a Frente Brasil Popular sofreu alguns baques, como no Rio Grande do Sul, que confirmou a hegemonia brizolista, São Paulo, onde venceu a direita, e Ceará, único Estado do Nordeste onde a Frente Brasil Popular não obteve o êxito esperado. O Rio de Janeiro, embora tenha dado votação majoritária a Brizola, acrescentou quase 1 milhão de votos a Lula, configurando um razoável desempenho.

Estes revezes localizados se relacionam, principalmente, em São Paulo, com o fato de que a classe média não foi ganha para a campanha da FBP. Certa estreiteza política, combinada com a exploração que a direita fez do “caso Lubeca”, com a fraca administração da Prefeitura e algum clima de medo provocado por intensa campanha anticomunista respondida em níveis insuficientes, levaram os setores médios da sociedade a sufragarem Covas (centro) e em certa medida Maluf (direita).

## nte e ampliar

essa proposição para ampliar é a luta com setores democráticos e propostas de diversos partidos.

Além do PDS, do PDT e do PSDB, em São Paulo, é preciso lutar para ganhar o eleitorado. Principalmente o eleitorado do PDT é um eleitorado de massa.

### Manter o programa

A questão das alianças para o segundo turno surge outro problema. Diferente do programa da frente é muito amplo. Devemos ter firmeza quanto à linha do programa. O que queremos é mudar o Brasil. Vamos fazer uma aliança para ganhar a eleição mas com a condição de que é preciso mudar o Brasil, e é outra a política que queremos fazer. Dela não podemos abrir mão. Não se defende a frente e ao mesmo tempo se aglutina forças para ganhar. Penso que este problema se coloca em termos de aliança permanente e não conjuntural. Seria bom criar uma espécie de movimento amplo para ganhar esses setores, um movimento nacional pró-Lula presidente.

Devemos também em revista a estratégia do inimigo. Ele fará tentativa de ganhar sua campanha como de “esquerda”. Já declarou que tem perfil de democrata. Fará grande esforço para atrair a classe média, que votou

no Covas. Vai tentar ganhar setores de esquerda e nos isolar.

Em sua estratégia Collor vai ser anti-Sarney, apresentar algumas propostas de solução imediata para problemas como a inflação.

### Projeto nacional

O discurso da campanha no segundo turno deve se voltar para o social. Nesse sentido é de enorme importância incorporar na frente as organizações sociais, porque se trata da luta do “povo”, dos explorados e oprimidos contra os exploradores, os grandes empresários, os banqueiros, os latifundiários etc. Devemos ser firmes na defesa de bandeiras como o não pagamento da dívida externa e a reforma agrária. Mas o nosso discurso deve contemplar também a classe média, mostrar a ela que a sua situação se resolve dentro de um projeto nacional. E que quem defende esse projeto é a Frente Brasil Popular. Não se deve descurar, igualmente, as reivindicações de caráter nacionalista.

O segundo turno é uma nova batalha. Nela ocorrerá um embate de grandes dimensões entre o povo e as elites. O futuro imediato do Brasil depende da mobilização do povo e de uma votação consagradora em Lula, que dê a vitória à Frente Brasil Popular.

## Eleição confirma acerto da política dos comunistas

Antonio Coutinho

Em dezembro de 1988 a direção nacional do PCdoB reuniu-se para avaliar os resultados das eleições municipais, fazer o balanço da atividade do Partido durante o ano, examinar o estágio de desenvolvimento do movimento democrático e popular e traçar a política a ser seguida em 1989. Naquele momento, diferentes forças políticas da esquerda, do centro e da direita articulavam suas candidaturas à Presidência da República, algumas já em franca campanha eleitoral. Corria a idéia, logo transformada em mito, desfeito pelo tempo e destroçado pelos resultados das urnas de 15 de novembro de 1989, de que, sendo uma eleição em dois turnos, cada partido devia marchar em faixa própria, ficando a possibilidade de alianças reservada apenas para o segundo turno.

O Partido Comunista do Brasil mostrou então acuidade e lucidez. Identificou que a situação política do país evoluía rapidamente e que a grande novidade era uma nítida polarização entre a direita e esquerda, com um deslocamento cada vez maior à esquerda. Os comunistas do PCdoB previram a possibilidade de as forças populares e progressistas vencerem a grande batalha da sucessão presidencial, desde que se unissem. A histórica reunião do Comitê Central decidiu entrar em entendimentos com outros partidos de esquerda para formar a frente popular. Um mês depois, dia 13 de janeiro, em ato público no plenário Teotônio Vilela da Assembleia Legislativa, o Partido Comunista do Brasil lançou a “Conclamação à unidade das forças populares”, diante de numerosa platéia e de uma mesa onde estavam representantes das forças mais avançadas do país. Ali, sob entusiásticos aplausos, o líder do PCdoB na Câmara Municipal de São Paulo, Aldo Rebelo, proclamava em nome da direção do seu Partido: “O Partido Comunista do Brasil dirige-se aos trabalhadores e ao povo, às correntes de esquerda, aos sindicatos, às organizações democráticas, às personalidades políticas progressistas, às lideranças populares propondo entendimentos políticos para a formação de uma ampla união democrática, patriótica e popular visando à sucessão presidencial.” A conclamação dos comunistas arrematava conclusivamente: “O PCdoB está convencido de que se criaram condições excepcionais na situação política atual para fortalecer a união do povo com vistas a derrotar a reação e descortinar horizontes de liberdade, de autêntica independência nacional, de progresso e justiça social. Precisamente por isso, conclama à unidade as forças de cunho popular e democrático para o grande embate da sucessão presidencial deste ano.”

O que se viu a partir daí foi a demonstração da coerência, da consciência, da firmeza e da combatividade do PCdoB. Desencadeou-se amplo movimento político. Nas principais capitais do país o PCdoB promoveu atos unitários de lançamento de sua “conclamação”. Isto criou a base para a formação, em tempo hábil, da Frente Brasil Popular.

13 de maio foi a data do seu lançamento. São Bernardo do Campo, berço da indústria automobilística, da liderança operária de Lula, sediou o primeiro comício da campanha. A *Classe* estampou na capa: “Um passo à fren-



te.” E nas páginas internas: “A arrancada rumo à vitória” era o título da reportagem do comício. No box da página, sob o título “O Brasil do sol nascente”, um resumo do discurso de João Amazonas, que concluía emocionado: “Adiante, companheiros! A vitória será nossa. As forças da reação caminham no sentido do poente, do sol posto, da noite da derrota. Nossa marcha, a marcha da Frente Brasil Popular, se dirige no rumo do nascente, das alvoradas plenas de luzes e cores, impregnadas do colorido vermelho que anuncia o nascer de um novo dia.”

Tamanho otimismo não poderia deixar de infundir na militância comunista senão o entusiasmo, a força e a garra, sinais da perspectiva de vitória, garantia de que ela estava ao alcance da mão.

A partir daí, a militância vermelha da foice e do martelo, partidária do socialismo científico, abnegada lutadora pela libertação nacional e social do povo brasileiro, se jogou na maior campanha que a história das sucessões presidenciais registra.

Seguiram-se comícios, debates, palestras, seminários, conferências, onde os dirigentes do Partido Comunista do Brasil levaram a mensagem da legenda proletária e a militância mostrou força. Seu presidente percorreu todo o país. Ao lado de Lula, Amazonas foi destaque na campanha.

O desempenho do PCdoB pode ser medido pelo número de militantes nos comícios, pelo visual das bandeiras e camisetas de milhares e milhares de populares que acorriam às praças públicas, pela presença constante dos seus oradores nos palanques, pelo empenho de seus abnegados ativistas no corpo-a-corpo com os eleitores, pela extraordinária votação de Lula no Nordeste onde o PCdoB é reconhecido uma força política ponderável, relativamente maior que o PT, e pela capacidade de articulação política expressa na atividade da Comissão Executiva do Partido no seio da Frente Brasil Popular, na ação junto a segmentos democráticos e nacionalistas como fizeram as direções regionais do Partido junto ao governador de Pernambuco, Miguel Arraes, e a forças democráticas na Bahia e em Minas.

O PCdoB colheu na batalha sucessória enorme êxito. Consolidou-se como partido estruturado nacionalmente, uma força política influente e prestigiada, capaz de mobilizar uma militância de dezenas de milhares de pessoas, de aglutinar aliados e levar massas de centenas de milhares às ruas. Abre-se imenso campo para seu crescimento e para que jogue um papel ainda maior na vida política e social do país. (JRC)

# Sindicalistas devem apoiar Lula

Irasson Cordeiro Lopes

A Corrente Sindical Classista defende que o movimento sindical se posicione claramente a favor da candidatura de esquerda. Segundo Sérgio Barroso, secretário-geral da CSC, há três considerações básicas que justificam o apoio a Lula: ele é metalúrgico, começou a vida política no movimento sindical, representa uma candidatura extremamente vinculada à luta dos trabalhadores. Collor já representa o outro lado. Ele tem o apoio explícito do empresariado e dos conservadores em geral, representa os objetivos do capital.

O sindicalismo mais avançado — CSC-CUT — guarda sintonia muito concreta com a plataforma da Frente Brasil Popular; as diversas reivindicações do movimento sindical tiradas em encontros, assembleias e congressos são contempladas pelas propostas programáticas da FBP. Isto já é uma razão muito forte para os sindicatos rapidamente acionarem suas instâncias para que estas possam deliberar a adesão a Lula.

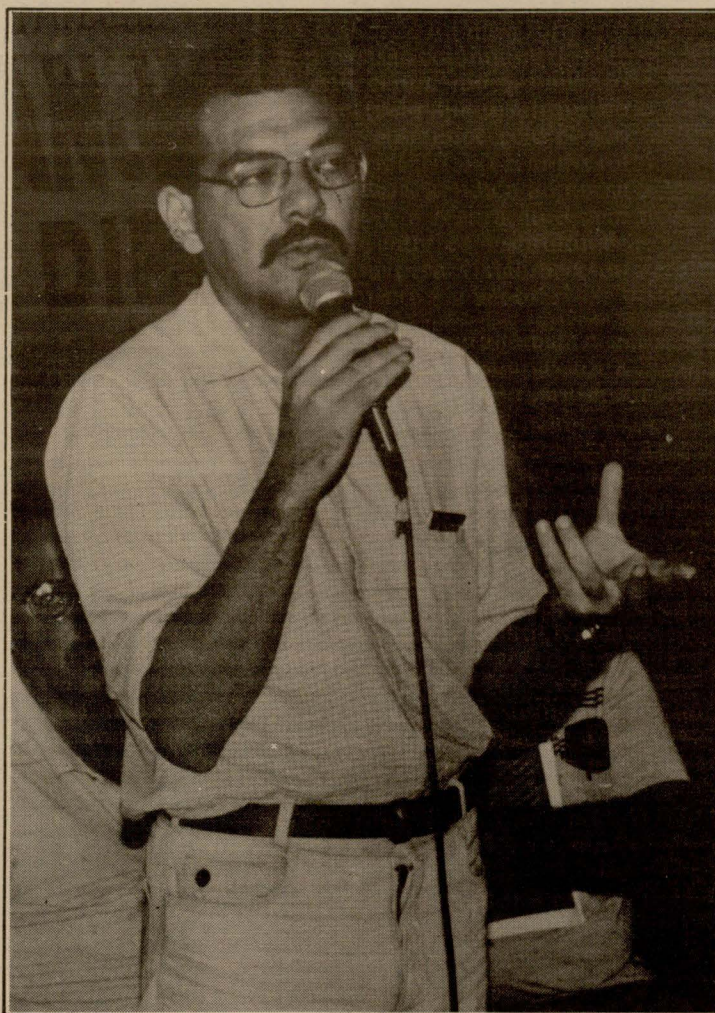
Os sindicatos não podem privilegiar simplesmente as reivindicações econômicas, pois as reivindicações políticas também são imprescindíveis. Não só no Brasil como na América Latina há bandeiras defendidas pelo movimento sindical de caráter político-econômico que são, além de idênticas, fundamentais, como o não-pagamento da dívida ex-

terna, a reforma agrária, a defesa das estatais, e uma política salarial benéfica aos trabalhadores. São problemas que dizem respeito ao proletariado.

A terceira consideração é que há uma necessidade muito grande de se ampliar as alianças para enfrentar a candidatura antioperária de Collor. Se ele ganha a derrota é dos trabalhadores. Todas as lutas destes anos caem por terra. É por isso que o movimento sindical carrega uma responsabilidade dupla: todos os sindicalistas de luta jogaram papel destacado no 1º turno e foram uma força decisiva para a vitória de Lula.

Quando ao processo de ampliação dos apoios à candidatura da FBP entendemos que deverá ocorrer com mais força, sem comprometimento do programa de governo. Os novos apoios contribuirão para alargar a influência de massas. O movimento popular e sindical deve marcar presença firme nessa campanha. Lula precisará contar com grandes mobilizações populares estando à frente do governo, para poder tomar medidas avançadas e conseguir mantê-las frente à reação contrária dos poderosos.

Os sindicatos devem tomar uma posição oficial e política, resguardando a autonomia frente ao governo. Devem convocar suas instâncias, tais como: assembleias, encontros, congressos, ou seja, o meca-



Sérgio Barroso: Sindicalismo avançado em sintonia com a FBP

nismo de consulta que for mais ágil e o mais amplo possível para se posicionar.

Nossa expectativa quanto à Central Única dos Trabalhadores é de que apóie e compreenda que tem que tomar um posicionamento político. Essa é a posição mais avançada. O movimento classista é politizado, vincula a luta econômica com a política. Entendemos que a CUT deve ter esta compreensão política, pois nisso não há meio termo. Não dá para ficar em cima do muro. A Confederação Nacional das Indústrias já fez declaração de apoio a Collor e investirá da mesma forma que a Fiesp em São Paulo na candidatura de direita. Enfim, o que existe de mais expressivo junto ao empresariado já coloriu. Portanto, cabe aos sindicatos de trabalhadores dar a sua contribuição para barrar as pretensões patronais. Não se posicionar é oportunismo. A neutralidade nesse momento é coisa de sindicalismo oportunista, seria uma atitude injustificável.

O braço sindical patronal, de Antonio Rogério Magri, que preconiza o banditismo sindical, além da CNI, Fiesp, investe nas orientações da AFI-CIO — entidade pelega norte-americana — vinculada ao Departamento de Estado, sempre buscando atrasar as conquistas dos trabalhadores, agora vai pôr seguranças à disposição de Collor de Mello.

Na prática, isso significa que a

direita sindical já se prepara para propagandear seu candidato junto aos trabalhadores. É em meio a este contexto que a CUT e a CSC devem esclarecer a população trabalhadora a dar seu voto a Lula.

José Carlos Schultz, presidente da Federação dos Comerciantes do Rio Grande do Sul e secretário nacional de organização da CSC, concorda com Barroso e reforça suas considerações afirmando que o candidato de esquerda vai representar a união dos progressistas. Vai permitir durante o enfrentamento dos candidatos que o eleitor veja claramente a verdadeira face de Collor. Ele deve ser desmascarado como representante dos interesses da burguesia e dos imperialistas. As falcatruas e os desmandos de Collor à época em que governou Alagoas

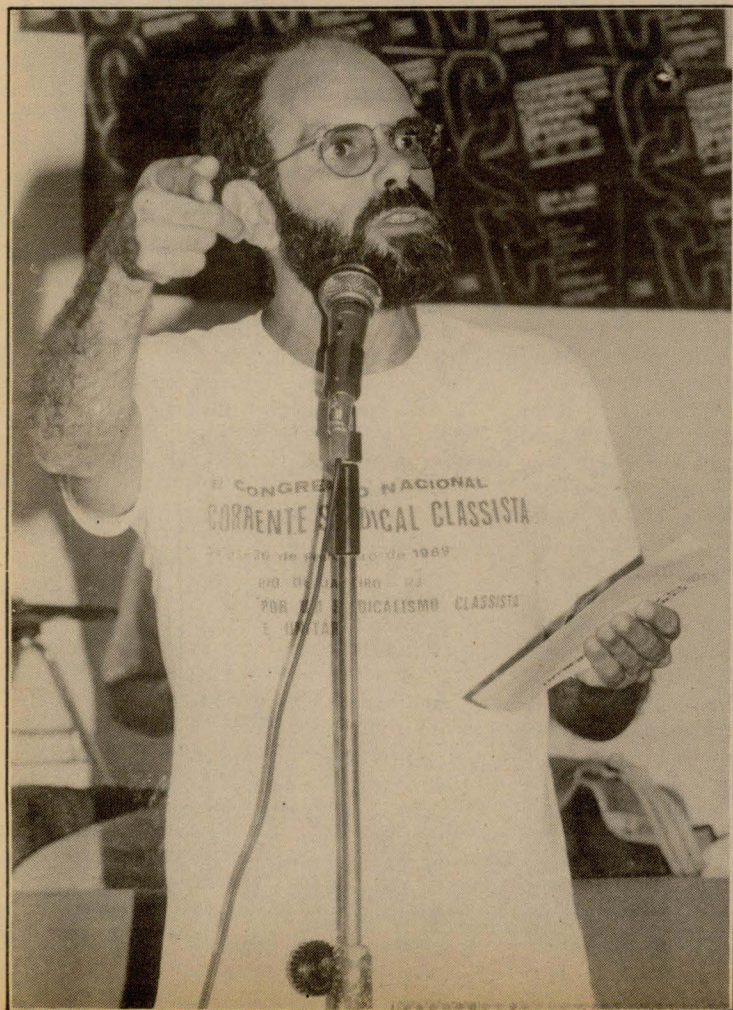


A CUT diante de um desafio

devem ser representados, assim como o caráter de sua candidatura (ver matéria na pág. 12) encoberto por um caro e bem montado recurso de marketing.

Os sindicalistas, considerando que os treze pontos do programa de governo da FBP têm estreita afinidade com o rol de reivindicações dos trabalhadores, devem rapidamente — dado o curto período de propaganda que resta — mobilizar seus representados, orientando-os a votarem no candidato da esquerda, aglutinando-os em núcleos de apoio com forte vínculo à campanha. Os eleitores devem ser esclarecidos sobre os antagonismos existentes entre as duas candidaturas. Devemos cumprir nosso papel de dirigentes sindicais, explicando as idéias arrojadas, de um Brasil moderno, independente, que Lula e a FBP propõem.

A CSC, a nível nacional, não vacilará em dar sua contribuição a possibilidade concreta de termos em 1990 Lula empossado como presidente da República à frente de um governo realmente democrático e popular, comprometido com a derrocada do modelo econômico dependente que assola a economia da nação e com a retomada de nossa soberania diante dos mais variados e aviltantes interesses das classes dominantes nacionais e internacionais. Apoiaremos claramente Lula no segundo turno conclamando a classe operária e o povo em geral a fazer o mesmo.



Schultz: "Lula representa a união de todos os progressistas"



Magri: seguranças para Collor

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## As sucessões na história

## 1954-1961 — O Sonho do “iluminado”

José Carlos Ruy \*

Com o suicídio de Vargas, em 1954, o golpe anti-democrático e anti-nacional que estava em andamento foi frustrado parcialmente devido à intensa explosão da ira popular. Seus promotores viram na morte de Vargas o início de um processo que os levaria ao poder; Carlos Lacerda acreditava que, depois do 24 de agosto, o país estava em pleno ciclo revolucionário. “O regime, em 24 de agosto, se havia desagregado. Dissolvera-se. Acabara-se. Era preciso começar de novo, com o interregno de um governo de exceção que limpasse o caminho para a restauração da democracia.” E pedia uma “ditadura a prazo fixo e boazinha” (Munhoz da Rocha “Radiografia de Novembro”).

João Café Filho, o vice-presidente, assumiu o lugar de Vargas e formou um ministério com políticos anti-getulistas como Raul Fernandes, Eugênio Gudin, Eduardo Gomes, Otávio Gouveia de Bulhões, Prado Kelly, Otávio Marcondes Ferraz, aliados ao capital estrangeiro e do grande capital comercial brasileiro, ligado ao comércio exterior. Parecia que a velha oligarquia voltava ao poder; porém, o governo dos golpistas não teve força para impor integralmente seu programa anti-nacional, anti-democrático e anti-industrialista. Não conseguiu fazer a reforma cambial exigida pelos conservadores (que exigiam a queda do valor do cruzeiro frente ao dólar); não conseguiu acabar com o monopólio estatal do petróleo (odiado pelos conservadores e pelos representantes do capital estrangeiro); não conseguiu cancelar a eleição presidencial marcada para 3 de outubro de 1955. O governo Café Filho, porém, revogou as restrições às remessas de lucros ao exterior pelas multinacionais; permitiu a importação, sem cobertura cambial, de máquinas e equipamentos obsoletos pelas multinacionais; sua política nuclear foi marcada pelo retrocesso na pesquisa nacional, que era condenada pelos norte-americanos.

A campanha presidencial de 1955 foi extremamente radicalizada. De um lado, as forças que apoiaram Vargas uniam-se em torno de Juscelino Kubitschek e João Goulart; os golpistas, os militares direitistas da Cruzada Democrática e os políticos da UDN concorreram apoiando a candidatura do general Juarez Távora, com Milton Campos para vice. Outros concorrentes foram o conservador Ademar de Barros (Partido Social Progressista) e o direitista Plínio Salgado (Partido de Representação Popular, integralista). Um dos

episódios mais marcantes da campanha foi a divulgação, pelo jornal dirigido por Carlos Lacerda, da chamada “Carta Brandi”, um documento falso que falava numa conspiração envolvendo Goulart, Kubitschek e o presidente argentino Juan Peron, com tráfico de armas e formação de milícias operárias — uma receita certa para aticar o anticomunismo larvar das elites e dos militares e indispô-los contra os candidatos que representavam a herança varguista.

O esforço não deu resultado; no dia 3 de outubro, Juscelino foi eleito presidente com 36% dos votos, e João Goulart eleito vice-presidente com 44% dos votos.

A eleição de Juscelino e João Goulart representava o retorno ao governo das forças que haviam sido afastadas um ano antes; era o fim do sonho dos golpistas que tentaram, ainda, criar obstáculos à posse dos eleitos, sob o argumento de que não obtiveram maioria absoluta (uma exigência que não constava da Constituição Federal sendo, portanto, descabidas). Na “Tribuna da Imprensa”, Carlos Lacerda exortava os militares a impedirem sua posse; a situação radicalizou-se e o presidente Café Filho afastou-se alegando doença, deixando a presidência para o deputado Carlos Luz, presidente da Câmara Federal e ligado aos golpistas de 24 de agosto. Tudo parecia encaminhar-se para um rompimento da legalidade constitucional; no dia 1º de novembro, a crise precipitou-se quando, durante o sepultamento do general Canrobert Pereira da Costa (um direitista histórico), o coronel Bizarria Mamede, comandante da Escola Superior de Guerra, fez um discurso pregando o golpe militar. O general Lott, ministro da Guerra e defensor da ordem constitucional, exigiu a punição de Mamede por Carlos

Luz, sem êxito. Teve início então uma crise militar que culminaria, dias depois, no golpe “preventivo” de Lott: apresentando a eventualidade de um golpe militar por parte da mesma aliança que levou Vargas ao suicídio, Lott depôs Carlos Luz no dia 11 de novembro e patrocinou a eleição, pela Câmara Federal, de Neure Ramos para a Presidência, garantindo assim a posse de Juscelino e João Goulart. Meses depois, em fevereiro de 1956, um grupo de militares da Aeronáutica iniciaram — sem êxito — uma ação armada em Jacareacanja, no Pará. Em 1959, em Aragarças (GO) ocorreu outra tentativa de golpe contra Juscelino.

Juscelino inaugurou um período de desenvolvimento econômico e maior penetração do capital estrangeiro na economia brasileira. Mudando a orientação de Vargas — desenvolvimento da indústria de base — Juscelino procurou orientar o crescimento para o setor de bens de consumo duráveis (como eletrodomésticos, automóveis etc.), abrindo as portas para as multinacionais, iniciando o modelo que, mais tarde, foi chamado de desenvolvimento dependente associado — um processo em que a força dinâmica da industrialização seria formada pelas multinacionais.

Com isso, foi definido um Plano de Metas baseado numa série de medidas concebidas, diz o economista Chico de Oliveira, pelas classes dirigentes para ampliar e expandir a sua hegemonia na sociedade brasileira (“A economia brasileira: crítica à razão dualista”). As classes dirigentes — principalmente as elites agrárias e o capital financeiro, solidamente representados no Congresso Nacional — conseguiram encontrar uma política de desenvolvimento econômico satisfatória a todos os interesses dominantes, ao mesmo tempo em que acreditavam poder

manter o movimento operário sob controle. Nessa política de industrialização, cabia ao Estado a tarefa de criar a infraestrutura econômica, construindo estradas, usinas hidrelétricas, explorando petróleo, minério de ferro, produzindo aço etc. O Estado investiu pesadamente em áreas que exigiam enormes recursos e demoravam para dar lucros — investimentos que, embora necessários para o desenvolvimento industrial, eram evitados por uma burguesia ávida de altos lucros rápidos e produto de investimentos relativamente moderados.

As elites rurais conservaram intocados seus imensos latifúndios e a agricultura voltada para a produção de matérias-primas exigidas pelo mercado externo; o capital financeiro aprofundava sua ligação com o imperialismo; a burguesia conseguiu bons lucros com seus negócios com as multinacionais que se instalavam no país; a classe trabalhadora parecia satisfeita com as possibilidades de novos empregos abertos pelas novas indústrias. No governo Juscelino, todos pareciam felizes e a concórdia parecia finalmente instalada na sociedade brasileira.

As contradições, porém, foram apenas maquiadas pelo desenvolvimento de Juscelino. Em meados dos anos 50, a produção industrial brasileira superou, pela primeira vez, a produção agrícola, e o processo de industrialização havia tomado um ímpeto que, com ou sem o Plano de Metas, transformaria profundamente a sociedade brasileira. Em 1955, antes da posse de Juscelino, existiam 39.893 estabelecimentos industriais no país, empregando 1,3 milhões de operários e quase 250 mil assalariados em outras funções. No campo, da mesma forma, o capitalismo desenvolvia-se com forte impacto na vida dos trabalhadores rurais. Essa foi a época do início da crise do

sistema de colonato (em que o lavrador morava na fazenda, sendo remunerado por um sistema que combinava salário com o direito de ficar com parte da produção), e começou a crescer o número dos diaristas (que hoje são conhecidos como bóias-frias).

As contradições voltaram a manifestar-se no final do governo Juscelino, com a eclosão de grandes greves operárias e o início da movimentação dos trabalhadores rurais. Essa volta era consequência das fissuras que o modelo de desenvolvimento econômico apresentava desde sua implantação. A recessão de 1957-1958 nos EUA aprofundou a crise do café, que ainda representava dois terços das exportações brasileiras; em apenas três anos (desde 1955), o Brasil perdeu, com a queda do preço do café, a quantia de 1,4 bilhões de dólares. Para resolver a situação, o país iniciou a diversificação de seus parceiros comerciais, procurando-os principalmente no Leste europeu; a procura de um caminho independente para o desenvolvimento brasileiro enfrentou, porém, a oposição norte-americana, e Juscelino não teve apoio do governo daquele país para enfrentar a crise econômica que se anunciava. Assim, terminou seu governo com uma dívida externa de 3,8 bilhões de dólares e uma inflação de 52% em 1959 e 23% em 1960, excepcionalmente alta para os padrões da época.

Apesar dos problemas econômicos, Juscelino conseguiu transferir o governo a seu sucessor numa situação de normalidade institucional. A mesma polarização das eleições anteriores repetiu-se em 1960. Os conservadores — agora reforçados pela criação do IBAD, Instituto Brasileiro de Ação Democrática, um organismo empresarial com apoio norte-americano, com o objetivo de eleger candidatos direitistas — apoiaram Jânio Quadros. Os progressistas, por sua vez, criaram uma Frente Operária Nacionalista para apoiar o general Henrique Teixeira Lott; Ademar de Barros foi o terceiro candidato. Jânio venceu com 48% dos votos, mas teve como contrapeso a indicação de um vice progressista, João Goulart, que teve 42% dos votos (naquela época, a escolha do vice era independente da escolha do presidente). A eleição de Jânio foi saudada pelos conservadores como uma “revolução pelo voto” — eles voltavam ao poder através do voto popular, e estavam dispostos a atacar-se. O país vivia então o sonho da chegada do “iluminado” que resolveria seus problemas — um sonho efêmero e trágico.



A política desenvolvimentista de Juscelino abriu o país ao capital estrangeiro

\* Colaborador da Classe

## CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

### Fazer política para milhões

Rogério Lustosa\*

“A política começa onde estão os milhões: não onde estão os milhares, somente onde estão os milhões começa a política séria”. Esta observação de Lênin tem enorme valor para compreender a situação do Brasil, em particular a importância extraordinária da unidade de esquerda materializada na Frente Brasil Popular.

#### Unir e Vencer

Revelou-se justa a posição dos comunistas em favor da unidade das correntes progressistas num movimento de massas em torno de um candidato capaz de enfrentar as elites. Em contrapartida, desmascarou-se o canto da sereia dos que convidavam à dispersão no primeiro turno, a pretexto de uma falsa afirmação de cada partido, para uma ilusória união depois, no segundo turno — em torno de alguém de centro, certamente. A Frente é que ofereceu a real possibilidade de unir o povo e vencer, no primeiro e, agora, no segundo turno.

A eleição revelou a polarização da sociedade. Os centristas não puderam levantar vôo. E os pretensos “renovadores do socialismo” terminaram a apuração rogando aos céus a graça de alcançar 1% dos votos, para sair da vala comum junto com Enéas, PG etc.

#### Duas opções

A favor das elites ou a favor do povo. A favor da reforma agrária ou contra a democratização da propriedade. Suspender o pagamento da dívida ou manter a submissão do país pelos credores internacionais. Votar no “bem-nascido” ou ter a coragem de marchar com um metalúrgico que representa os despossuídos. Prosseguir no velho sonho de um baú da felicidade ou ousar conquistar o futuro, “sem medo de ser feliz”. É isto que, em geral com linguajar mais terra a

terra, nosso povo está discutindo nestes dias, nas fábricas, nos trens, nas escolas, nas fazendas, nas praças, nas rodinhas dos bares.

A propaganda tem muito valor. Mas a experiência prática que os milhões de brasileiros fazem, participando de uma disputa deste nível, é o fator decisivo para elevar, em poucas semanas, o nível de consciência dos trabalhadores a um novo patamar. Movimentos assim, de milhões, é que abrem espaço para as grandes transformações sociais. A propaganda tem o papel de ajudar os trabalhadores, neste exercício prático de imenso potencial revolucionário, a compreenderem sua força e seu lugar na história, e a definirem com precisão suas tarefas.

#### No curso da história

Os comunistas isolados não cumpriram sua missão. Mas imbuídos de um inabalável sentido de unidade e, ao mesmo tempo, afirmando suas idéias no curso do movimento de massas, encontram as melhores condições para exercer seu papel de vanguarda. A busca da hegemonia não pode, de modo algum, confundir-se com isolamento, arrogância ou exclusivismo. A classe operária revela sua coerência no leito da história e jamais forjando atalhos artificiais à margem dos milhões.

Neste segundo turno é hora de manter e ampliar a Frente. E levar seus argumentos a todos os eleitores. De imediato, consolidar a nosso favor os que votaram nos candidatos com posição democrática. Mas não confundir o eleitor com o candidato. Não estigmatizar as pessoas. E, por isto, não esquecer que boa parte do povo votou no Boneco da Globo pensando que elegia um opositor de tudo que está por aí.

A luta pela unidade não é uma tática eleitoral. É um princípio básico para a conquista da liberdade e de uma nova sociedade.

\*Da direção nacional do PCdoB

## Arruda, educador e organizador

Há dez anos, no dia 25 de novembro, poucos dias depois do retorno do exílio, faleceu o camarada Diógenes Arruda Câmara.

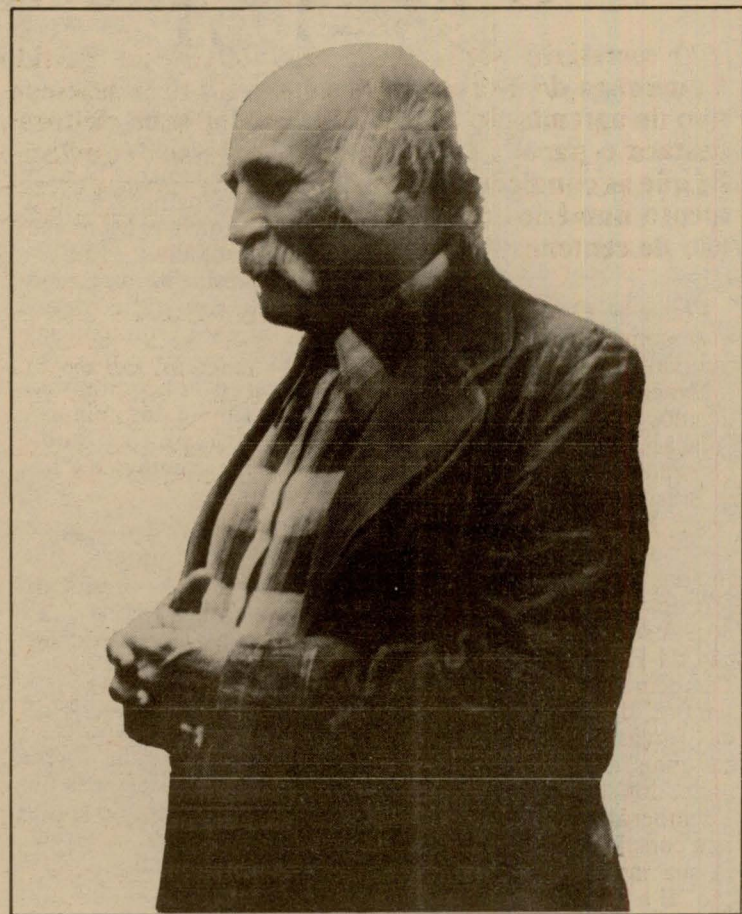
Em São Paulo e em vários Estados estão sendo organizadas atividades homenageando o dirigente comunista. Neste artigo, Dynéas Aguiar, da Executiva Nacional do Comitê Central, destaca as virtudes de Arruda, um incansável educador e construtor do Partido.

A vida de Diógenes Arruda foi inteiramente dedicada à luta do proletariado e das massas oprimidas em prol de um novo sistema social, que liquide a opressão e a exploração, pela emancipação dos povos e das nações. O socialismo sempre foi o seu ideal, a razão de sua existência, o guia de sua ação e seu comportamento.

Ele foi desses dirigentes que ao longo de sua militância soube comportar-se como digno revolucionário. Prova maior, venceu com honraria quando, prisioneiro da ditadura militar, passou pelas mais bárbaras torturas nas masmorras do regime ditatorial e defendeu com altivez o seu título de comunista, de membro do Partido Comunista do Brasil.

Nos momentos mais difíceis, quando os militares no poder torturavam e assassinavam os combatentes que lhes caíam nas mãos, Arruda sempre tratava de forjar nos militantes e quadros do PCdoB a concepção de que um revolucionário nunca deve deixar-se abater. Nessa época sempre transmitia os ensinamentos dos grandes revolucionários e repetia um que sintetizava toda a força do compromisso do comunista com a causa de sua classe. “O comunista, prisioneiro, pode resistir às torturas e às humilhações, desde que coloque em primeiro lugar a defesa do Partido e de seus camaradas, e, se possível de sua vida”. Nas mãos de seus algozes assim se comportou Arruda. Os torturadores não arrancaram uma só palavra que compromettesse o Partido ou ameaçasse a vida de um único militante ou dirigente.

Arruda sempre foi um entusiasta e abnegado construtor do Partido. Onde esteve, onde militou, dedicou suas energias para organizar o Partido, ampliar o número de militantes, enraizar o Partido junto às amplas massas. Na legalidade ou na clandestinidade sempre estudava a maneira concreta de implantar e consolidar as organizações partidárias. Sabia transmitir com vigor o sentimento de classe tanto para os militantes operários como para a juventude estudantil. Discutia com conhecimento de causa com o camponês e com intelectual. Era simples nas conversas e discussões com militantes de bases, profundo e abrangente quando escrevia seus arti-



gos, sistematizando as experiências partidárias.

Quando, em 1972, ao sair da prisão, o Comitê Central deu-lhe a tarefa de ir para o exterior, no Chile, na Argentina, na França ou em Portugal Arruda procurou dar sua contribuição para o fortalecimento dos partidos irmãos daqueles países. Grande entusiasta da luta heróica do povo albanês e do PTA, Arruda procurava sempre estudar as causas objetivas e subjetivas que permitiram um pequeno país como a Albânia e seu Partido resistirem à pressão revisionista e avançarem no caminho da construção do socialismo. Arruda deu, assim uma prova de internacionalismo.

Arruda foi também um dedicado e incansável educador no Partido. Na década de 50, o Partido dedicou grande esforço para a formação teórica, política e ideológica de seus quadros e militantes. Foram formadas escolas nacionais — do Partido e da juventude — escolas estaduais, publicadas obras dos clássicos do marxismo-leninismo, constituídos grupos de propagandistas e professores que se dedicavam ao trabalho de formação. Arruda foi o responsável no Comitê Central por essa tarefa até 1957.

Esse esforço foi de capital importância para a constituição de um núcleo de dirigentes teoricamente capacitados que tiveram condições de compreender o caráter revisionista, anti-revolucionário e de traição aos postulados marxistas-leninistas das posições que Prestes e seus seguidores assumiram no Comitê Central do Partido.

Na batalha contra o revisionismo, em particular após 1966, Arruda ocupou o lugar de destaque. Escreveu vários artigos, participou de inúmeras atividades no Brasil e no exterior que ajudaram nosso Partido e partidos irmãos a

compreenderem mais profundamente o caráter de classe da luta contra o revisionismo e a necessidade da defesa da doutrina científica do proletariado — o marxismo-leninismo e da luta ininterrupta contra todas as formas de oportunismo.

Os comunistas não ficam lamuriando a perda de seus camaradas e dirigentes. Igualmente não arreiam as suas bandeiras vermelhas. Ao contrário, se inspiram em seus exemplos, em suas qualidades, na firmeza para erguer mais alto e sustentar com mais força e vigor o estandarte que significa a luta maior da humanidade — o fim da sociedade dividida em classes e a conquista do socialismo.

No momento atual, quando se conjugam no exterior e dentro do país as forças anti-socialistas e anti-proletárias na mais orquestrada e ruidosa campanha contra o marxismo-leninismo e o comunismo, devemos olhar para nossa gloriosa história de 67 anos de luta, inspirarmo-nos na trajetória coerente e mobilizadora de tantos que dedicaram sua vida, inteligência, honra e dignidade à causa que abraçaram. É grande a galeria dos que assim agiram: Grabois, Danielli, Guilhardini, Elenira, Lúcio Petit, Oswaldão, Frazão, Pomar e muitos outros são nossas referências para continuarmos a luta. Arruda ocupa, sem dúvida, destacado lugar nesse rol.

Organizar, construir e consolidar um grande Partido, atrair para nossas fileiras milhares de novos combatentes, enraizar o Partido nas fábricas, no campo, nas escolas e Universidades, enfim, em todos os locais onde lampeja a luta pela revolução e na organização contra a exploração e a miséria que se abate sobre nosso povo, é uma das formas justas de honrar e enaltecermos a vida e a luta do camarada Diógenes Arruda Câmara.

CDM

Centro de Documentação e Informação  
Fundação Maurício Grabois



Entrevista

Dynéas Aguiar

# O Partido saiu vitorioso

O secretário nacional de organização do Partido Comunista do Brasil fala à Classe sobre o desempenho da agremiação comunista na campanha eleitoral, destaca o papel da militância e expõe sua convicção de que as condições são propícias a um enorme crescimento numérico das fileiras do PCdoB, com a filiação de centenas de milhares de lutadores.

**Classe** — Como você avalia o desempenho do PCdoB na campanha eleitoral?

**Dynéas** — Nesta campanha tivemos três grandes frentes de atuação. A primeira foi a elaboração do programa da Frente Brasil Popular, para o qual nosso Partido deu significativas contribuições na formulação das propostas e na elucidação dos problemas apresentados. A segunda foi a constituição da Frente Brasil Popular. Também aí o PCdoB, que sempre defendeu a unidade das forças populares, das forças mais avançadas da sociedade, dos setores progressistas e democráticos, contribuiu para a constituição da frente, para sua implantação e ampliação. E a terceira grande questão que enfrentamos foi a atividade da militância partidária, levar a campanha, as bandeiras do programa da FBP e a candidatura do Lula a todos os rincões de nossa pátria, em particular para a classe operária, para os setores populares, da cidade e do campo, para as universidades, as escolas, enfim, a conquista do eleitorado. Também aí nós podemos afirmar que foi grande o engajamento de nossa militância na campanha. Todo o nosso Partido esteve presente nas ações da campanha, nos comícios, nos atos, nas panfletagens, nas visitas às portas das fábricas, nos debates, ao lado dos militantes do PT e do PSB. Os comunistas desenvolveram uma grande campanha e o nosso Partido teve, nesse conjunto de atividades, uma participação efetiva.

**Classe** — Qual foi o grau de penetração da campanha da FBP nos setores fundamentais da sociedade?

**Dynéas** — O resultado do primeiro turno confirmou o caráter da candidatura de Lula — candidatura do povo contra as elites. Uma avaliação do resultado eleitoral indica que, fundamentalmente, o voto do Lula veio das grandes fábricas, das empresas, dos setores de assalariados agrícolas e da massa camponesa que são os setores mais oprimidos e mais explorados da sociedade brasileira. Mas o Lula obteve também uma grande votação dos setores de trabalhadores urbanos — bancários, funcionários públicos, comerciários e diversas outras categorias —, como também uma expressiva votação dos estudantes. Um pouco antes das eleições a UNE promoveu uma prévia eleitoral

nas universidades e o Lula ganhou com larga vantagem, tendo alcançado, em algumas universidades, mais de 50% dos votos. Tudo isso demonstra que a candidatura do Lula teve grande aceitação nos setores populares, sendo vista como uma candidatura de mudança.

**Classe** — O PCdoB não lançou candidato próprio e integrou a FBP, apoiando a candidatura do Lula. Você acha que para o PCdoB o resultado foi positivo, ele ganhou com a política que adotou ou sua projeção teria sido maior se agisse de outra forma?

**Dynéas** — Essa questão foi colocada desde o primeiro momento em que discutimos a nossa estratégia para a campanha eleitoral. Havia duas opções — lançar candidato próprio ou apoiarmos uma candidatura de frente única.

Consideramos que foi corretíssima a decisão de nosso Partido de integrar a Frente Brasil Popular. Com um candidato próprio teríamos mais espaço no horário eleitoral gratuito e um palanque só nosso, mas o público que atingiríamos e mobilizaríamos seria muito mais reduzido. Participando da FBP o nosso Partido teve a oportunidade de, falando uma linguagem comum com os demais partidos da Frente, aparecer com sua fisionomia própria e, assim, ter acesso a milhões de brasileiros. Nos comícios, nos atos públicos, nas conferências e mesmo nos pro-

gramas de televisão, nas panfletagens, carreatas, enfim, nas atividades da campanha, o nosso Partido participou destacadamente e teve uma ligação direta com as massas. Nossa participação foi necessária para que o candidato da FBP obtivesse a vitória no primeiro turno. É preciso considerar que nestas eleições não estava se decidindo os destinos do Brasil em termos de capitalismo ou socialismo. O que está em jogo é se nosso país vai de fato trilhar um caminho independente e progressista, que possa de fato resolver os problemas que a crise brasileira coloca na ordem do dia. Sendo assim, as propostas e o programa que foram discutidos na campanha eleitoral contêm a idéia da mudança. O PCdoB entende que essa mudança não pode ser fruto de uma ação isolada deste ou daquele partido, deste ou daquele segmento, mas da maioria esmagadora da população. Portanto, participando da frente, levando as suas idéias, o PCdoB contribuiu para que as propostas programáticas da FBP correspondessem aos anseios da maioria esmagadora da população e revertesse no resultado eleitoral que obtivemos. Por tudo isso, acho que o Partido sai politicamente fortalecido.

**Classe** — Como isso se reflete no crescimento das fileiras do PCdoB?

**Dynéas** — Em primeiro lugar devemos assinalar que o PCdoB obteve uma projeção política muito grande. As suas idéias, os seus pronunciamentos foram ouvidos por milhões e milhões de pessoas. As bandeiras do Partido e suas palavras de ordem estiveram presentes nos comícios com centenas de milhares de pessoas. O PCdoB também mereceu o respeito das forças políticas



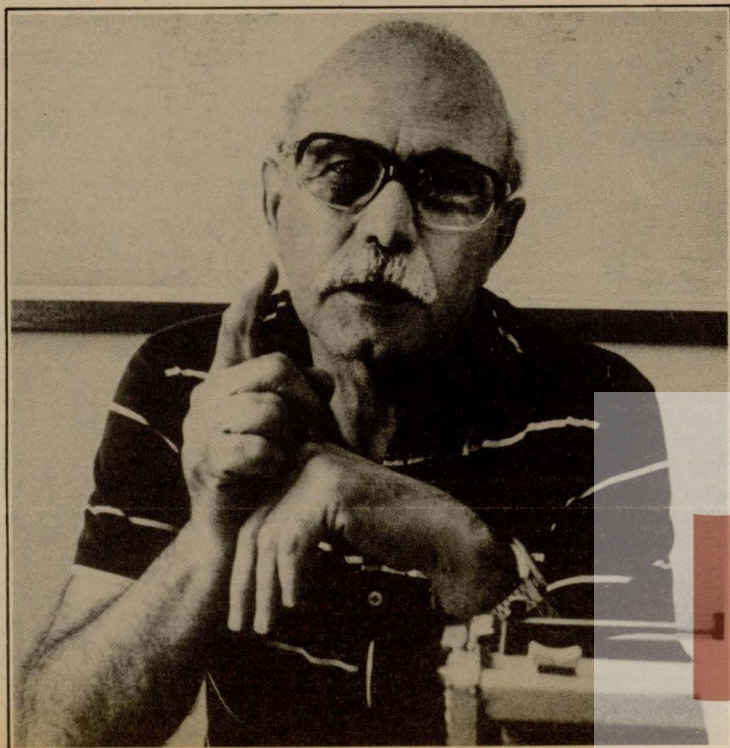
A bandeira do PCdoB despertou a esperança do povo simples e oprimido

que atuaram ao nosso lado nesta campanha e mesmo dos adversários. Isto porque viram no nosso Partido um partido sério, que tem propostas, um partido de luta, que sabe cumprir e honrar os seus compromissos. Por isso afirmamos que, politicamente, o PCdoB cresceu bastante. No aspecto orgânico também crescemos. Constituímos um número considerável de direções municipais em cidades do interior em todos os Estados. Na última fase da campanha houve uma filiação significativa em alguns Estados, onde as direções locais compreenderam a necessidade do fortalecimento orgânico. Goiás, Minas, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, só para citar alguns exemplos, realizaram centenas e centenas de filiações. Agora, o crescimento numérico não foi tanto quanto possível e necessário.

**Classe** — Quais são as perspectivas de crescimento numérico nesta nova fase?

**Dynéas** — Se levamos em conta o resultado eleitoral e a penetração da candidatura de Lula nos setores fundamentais da sociedade, consideramos que os três partidos da Frente Brasil Popular devem fortalecer-se bastante. Há condições propícias para o Partido Comunista do Brasil crescer entre a classe operária e entre as massas trabalhadoras, nas cidades e no campo. Se o proletariado deu uma resposta positiva ao programa da Frente, se nosso partido é um dos principais

defensores desse programa, sendo ao mesmo tempo defensor de uma solução mais avançada para a sociedade brasileira no futuro, cabem dentro deste partido centenas de milhares de trabalhadores que hoje têm uma participação ativa na vida política brasileira. O mesmo ocorre no campo, onde a votação do Lula foi significativa, em particular entre os assalariados agrícolas. O Partido está plenamente identificado com esses setores, pois, desde os primórdios da sua existência, defende a reforma agrária e hoje luta com ênfase por uma reforma agrária antilatifundiária. Do seio do campesinato e dos assalariados agrícolas podemos, portanto, trazer milhares de filiados. O mesmo ocorre entre os estudantes, entre a intelectualidade progressista, enfim, entre os setores fundamentais da população. Nas três semanas de campanha eleitoral que temos as direções locais do Partido devem fazer planos muito concretos, a nível de Estado, Município, empresa, universidade etc., para o crescimento numérico das fileiras comunistas. A minha convicção é que há amplas possibilidades para o Partido crescer e se fortalecer nesta campanha e de que atingiremos em curto prazo a meta de meio milhão de filiados ao PCdoB. Um grande partido comunista, arraigado na população, será uma garantia do respaldo de massas necessário à aplicação do programa da Frente Brasil Popular.



Dynéas: Temos pela frente o desafio de construir um grande Partido

# El Salvador: pátria livre, ou morrer!

Carlos Pompe

Na terça-feira, 21, quando encerrávamos esta edição, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional parecia iniciar a retirada de San Salvador, a capital salvadorenha, após a sua mais espetacular ofensiva armada em 10 anos de guerrilha. O governo de Alfredo Cristiani, sustentado por armas e dólares norte-americanos, saiu humilhado dos combates. Em desespero de causa, mandou a aviação bombardear os bairros periféricos da capital, ordenando a matança indiscriminada da população civil.

“Somos operários que estamos em pé de guerra”, afirmou um guerrilheiro em San Salvador. Após 10 anos de encontros armados, a guerrilha lançou sua ofensiva de maior proporção à capital. As duas casas do presidente Alfredo Cristiani, a casa do presidente do Congresso, a academia de Segurança Pública e quartéis do Congresso Nacional, da Polícia Militar e da 1ª Brigada do Exército foram alvos dos guerrilheiros no dia 13.

O dirigente da Frente Farabundo Martí (FMLN), Joaquim Villalobos, declarou “territórios liberados para a população todas as nossas zonas sob controle nos Departamentos de Morazán, San Miguel, La Unión, Usulután, Cuzcatlán, Chalatenango, San Vicente e Cabañas”, no interior do país. Outra dirigente guerrilheira, Ana Guadalupe Martínez, anunciou a formação de governos populares em várias regiões.

“O objetivo da ofensiva atual é forçar o governo do presidente Alfredo Cristiani a realmente negociar a paz e a democratização conosco, e não apenas estabelecer um diálogo sem conseqüências práticas”, anunciou Ernesto Cisneros, da Comissão Político-Diplomática da FMLN e da Frente Democrática Revolucionária.

Segundo Cisneros, “nas ne-

gociações de paz com a guerrilha, foram enviados funcionários de segundo escalão, sem poder decisório. Enquanto isso, os esquadrões da morte, ligados à ala ultraconservadora do Exército, continuam assassinando opositores.

A ofensiva foi batizada com o nome de “Fora fascistas, Febe Elizabeth vive”. Febe Elizabeth era uma das sindicalistas mortas num atentado realizado na sede da Federação Nacional dos Trabalhadores Salvadorenhas. Integrante da União de Mulheres de El Salvador, ela escreveu certa vez:

“Hoje somos milhões de mulheres em diversas frentes, muitas estão nas milícias, nas forças guerrilheiras, no exército popular de libertação, participando tanto da linha de combate quanto das lideranças (é reconhecido que grande parte dos comandantes da FMLN são mulheres, inclusive as mais conhecidas). Nossa luta é uma guerra política e militar de um povo inteiro contra uma minoria sustentada pelo imperialismo norte-americano.”

## Governo fantoche

A denúncia de Febe Elizabeth está repleta de razão. O governo salvadorenho é mantido e financiado diretamente pelos Estados Unidos. Todos os dias são entregues aos governantes 1 milhão e 400 mil dólares a título de “ajuda eco-

nômica”. O dinheiro é investido em propinas e compra de armas e munições.

Essa investida norte-americana foi intensificada após a vitória dos guerrilheiros sandinistas na Nicarágua. Temendo que o episódio se repetisse em El Salvador, o então recém-eleito presidente dos EUA, Ronald Reagan, enviou militares e dinheiro para socorrer seus comparsas no poder em El Salvador.

Na chefia do imperialismo ianque, Reagan foi substituído por George Bush, antigo presidente da CIA — organização de espionagem e terrorismo internacional do governo norte-americano. Ao tempo em que trocava tapinhas nas costas com Gorbachev anunciando o fim da luta de classes, Bush multiplicou o envio de dólares e armas para El Salvador. E ainda acionou o governo de Israel e da Guatemala para auxiliarem no combate ao povo salvadorenho e à guerrilha da FMLN.

A atual ofensiva acabou surpreendendo certos analistas internacionais, que alardeavam o fim da era das revoluções no mundo. Alguns consideraram os combates “um anacronismo”. Outros disseram que o enfrentamento pode ser “um obstáculo incômodo” para a próxima reunião de Bush com Gorbachev.

Mas a luta salvadorenha só faz confirmar a justeza das análises dos marxistas-leninistas, como o dirigente albanês Ramiz Alia que recentemente afirmou numa reunião do Partido do Trabalho da Albânia que a revolução “marcha adiante, porque é impossível que o proletariado e os povos pactuem com a exploração e a opressão. Enquanto que a burguesia e o imperialismo não podem viver sem exploração e opressão.”

## A solidariedade do PCdoB

Está programado para esses dias em Bogotá, na Colômbia, o 2º Encontro Latino-Americano pela Autodeterminação e Solidariedade dos Povos, para o qual foi convidado um representante do PCdoB. Impossibilitado de participar, em função de compromissos políticos inadiáveis, o Comitê do Partido Comunista do Brasil, desde já solidário com as resoluções que serão adotadas na reunião, enviou ao comitê organizador do evento, no dia 22 de novembro, a seguinte mensagem:

“Impossibilitados de participar desse histórico evento transmitimos aos delegados presentes ao Encontro nossas calorosas e fraternais saudações. É chegado o momento de unir nossos esforços para combater a intervenção imperialista nos países que lutam por sua libertação. Estamos solidários com as sábias decisões que serão adotadas no 2º Encontro e que refletirão seguramente os anseios de liberdade, independência nacional e justiça social de milhões de pessoas no Continente e em todo o mundo.”



As mulheres têm participação marcante na guerrilha

## Sindicalistas mortos a mando dos governantes

O assassinato de oito pessoas num atentado organizado por militares em El Salvador foi objeto de inúmeros protestos das forças democráticas e progressistas em todo o mundo. A Frente Continental Mulheres Contra a Intervenção, sediada na Nicarágua, emitiu o seguinte telegrama:

“Frente Continental Mulheres Contra a Intervenção condena atroz atentado contra sindicatos salvadorenhas perpetrado pelo governo da Arena e Alto Comando da Forças Armadas que custou

a vida de oito pessoas, entre elas Febe Elizabeth Velasquez, destacada dirigente sindical vinculada ativamente à Frente Continental.

A União de Mulheres Salvadorenhas solicita a organizações e grupos de mulheres do continente que denunciem esses fatos e expressem repulsa ao governo desse país, dirigindo comunicados ao sr. Alfredo Cristiani, presidente de El Salvador.

Podem ser enviadas mensagens à União de Mulheres Salvadorenhas, Apto. Postal 3458, Telcor, Central Manágua, 5, Nicarágua”.



Mutirão para enterrar os mortos: o governo ordenou o bombardeio dos bairros



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Albânia festeja 45 anos da libertação

**Carmem Elias\***

O 29 de novembro de 1944 é data histórica para o povo albanês, marco de uma nova página que se abriu na trajetória milenar de um país marcado por lutas contra invasores e opressores, pelo direito de existir enquanto nação, pela defesa da integridade territorial, pelo fim do atraso, da miséria e do obscurantismo.

Quarenta e cinco anos de vida socialista, é o que o povo da Albânia festeja neste 29 de novembro de 1989. E os motivos para que essa comemoração seja grandiosa não são poucos.

A Albânia anterior à revolução, o país mais atrasado de um continente econômica e culturalmente desenvolvido —

a Europa —, com 90% de sua população analfabeta, na sua maioria camponeses, cuja expectativa média de vida ultrapassava pouco mais de 30 anos, com quase nenhuma indústria, sem universidade, coberta por pântanos nas poucas regiões planas, assoladas pela fome e pela miséria, cobijada por potências em função de suas riquezas e sua posição estratégica nos Balcãs, jamais poderia conhecer tal desenvolvimento e prosperidade alcançados nestes últimos 45 anos — se não tivesse marchado de forma decidida no caminho do socialismo.

## Símbolo de luta

A história da revolução na Albânia, sua experiência de construção do socialismo, deve ser vista pelos povos opri-

midos e explorados de todo o mundo, não como um modelo a ser copiado e sim com um exemplo de que quando o povo, a classe operária, os explorados e oprimidos tomam em suas próprias mãos as rédeas de seu destino, é possível realizar transformações.

Os 45 anos de construção do socialismo na Albânia contrastam com a intensa propaganda feita internacionalmente pela burguesia, sobre a incapacidade do socialismo para dar respostas aos problemas colocados pelo atual estágio de desenvolvimento econômico mundial, assim como sobre a falência do marxismo.

Enquanto uma parte do mundo, formada por países anteriormente de orientação socialista, defronta-se com problemas e fenômenos típicos do sistema capitalista, abarcando todos os níveis e campos da vida da sociedade, a Albânia experimenta um processo ininterrupto de desenvolvimento econômico, social, cultural e ideológico, que leva a marca da evolução no sentido do progresso, do crescimento, da ruptura com o atraso, a dependência, a estagnação econômica, a falta de liberdades e democracia para as amplas massas do povo.

Durante a Segunda Grande Guerra, a Albânia foi invadida pela Itália fascista, que visava concretizar os seus objetivos anexionistas. Era então o ano de 1939. Com a cumplicidade do regime antipopular e despótico do autoproclamado Rei Zog, os fascistas italianos dão início à aplicação de um plano de medidas políticas, econômicas e administrativas, visando legalizar e consolidar o regime de ocupação. Aparentemente o Estado albanês era preservado, enquanto na prática a Albânia transformava-se numa província do império italiano. Para o povo, a ocupação tinha o significado do início de mais um duro período de servidão e opressão, tão bem conhecido

por ele durante 500 anos de ocupação e dominação do Império Otomano.

## Soberania e liberdade

É nesse contexto que nasce o movimento de resistência. A princípio como movimento espontâneo que brota em pontos diversos do país e em circunstâncias variadas. Faltava ao povo albanês uma direção conseqüente, capaz de guiá-lo e transformar a sua revolta em movimento organizado, com objetivos claros e definidos, apto a se opor com a força necessária aos seus algozes.

O movimento operário era novo e inexperiente, sem contar a sua pequena representatividade numérica na sociedade. Existiam alguns grupos comunistas, que até então atuavam separadamente. É nesse contexto que, analisando a situação criada com a ocupação fascista e o estado de ânimo das massas populares propensas à luta contra os opressores, em 8 de novembro de 1941 representantes dos vários grupos comunistas da Albânia se reúnem na clandestinidade e fundam o Partido Comunista da Albânia — hoje Partido do Trabalho da Albânia. À frente deste evento histórico, para os destinos do povo albanês, encontrava-se Enver Hoxha.

O objetivo estratégico do Partido, formulado em sua reunião de fundação, era o de “Combater pela independência nacional do povo albanês e por um governo popular democrático numa Albânia livre do fascismo”. Para realizá-lo apontava como necessidade a formação de um amplo e unitário movimento que congregasse todos os patriotas, nacionalistas e democratas, em condições de unificar todo o povo e mobilizá-lo na luta contra o fascismo. Assim o partido assinalava: “Unir-se a todos os nacionalistas que almejam verdadeiramente a liberdade da Albânia, a todos os albaneses honrados que desejam combater o

fascismo...” É alcançada assim a idéia da formação da Frente de Libertação Nacional, que iria dirigir o povo na jornada da luta emancipadora.

Um grande exemplo que nos dá a história da revolução na Albânia encontra-se no fato de o Partido Comunista ter compreendido a necessidade de transformar a luta pela libertação nacional em revolução social que fosse capaz de proporcionar a verdadeira liberdade e a independência, e colocar de fato o poder nas mãos do povo. “A transformação da Luta de Libertação Nacional em revolução popular constitui um dos fatores fundamentais para que o povo não visse mais tarde o fruto de sua luta em mãos oportunistas e opressoras, como ocorreu em vários países.

Foram cinco anos de guerra, de luta desigual, com o povo albanês enfrentando os exércitos nazi-fascistas da Itália e Alemanha, aliados aos traidores e à reação interna, mas nem a superioridade no preparo militar, em armas, nem o terror difundido nos quatro cantos do país, com um sem-número de aldeias inteiras queimadas, com o gado e a agricultura destruídos, com a selvageria e a violência imperando nas cidades, foram capazes de dobrar esse pequeno, porém valente povo que deu pela liberdade de sua pátria 28 mil de seus melhores filhos, um mártir por quilômetro quadrado.

Desde a libertação nacional, 45 anos atrás, o povo albanês constrói o socialismo. Nesse período relativamente pequeno conheceu o progresso econômico social e criou um regime político avançado.

O exemplo da Albânia nos dá a certeza da vitalidade e da superioridade do sistema socialista, a convicção de que o marxismo não fracassou.

\* da diretoria da Assoc. de Amizade Brasil — Albânia

## A saudação do PCdoB

Ao camarada Ramiz Alia  
Ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia

Queridos camaradas:

Recebam nossas calorosas felicitações, extensivas ao povo albanês, pela passagem do 45º aniversário da libertação nacional e da vitória da revolução popular. É um acontecimento de dimensões históricas que revela o valor e a força das idéias revolucionárias dos clássicos do marxismo-leninismo e também do saudoso camarada Enver Hoxha.

Quando as fileiras do proletariado mundial encontram-se dominadas, em grande parte, pelo oportunismo, pela traição ao socialismo e ao comunismo na União Soviética e em muitos outros países — a Albânia se destaca como grandioso exemplo de coerência e conseqüência revolucionárias que enche de orgulho a todos os que se mantêm fiéis à causa da transformação radical da sociedade, com o desaparecimento do sistema capitalista-imperialista em decomposição.

A burguesia divulga freneticamente, através dos meios de comunicação, a morte do comunismo, procurando incutir nas massas de milhões o sentimento de derrota e de desesperança. Engana-se, porém. O ideal do comunismo está mais vivo que nunca na consciência dos que trabalham e produzem as riquezas sem delas usufruir quaisquer benefícios. A vida revela o tremendo agravamento das contradições inevitáveis do capitalismo — os ricos tornam-se riquíssimos enquanto os trabalhadores e as massas populares amargam uma existência de miséria e sofrimento sem conta.

O socialismo na Albânia vem sendo construído exitosamente. Tendo à frente o PTA, sabiamente dirigido pelo seu Comitê Central e pelo camarada Ramiz Alia, o povo albanês

empenha-se com entusiasmo e espírito criador na execução das diretrizes estabelecidas nos Congressos do Partido. Em que pesem dificuldades climáticas que se repetem há vários anos, são consideráveis os avanços alcançados em todas as frentes de trabalho. A Albânia progride ininterruptamente e assegura o bem-estar, em nível sempre mais alto, ao conjunto da sua população.

Presentemente, o povo albanês e seu partido de vanguarda vivem um rico período de aprofundamento do conhecimento teórico relacionado com a construção da nova vida socialista. Baseiam-se no princípio de que o marxismo, em essência, é crítico e revolucionário. Não admite o estancamento nem o burocratismo. A teoria avança com a sistematização da experiência e com a assimilação de dados novos da realidade. Isto abre largas perspectivas ao progresso social na Albânia e representa contribuição valiosa para o movimento revolucionário.

O Partido Comunista do Brasil, PCdoB, que se considera irmão de ideais e de luta do heróico Partido do Trabalho da Albânia, rejubila-se com a passagem de mais um aniversário da grande epopéia do povo albanês, que o livrou para sempre da opressão e da exploração dos imperialistas e seus sequazes.

Viva o 45º aniversário da libertação nacional e da vitória da revolução popular na Albânia!

Viva o marxismo-leninismo!  
Viva o internacionalismo proletário!

Viva a amizade indestrutível entre o PTA e o PCdoB!

João Amazonas, pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil.

São Paulo, 22 de novembro de 1989.

Arquivo



**CDM**

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Pintura albanesa retrata reunião da Frente de Libertação Nacional

# O POVO BRASILEIRO

## Yanomamis: sinal de esperança

**Uma decisão judicial determina a imediata remoção dos garimpeiros das áreas indígenas que invadiram em Roraima, e abre espaço para compreender aspectos fundamentais da cultura e da sociedade yanomami, que serão destruídas se não se fizer a imediata demarcação das terras.**

O juiz Novelty Vilanova da Silva Reis, da 7ª vara da Justiça Federal, determinou a interdição dos 9 milhões de hectares reivindicados pelos índios yanomami, e ainda atribuiu à Funai a incumbência de promover a imediata retirada dos garimpeiros que ocupam a região. A ação de desocupação deverá, de acordo com o despacho judicial, receber o apoio da Polícia Federal.

O juiz concedeu liminar à medida cautelar que os procuradores da República Deodora Macedo Duprat de Brito Pereira e Eugênio José Guilherme de Aragão impetraram contra a União, a Funai e o Ibama — Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente e Recursos Naturais Renováveis. Em quase 40 páginas datilografadas os dois procuradores demonstraram a necessidade de demarcação da terra yanomami em áreas contínuas, e a ação nefasta dos garimpeiros na região, destruindo a natureza e provocando a morte dos indígenas.

### O governo demarca as terras, e mutila 75% de sua área

A liminar concedida pelo juiz federal não garante ainda a demarcação da terra yanomami — que deverá ser discutida na Justiça em outra ação — mas tem o objetivo de resguardar a integridade física e cultural dos indígenas até que a questão seja decidida em definitivo.

Até o momento, entretanto, a Funai não tomou qualquer medida para cumprir a determinação judicial. Por seu lado, o governador biônico de Roraima, Romero Jucá, declarou que não vai sequer admoestar os garimpeiros. Ao contrário, afirmam os procuradores, ele vem “incentivando não só a permanência dos garimpeiros na região como um novo fluxo de extrativistas”. Jucá é o braço civil do Projeto Calha Norte na questão indígena.

A última ação do governo federal antes da recente decisão da Justiça havia sido demarcar as terras yanomami em 19 áreas distintas, num total de 2,43 milhões de hectares, quando a área prevista por estudos da própria Funai é de 9,41 milhões de hectares. A

base da política de demarcação de áreas descontínuas segue orientação do documento “Plano de Ação Yanomami”, elaborado também por equipe da Funai só que, conforme denunciam os procuradores, “ausentes de qualquer motivação antropológica e integrada ao Projeto Calha Norte, de interesse militar-estratégico para a região”. A demarcação, seguindo esta ótica, distinguiu três regimes de uso da terra: as 19 áreas indígenas propriamente ditas, duas florestas nacionais consideradas como “espaços adicionais” e um parque nacional. Esta decisão foi adotada mesmo com o Poder Executivo federal e a Funai reconhecendo que toda a região é habitada por índios.

### Comissão de entidades denuncia: “a ação do Estado é nefasta”

“As conseqüências da ação governamental na região ocupada pelos yanomami são as mais nefastas”, garantem os procuradores da República. A seguir, eles citam as conclusões da viagem da Comissão de Ação pela Cidadania (composta por entidades como a OAB, ABI e outras): “A primeira agressão diz respeito à poluição da água. As tendas de comércio e as barracas onde se alojam os garimpeiros localizam-se à beira do mesmo igarapé que abastece a maloca, (...) poluindo a água e provocando enfermidades nos índios. Pior ainda são os depósitos de mercúrio que envenenam a massa líquida dos rios”. O mercúrio é utilizado no processo de extração do ouro.

“O segundo fato verificado”, continua o relatório da comissão, “foi a presença de balsas de garimpagem ao longo do rio Uraricoera (...). O desmatamento nas duas bordas do rio e de afluentes e a coloração fortemente barrenta das águas, nas proximidades dos acampamentos de garimpeiros, puderam ser notadas pela simples observação aérea”. Os procuradores registram ainda a gravidade da utilização do mercúrio na região através do depoimento do médico da “Casa do Índio” em Boa Vista, publicada no “Jornal de Brasília”: “Todos os yanomamis e todos os garimpeiros estão sendo intoxicados pelo mercúrio. E o mercúrio é

cumulativo. Ele pode se manifestar em más-formações congênitas”.

### O peixe e a caça acabaram. As crianças vão ficando inchadas

Em seu depoimento o médico retrata, também, a situação dos indígenas: “No foco principal do garimpo a caça é rara. O peixe é inexistente. O barulho dos aviões espanta a caça e o mercúrio acaba com os peixes. Os índios passam a comer alimentos trocados com os garimpeiros (biscoitos refinados, Coca-Cola, bebidas alcoólicas). O índice de cáries aumentou. As crianças ficaram inchadas, porém desnutridas. As doenças venéreas começam a se alastrar”. O médico ainda alertou na matéria para o perigo do alastramento da doença conhecida como oncerose, que existe somente na terra dos yanomami. Ela é transmitida por uma espécie de borrachudo que deposita uma larva na pele. “Os sintomas são a perda de elasticidade da pele, as coceiras e, em estágio avançado, atingindo o olho, pode provocar cegueira.

Em 1984 encerraram-se os estudos que uma portaria ministerial de março de 82 havia determinado que a Funai executasse, e foi produzido o documento “Terra indígena yanomami”, recomendando a demarcação, que até hoje se pleiteia, dos 9,41 milhões de hectares. O estudo buscou o relacionamento dos índios entre si e com a natureza para justificar a necessidade da demarcação de suas terras: “A delimitação do território yanomami deve levar em conta, necessariamente, sua forma de ocupação da terra”.

### Demarcação de terras descontínuas destrói integração social

As habitações yanomami são muito variadas, diz o documento. Na sua maioria as casas constituem-se em uma grande maloca de forma cônica, ou um círculo aberto. Encontram-se grandes malocas isoladas ou, em tamanhos menores, agrupadas em conjuntos. Qualquer que seja o formato, avaliam, uma casa yanomami abriga de 30 a 150 habitantes, embora as maiores possam abrigar até perto de 300 pessoas.

As aldeias podem ser constituídas por uma ou várias malocas, e mantêm entre si intenso contato, consolidado por relações econômicas, matrimoniais, rituais e de fraternidade, afirmam os estudiosos. “Da movimentação entre aldeias ou conjuntos de aldeias



**Índios yanomami: só demarcação preserva cultura**

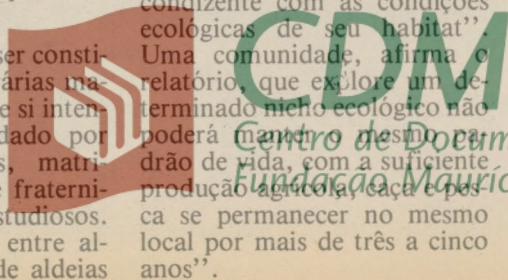
dependem a dinâmica e o equilíbrio da vida econômica e social das comunidades yanomamis. Essa movimentação envolve freqüentemente contatos intensos e prolongados entre aldeias que distam de um a cinco dias ou mais de viagem a pé pela floresta, ou, mais raramente, de canoa — em termos lineares, estas distâncias equivalem de 10 a 100 quilômetros.

Os yanomami percorrem distâncias que atingem, muitas vezes, um raio de 150 quilômetros para manter relações econômicas e sociais intercomunitárias, “fundamentais a seu modo de vida”. Daí decorre a conclusão fundamental para a necessidade da demarcação da terra yanomami: “Os espaços entre as aldeias, que num mapa estático convencional apareceriam como ‘vazios’, são na realidade totalmente utilizados pelos yanomami, de uma maneira racional e perfeitamente condizente com as condições ecológicas de seu habitat”. Uma comunidade, afirma o relatório, que explore um determinado nicho ecológico não poderá manter seu padrão de vida, com a suficiente produção agrícola, caça e pesca se permanecer no mesmo local por mais de três a cinco anos”.

### Visão canhestra quer enquadrar índios no Projeto Calha Norte

A defesa de uma área contínua para os yanomami é feita também em documento da Funai elaborado em 1980: “A necessidade de manter uma área contínua para os yanomami prende-se também a fatores de natureza social, política e religiosa, de acordo com as normas yanomami vigentes. As comunidades indígenas se se vissem permanentemente isoladas uma das outras, ilhadas em territórios insuficientes, teriam várias esferas de sua vida irremediavelmente atingidas, possivelmente de modo irremediável”. Um dos aspectos destacados é que “dificultaria, ou até mesmo impediria as opções matrimoniais entre as aldeias, ameaçando a própria reprodução do grupo e, em consequência, gerando tensões incontroláveis dentro das aldeias e entre elas”.

Não faltam informações à Funai e ao governo federal sobre a realidade de retirada urgente dos garimpeiros da região e da demarcação da terra yanomami.



## IDÉIAS

# Viagem à fronteira do Cosmos

Álvaro Caropreso\*

**Equipes de cientistas brasileiros e italianos preparam para 1991 uma autêntica viagem ao passado, para comprovar teorias a respeito da origem do universo e investigar o processo que levou à formação das galáxias.**

Os astrofísicos do Instituto de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos, estão se preparando junto com seus colegas da Universidade de Roma para levar em balões até 40 quilômetros de altitude radiotelescópios que vão captar as imagens mais remotas do Cosmos. Eles vão apontar esses instrumentos para todas as direções do céu, para medir a "radiação cósmica de fundo", uma espécie de ruído que sobrou da grande explosão primordial, o Big-Bang que, segundo a teoria, deu origem ao Universo há cerca de 20 bilhões de anos.

Os astrofísicos querem medir com uma precisão inédita as variações na intensidade da radiação cósmica de fundo simultaneamente em todos os cantos do céu nos hemisférios norte e sul. Até agora, as medições anteriores, menos precisas ou feitas apenas em um hemisfério celeste, mostraram que a radiação cósmica de fundo está homoganeamente distribuída em todas as direções. Este fato é considerado uma das mais fortes evidências a favor da teoria do Big-Bang.

## Uma época em que tudo era uma sopa de matéria e radiação

Com a precisão e a amplitude do experimento dos cientistas brasileiros e italianos, se a homogeneidade da radiação cósmica de fundo se confirmar, a teoria ganhará um novo e substancial reforço.

A contribuição mais excitante, porém, será entregue à teoria da formação das galáxias. Pequenas variações na densidade do Universo numa época em que tudo era uma sopa de matéria e radiação, densa e quente, teriam detonado a aglutinação dos recém-criados átomos de hidrogênio em nuvens pré-galácticas. As variações de densidade teriam deixado suas marcas na radiação cósmica de fundo, manifestando-se sob a forma de variações na intensidade da radiação.

Se os radiotelescópios acusarem variações de intensidade que correspondam às variações de densidade do Universo primitivo que possibilitaram a formação das galáxias, então, esta teoria também será reforçada. Caso contrário, os astrofísicos vão precisar encontrar uma outra explicação para a

existência desses enxames de bilhões e bilhões de estrelas.

O experimento das equipes de cientistas brasileiros e italianos equivale a uma viagem no tempo. Eles sairão de lugares diferentes, em sentidos opostos, para se encontrarem num mesmo lugar do passado, quase 20 bilhões de anos atrás, nas bordas do Universo. A partida será em 1991, num dia em que o céu estiver sem nuvens na Sicília, de onde sairão os italianos, e provavelmente em Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba, de onde sairão os brasileiros.

A viagem não será um exercício de ficção. Faz parte do projeto Olimpo, nome escolhido pelos astrofísicos da Universidade de Roma para a missão conjunta com seus colegas do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), de São José dos Campos. Como numa aventura de Júlio Verne, a jornada começará em balões. Subindo da Sicília e do Brasil, eles levarão a 40 quilômetros de altitude dois radiotelescópios em construção para captar as imagens mais remotas do Cosmos, o "Olimpo" onde os antigos gregos acreditavam viverem os deuses.

Mas os cientistas não estão interessados em encontrar Zeus e sua corte. Eles querem observar os restos da grande explosão, o Big-Bang que deu origem ao Universo, há 20 bilhões de anos. Esses restos permeiam o céu como um ténue "ruído" que vem de todas as

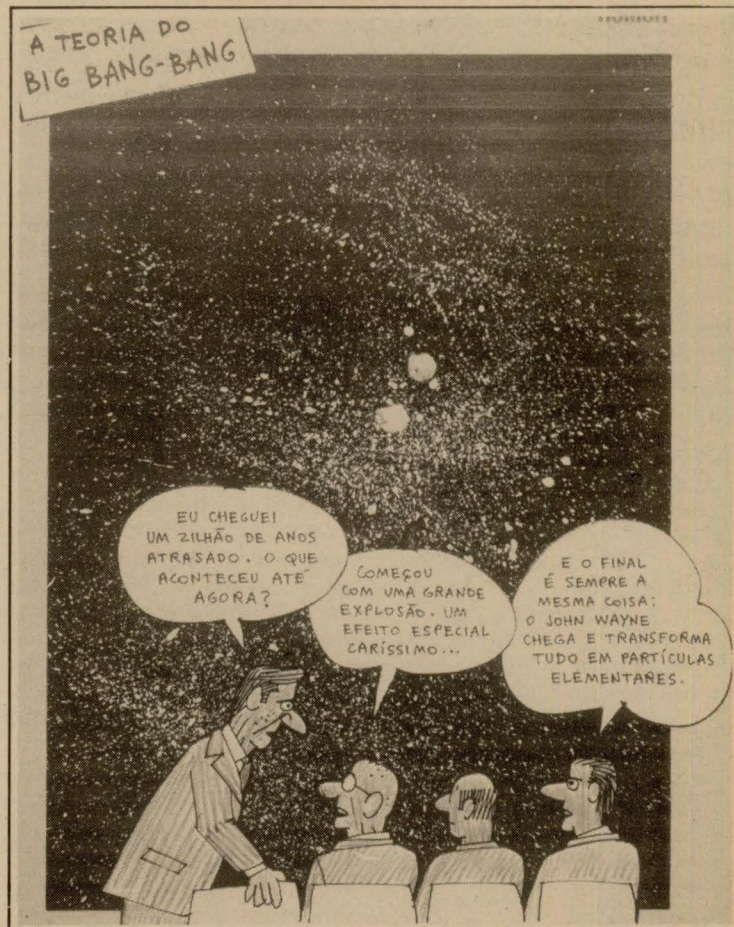
direções do espaço, uma radiação mesclada de micro ondas de rádio e luz infravermelha, invisíveis para o olho humano.

Observar a "radiação de fundo cósmico" é como voltar no tempo para ver o estado em que se encontrava o Universo quando ele era um bebê de 300 mil anos. "Pouco antes disso, a matéria e a radiação formavam uma caótica sopa densa e quente, com uma temperatura de cerca de 3.000 kelvins, ou 2.727 graus centígrados", explica o astrofísico Thyro Vilella Neto, coordenador brasileiro do projeto. "A matéria predominava, aprisionando a radiação. Com a contínua expansão do Universo, num determinado momento, a matéria não consegue mais conter a radiação e ocorre o desacoplamento".

## Medições de radiação cósmica podem reforçar hipótese do Big-Bang

A radiação se liberta e preenche o espaço de fótons que viajam em todas as direções. Em outras palavras, fez-se a luz, e o Universo torna-se transparente, observável. Tudo o que se pode ver e medir diretamente no Cosmos é só o que se passou a partir daí. Em eras anteriores ao desacoplamento, os olhos e instrumentos de medida não conseguem penetrar. Viagens mais para trás no tempo são feitas com as teorias formuladas a partir dos indícios encontrados no Universo observável.

Diz a teoria mais aceita pelos cosmologistas, os estudiosos sobre a origem do universo, que a estrutura atual do Cosmos se definiu principalmente a partir de variações localizadas na densidade da ma-



téria na era em que esta predominava sobre a radiação. Como "caroços" que se formam num mingau, estas variações de densidade detonaram, após o desacoplamento, a aglutinação dos recém-criados átomos de hidrogênio em nuvens de gás que, um ou dois bilhões de anos depois, se transformariam nas proto galáxias, ou pré-galáxias, mais tarde em galáxias coalhadas de estrelas, e em seguida aglomerados e superaglomerados de galáxias.

"Se a teoria estiver correta", explica o astrofísico

brasileiro, "as pequenas flutuações de densidade que originaram as galáxias deixaram sua marca na radiação de fundo. O que pretendemos é medir pela primeira vez simultaneamente, numa mesma época do ano, as variações de intensidade da radiação de fundo

Vilella conta que os radiotelescópios do projeto Olimpo farão observações na faixa do infravermelho, uma radiação associada à temperatura dos corpos que a emitem. Desse modo, os instrumentos vão funcionar como verdadeiros termômetros ultra-sensíveis, mapeando as variações de temperatura do Universo primitivo. A partir desses dados, através de cálculos matemáticos, os astrofísicos vão ultrapassar a barreira do desacoplamento e deduzir a grandeza das possíveis flutuações de densidade que originaram as galáxias.

Para que a teoria se sustente, os astrofísicos esperam encontrar diferenças de densidade equivalentes a, no mínimo, um milhão de massas solares entre regiões vizinhas, um "caroço" suficientemente grande para formar um aglomerado globular de estrelas, uma espécie de mini galáxia. Diferenças de densidade da ordem de um trilhão a um quadrilhão de massas solares seriam "caroços" capazes de gerar galáxias como a Via Láctea, acima desse valor, seriam possíveis os grandes aglomerados de galáxias.



Os cientistas Robert Wilson (à esquerda) e Arno Penzias descobriram a radiação cósmica de fundo, uma espécie de "ruído" que se desprende da explosão que deu origem ao Universo e pode ser captado ainda hoje.



CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Garibaldi

# O velho e o novo em cem anos de República

Manuel Domingos\*

A República nasceu no Brasil, há 100 anos, sob o signo da conciliação e dos conchavos entre grupos das elites dominantes em conflito. Evitado, o povo, como disse o jornalista Aristides Lobo, assistiu “bestalizado” o fim do Império, que deixou muitas heranças amargas, notadamente à dependência externa e o monopólio da terra por um reduzido grupo de latifundiários. Nesses 100 anos, porém, muita coisa mudou e a nação testemunha a comemoração do centenário da República de uma forma bem distinta daquela que marca a “Proclamação”. Na cabine eleitoral, o povo votou exigindo mudança e afrontando as elites dirigentes.

Aparentemente foi fácil. Alguns oficiais improvisaram um desfile de 600 soldados e cadetes. Desceram de São Cristóvão rumo ao Campo de Santana. Mal armados e desinformados. Não sabiam direito o que iam fazer. Mudar o regime ou derrubar o gabinete? Nem mesmo o velho Marechal Deodoro, que assumiu o comando da parada militar, sabia dizer. Cardíaco, passando mal, arquejando, mantinha-se a duras penas sobre o cavalo. Nada tinha da fisionomia audaz e decidida das telas dos pintores que retrataram a “Proclamação da República”. Terminada a manifestação militar, não havia mais monarquia. O gabinete e o Imperador estava depostos. Sem resistência, sem tiros, sem mortes, sem delongas. Não foi preciso que alguém explicasse, na ocasião, o que estava acontecendo. Depois é que seriam redigidos manifestos e decretos explicando tudo. Foi fácil.

Também, a monarquia não tinha mais como se manter de

pé. Colecionara opositores de todos os matizes e descontentes por todos os lados. Muitos fazendeiros estavam revoltados porque a escravidão havia sido abolida sem que o governo lhes indenizasse as perdas. Havia surgido um poderoso setor econômico, o dos plantadores e exportadores de café, que reclamava de sua quase nenhuma influência política. No mundo havia uma onda frenética de modernização, enquanto o país patinava no atraso. Em tudo e por tudo dependia da Europa, sobretudo da Inglaterra. Seja para implantar uma ferrovia, construir um porto marítimo, implantar telefones ou montar uma fábrica. Um país de 14 milhões de habitantes, absolutamente dependente do exterior. A monarquia penhorara o país com os banqueiros ingleses: 70 milhões de libras esterlinas de dívida externa. Os 636 estabelecimentos industriais existentes praticavam técnicas rudimentares. Quase não pesavam na economia. No

Nordeste o quadro era devastador: 750 mil pessoas haviam morrido com a última seca. As epidemias castigavam as populações urbanas sem piedade. O país não conseguia desenvolver-se culturalmente. Mais de 85% da população era analfabeta. A necessidade de reformas era tão grande quanto a incapacidade da monarquia em promovê-las. O Imperador estava velho, doente, enfatiado dos negócios públicos.

No mais, os militares julgavam-se destratados pelo governo. Eles, que voltaram cobertos de glória após o extermínio de 96,50% da população masculina do Paraguai; eles, que com coragem vingaram a morte do general Menna Barreto com a degola coletiva de todos os prisioneiros do exército vencido; que, cumprindo ordens do sádico e ignóbil Conde D’Eu, incendiaram um hospital repleto de velhos e crianças enfermas; eles, que liquidaram as veleidades deste pequeno país que teimava em não aceitar a tutela dos ingleses, jamais poderiam admitir o menosprezo de governantes civis, bacharéis de casaca, burocratas parasitas que não sabiam o que era pegar em armas em defesa da pátria. Sem dúvida, o país precisava de dirigentes que soubessem o que era civismo e patriotismo.

A propaganda republicana ganhava cada vez mais adeptos. Contava com jornalistas, intelectuais, estudantes, oficiais e soldados do exército. O povo, a grande massa, não

compreendia a pregação dos teóricos. A rigor, nem tomava conhecimento. E não tinha nenhum motivo para defender o regime monárquico. Na verdade, não havia mais ninguém com disposição e querendo manter a parada militar no Campo de Santana. O chefe do governo, Visconde de Ouro Preto, viu-se impotente, sem ter o que fazer nem a quem se dirigir.

Daí não ter sido difícil a mudança de regime. Historiadores, cronistas, tribunos, saudariam a forma ordeira, tranqüila e até cordial com que foi instituído o regime republicano. Tanto sangue foi derramado para que as idéias renovadoras, modernas, libertárias, da propaganda republicana vingassem... A igualdade de todos perante a lei, a separação da Igreja do Estado, o direito de voto, o federalismo, a autonomia dos três poderes, a desprivatização do Estado, a supressão dos privilégios de minorias, essas coisas todas que fizeram correr o sangue dos franceses em 1789 e dos americanos em 1776 passariam a vigorar no Brasil sem que ninguém morresse por isso!

**Foi uma mudança amena, sem combates de rua, sem sangue... e sem povo**

Nada de combates de rua, barricadas, guilhotinas, forcas ou fuzilamentos. Sim, uma confabulação sigilosa com o ídolo dos cadetes, Benjamin Constant. A adesão do oficial de prestígio incontestado, Deo-

doro. A manutenção do respeito à figura imperial. O afastamento do povo da cena histórica. A manutenção da paz, da ordem. Nenhum risco à manutenção da integralidade do território nacional. Um mínimo de transtorno à família imperial, trasladada numa hora inconveniente, numa madrugada chuvosa, para o navio que a levaria à Europa. Os novos donos do poder não esqueceram o toque de cordialidade; uma gorda pensão para o imperador e as garantias de que os bens da família não seriam desapropriados. O povo brasileiro não se negaria a custear essa gentileza.

Tudo conforme queria o líder do Partido Republicano; sem participação do povaréu. Quintino Sousa (era tão nacionalista que trocou o nome para Bocaiúva, do tupi), argumentava que a participação popular era muito arriscada. Melhor seria que a tarefa de mudar o regime e promover as almeçadas reformas ficassem com as forças armadas regulares. Combatendo outro líder republicano, Silva Jardim, que insistia na participação popular, dizia: “sem a força armada ao nosso lado a agitação de rua seria um ato de loucura”.

Assim nasceu a República. Há quem diga que não foi golpe. Foi golpe, sim. Um golpe bem sucedido. Os oficiais e seus cúmplices agiram sem apoio do povo. Declararam ter agido em nome do povo, mas tudo fizeram para afastá-lo da cena. Se agiram assim não es-



**CDM**

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

tavam pensando concretamente em mudanças que alterassem em profundidade as difíceis condições de vida da população. Não queriam de fato afrontar os interesses dominantes no país. Isso não se faz com um improvisado desfile militar. Não queriam mexer nas estruturas da sociedade. Isso não se consegue sem a participação da massa de explorados. Pretendiam, no máximo, um recapeamento das instituições. Uma mudança de protagonistas. Um verniz de modernização, uma tinta sobre os anacronismos mais gritantes. A proclamação da República foi uma ruptura apenas em aspectos secundários. No fundamental, foi pura continuidade. O afastamento compulsório do povo foi a garantia desta continuidade.

Cem anos representa muito na vida de um povo. Após cem anos de regime republicano não fica tão difícil verificar o seu caráter, sua natureza. Claro, o país transfigurou-se no curso de cem anos. Os 14 milhões de habitantes tornaram-se 140 milhões. A população era essencialmente rural. Agora está mais nas cidades que no campo. A indústria cresceu. Há milhões de operários. A comunicação não é mais a cavalo, mas via satélite... Sem

dúvida, o país mudou muito. Mas muita coisa velha foi preservada.

A dependência externa, por exemplo, foi mantida, alimentada, aprofundada. O Governo Provisório da República, em seu primeiro manifesto à nação, foi logo tranquilizando o capital internacional. Deodoro, que verteu sangue em defesa da pátria, Bocaiúva, o nacionalista ortográfico, Constant, o professor da ordem e do progresso, escreveram: "O Governo Provisório reconhece e acata os compromissos nacionais contraidos durante o regime anterior, os tratados subsistentes com as potências estrangeiras, a dívida pública externa e interna, contratos vigentes e mais obrigações legalmente estatuídas". E assinaram em baixo.

Na República os negociantes estrangeiros continuaram levando o que queriam: açúcar, café, algodão, peles, couros, madeiras. Interessaram-se também pela borracha nativa, pela carnaúba, babaçu, soja, suco de laranja... Levaram tudo a preço vil. Exultaram com as facilidades para carregar também as jazidas minerais. De olho grande na Amazônia, traçaram planos e projetos

O monopólio da terra foi outra velharia preservada pela República. O preço da preservação foi elevado. Quer tenha sido cobrado em atraso econômico da agricultura, em mortos a bala ou em agruras de milhões de lavradores sem terra. Ou ainda em depredação da natureza. Sob o novo regime, o país continuou assistindo ao empobrecimento acelerado de seu solo, à devastação impiedosa de suas matas, ao trágico assoreamento de seus rios.

fantásticos. Para concretizá-los, apoderaram-se de imensas áreas. Latifúndios de milhões de hectares. Na República, os donos do poder queriam ser modernos. E acreditavam que a modernidade exigia o franqueamento das riquezas nacionais à ganância estrangeira.

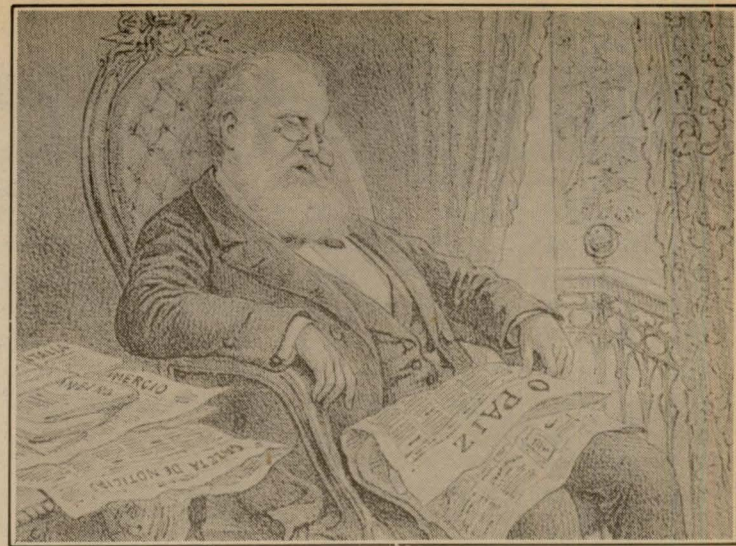
Cem anos depois da proclamação, os 70 milhões de libras esterlinas viraram 120 (?) bilhões de dólares. E os brasileiros continuam tendo que pagar às empresas estrangeiras se quiserem telefonar, andar de carro, bicicleta ou avião, fumar cigarro, beber cerveja, comer margarina... Neste capítulo, de novo mesmo, só o fato de o país não comprar mais tanta coisa lá fora. Os estrangeiros passaram a fabricar aqui mesmo, com mão-de-obra e matéria-prima local. É mais cômodo, mais moderno, dá mais lucro.

O monopólio da terra foi outra velharia preservada pela República. O preço da preservação foi elevado. Quer tenha sido cobrado em atraso econômico da agricultura, em mortos a bala ou em agruras de milhões de lavradores sem terra. Ou ainda em depredação da natureza. Sob o novo regime, o país continuou assistindo ao empobrecimento acelerado de seu solo, à devastação impiedosa de suas matas, ao trágico assoreamento de seus rios.

### Em dezembro de 1889 uma novidade do regime: a ditadura militar

Mas nem só de velharia viveu a República. Sob o novo regime os brasileiros conheceram novidades como as ditaduras militares. Aliás, a primeira delas teve início exatamente no dia 15 de dezembro de 1889. Durou 5 anos. Neste período aconteceu tudo aquilo que se tornaria rotina toda vez que os intérpretes oficiais do patriotismo resolveram governar. Falta de respeito às leis vigentes, dissolução arbitrária do Congresso, repressão às manifestações populares, supressão da liberdade de imprensa, federalismo de fachada, supremacia do executivo sobre o judiciário e o legislativo, ampliação das despesas militares, descontrole dos gastos públicos, escândalos financeiros, nepotismo e apadrinhamento desbragados, instabilidade econômica, dissensões internas no aparelho militar (sobretudo na hora de substituir o ditador de plantão)... Quando o Marechal de Ferro entregou o poder, em 1894, ele e seu antecessor, Deodoro, haviam mostrado do que era capaz uma ditadura militar.

O marechal entregou o poder constrangido, pressionado, taciturno. Tal qual Figueiredo, 90 anos depois. Mas houve eleição direta. Como



eleição sempre é um perigo, providências foram tomadas. Proibiram os analfabetos, as mulheres e os jovens de votar. A velha mania de afastar o povo das decisões. O eleitorado resumiu-se a 2,2% da população. A necessidade de ver o povo longe das urnas penetrou República a dentro. Com dificuldades, certo, porque o povo sempre adorou votar. Tanto que nas eleições que precederam a última ditadura o eleitorado já era 17% da população. E não havia mais o "bico de pena" da primeira fase do regime.

Com a primeira eleição para presidente os paulistas entraram para valer nas esferas do poder. Os plantadores e exportadores de café já eram hegemônicos na economia nacional. Sua representatividade política estava desproporcional ao seu poderio econômico. Com Prudente de Moraes isso foi corrigido. Sabiamente os paulistas estabeleceram regras de convivência com as oligarquias do país, num sistema que ficou conhecido como "política dos governadores". Apesar disso, no respeito mútuo dos potentados locais, as oligarquias nordestinas foram perdendo peso. E quanto mais periféricas nas esferas do mando, mais se aplicaram nas súplicas por verbas para matar a fome e a sede do povo. A indústria da seca, nascida no Império, floresceu na República. Com recursos públicos, mais de 300 mil açudes, de portes variados, foram construídos. A grande maioria deles, servindo a velhas fazendas irrentáveis.

O deslocamento dos foragidos da seca e do latifúndio no Nordeste, que desde os tempos coloniais eram orientados na direção do Norte, foi diversificado. O Sul passou a observar muita gente. Hoje, não há mais orientação geográfica nenhuma. As hostes são errantes. Ônibus e caminhões do levoitam carregados de gente à procura de arrimo. Errantes também em termos de classes sociais. O mesmo trabalhador rural que um dia é pedreiro,

no outro é vendedor de loteria ou condutor de ônibus.

Mas o Nordeste não é mais o mesmo. Foi devassado pelo asfalto, pela televisão, pelos incentivos fiscais, pelas agências bancárias e filiais de indústrias multinacionais. O velho coronelismo foi cedendo lugar ao clientelismo de tipo novo. Mais vale quem tem influência no governo para arranjar empregos, favores, subsídios, incentivos governamentais.

Entre as novidades conhecidas pelo país sob o regime republicano destacou-se o vasto contingente de operários. Em 1889 compunham 0,4% da população. Hoje são milhões, distribuídos em fábricas descomunais e em milhares de empresas de todos os portes. Procuram entrar na cena política de qualquer forma. Até partido político organizam! São perseguidos, presos, tratados como caso de polícia. Não desistem. Fazem greve, organizam sindicatos, vão às ruas.

Os comunistas, perigo que passou a ameaçar os capitalistas europeus no século passado chegaram em 1922. Desde então todo o esforço foi feito para acabar com esta praga que nunca se sujeitou. Organizados sem pedir licença aos donos do poder, sobreviveram obstinadamente aos ataques mais ferozes. Sempre teimando em ensinar aos trabalhadores e ao povo o caminho da luta, da unidade, da organização.

Em 15 de novembro de 1889 um jornalista, Aristides Lobo, testemunhou que o povo assistira "bestializado", sem saber o que se passava, a instauração do regime republicano. Cem anos depois, os jornais testemunham a comemoração do aniversário da República de forma bem diferente. Noticiam que oitenta milhões de brasileiros maiores de 16 anos entram numa cabine eleitoral e deixam bestializados, atônitos e nervosos, os mandões da República.

\* Historiador. Deputado Federal (PCdoB-PI)



Raul Pompéia

## Uma noite histórica

O escritor fluminense Raul d'Ávila Pompéia nasceu em Angra dos Reis em 12 de Abril de 1863 e morreu na Cidade do Rio de Janeiro no natal de 1895. Dono de um temperamento repleto de revolta, mas servido por uma inteligência particularmente atenta aos fenômenos sociais, escreveu seu primeiro romance em 1881, intitulado "Uma tragédia no Amazonas". A crônica que aqui publicamos conta como a família real saiu do país em 1889.

Às três horas da madrugada de domingo, enquanto a cidade dormia tranqüilizada pela vigilância tremenda do Governo Provisório, foi o Largo do Paço teatro de uma cena extraordinária, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente quanto foi simples e breve.

Obedecendo à dolorosa imposição das circunstâncias que forçavam a um procedimento enérgico para com os membros da dinastia dos príncipes do ex-Império, o governo teve necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer comunicação do seu interior com a vida da capital.

A todas as portas do edifício principal, na manhã de sábado, e às portas das outras habitações dependentes, ligadas pelos passadiços, foram postadas sentinelas de infantaria e numerosos carabineiros montados. O saguão transformou-se em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se a falar ao imperador, e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgosto de uma tentativa perdida. À proporção que passavam as horas, foi se tornando mais rigorosa a guarda das imediações do palácio. As sentinelas foram reforçadas por uma linha de baionetas que a pequenos intervalos se estendeu pelo passeio, em todo o perímetro da imperial residência, transformada em prisão do Estado.

Novas determinações anunciadas por ajudantes-de-ordens que chegavam freqüentemente do quartel-general desenvolviam ainda as manobras da guarnição do edifício.

Depois que anoiteceu, foi fechado o trânsito pelas ruas e o rodeiam. Às onze horas, havia sentinelas até ao meio da grande área compreendida entre o pórtico do palácio e o cais. Por todas as imediações vagueavam soldados de cavalaria, empunhando clavinotes, de coronha pousada no joelho.

Adiantava-se a noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinelas.

Um boato oficial, inspirado pela conveniência do interesse público, espalhava a notícia de que o Sr. D. Pedro de Alcântara (que se sabia dever embarcar para a Europa em consequência da revolução do dia 15) só iria para bordo no domingo de manhã. A polícia excepcional do Largo do Paço, porém, durante a noite de sábado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do proplado consta.

Demorados por esta suspeita, muitos curiosos estacionavam pelas vizi-

nhanças do Mercado, das pontes das barcas, na Rua Fresca, na Rua da Misericórdia, na esquina da Rua Primeiro de Março. Da uma hora da madrugada em diante, as patrulhas de cavalaria começaram a dispersar os ajuntamentos. Para os últimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, senão beirando rentinho ao cais. Depois da última barca, o trânsito foi absolutamente impedido.

Também os mais renitentes curiosos tornaram-se muito raros, mesmos nas proximidades do largo sitiado.

Um grande sossego, com uma nota acentuada de pânico, reinava neste ponto da cidade. Para mais carregar a fisionomia do momento, circulavam nessa hora as notícias de um conflito entre marinheiros e praças do exército, havendo troca de tiros. Apesar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, apesar da completa abstenção de atos de violência que tem caracterizado o sistema policial, enérgico, mas extraordinariamente prudente do Governo Provisório, sentia-se ali como que uma atmosfera de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do lugar, a amplitude insondável da praça evacuada respirassem à presença de uma realidade formidável. Sentia-se todo aquele imenso ermo ocupado pela vontade poderosa da revolução. Em cima, o céu tristíssimo, povoado de nuvens crespas, muito densas, que um luar fraco bordava de transparências pálidas.

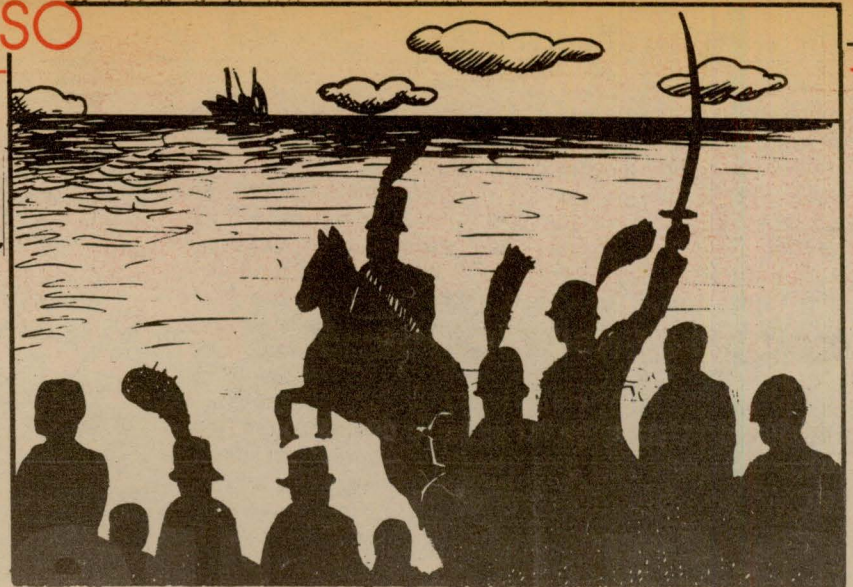
De vez em quando, das perspectivas de sombra saía um rumor de vozes abafadas, logo feitas em silêncio; de vez em quando, um rumor seco de bainhas de folha contra esporas e um estrépito de patas de cavalo, escarvando o calçamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em estalado galope. Em geral, silêncio de morte.

Entre as poucas pessoas que, iludindo o consentimento da polícia, tinham conseguido ocultar-se em diversos sítios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-Imperador.

Duas horas da madrugada, entretanto, tinham marcado os relógios das torres, e nada de novo dos lados do paço viera agitar o solene sossego do largo.

Pouco antes dessa hora, houvera um grande movimento do lado do mar. Daí soara repentinamente um grito de alarma.

À notícia divulgada de assaltos prováveis de gente da armada contra a tropa, assaltos que seriam razoavelmente favorecidos pelo negrume da noite, que subia do mar sobre o cais como uma muralha preta furada ape-



nas pela linha de pontos lúcidos da iluminação de Niterói, dava para impressionar de susto um grito perdido de sentinela. Houve um tropel de cavalos, e logo uma, duas, outras, outras muitas detonações de espingarda, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um indivíduo que tentara embarcar-se contra a vontade da ronda fora preso; escapando às mãos da patrulha de infantaria que o prendera, tinha-se lançado ao mar para fugir nadando. Alguns soldados atiraram a esmo para assustá-lo, enquanto outros tomavam um bote, com o qual pegavam de novo o evadido.

Logo em seguida foi visto o preso passar, à luz dos lampiões, empurrado pelos guardas.

Houve quem supusesse que os tiros foram um sinal. Com efeito, tal qual se assim fosse, ouviu-se pouco depois no meio das trevas da baía o rebate chocalhado da hélice de uma lancha a vapor.

Uma pequena luz vermelha estrelou-se no escuro diante do cais e ao fim de poucos momentos, ao lado do molhe de embarque dos Pharoux, vinha cessar o barulho da hélice, com duas pancadas de um tímpano de bordo e a passagem de uma rápida sombra flutuante sobre a sombra inquieta das águas.

— É a lancha do Imperador, pensavam os que viam com a opressão natural que devia provocar aquele anúncio da iminência de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do sossego da noite.

A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarca deposto, a ansiedade de perceber o movimento significativo no portão do paço, prolongavam indefinidamente a duração desta expectativa.

O profundo silêncio do lugar pareceu fazer-se maior, nesta ocasião, como se a noite compreendesse que se ia, ali mesmo em poucos momentos, estrangular a última hora de um reinado. A tranqüilidade que havia era lúgubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder dos freios dos corcéis da cavalaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela iluminação urbana, as casas ao redor do largo, os edifícios públicos, pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janelas, a não ser nos últimos andares de uma casa de saída.

Apesar disso, que se a completa ausência dos espectadores para a cena que se ia passar,

algumas janelas abertas apareciam como retábulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação fácil de reconhecer nos peitoris escuros...

Pobre D. Pedro! Em homenagem à severidade da determinação do governo revolucionário, ninguém queria ter sido testemunha da misteriosa eliminação de um soberano.

Às três horas da madrugada menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do largo houve um ruidoso tumulto de armas e cavalos. As patrulhas que passeavam de ronda retiraram-se todas a ocupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das árvores, iluminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancólicos dos lampiões de gás.

Apareceu, então, o préstito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dois cavalos que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. À frente duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véus, como a buscar caminho para o triste veículo. Fechando a marcha, um grupo de cavaleiros, que a perspectiva noturna detalhava em negro perfil.

Divisavam-se vagamente, sobre o grupo, os penachos vermelhos das barretinas de cavalaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha reta, do paço em direção ao molhe do cais Pharoux. Ao aproximar-se do cais, apresentaram-se alguns militares a cavalo, que formavam em caminho.

— é aqui o embarque? perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos militares. O cavaleiro, que parecia um oficial, respondeu com gesto largo de braço e uma atenciosa inclinação de corpo.

Por meio dos lampiões que ladeiam a entrada do molhe passaram as senhoras. Seguiu-se o coche fechado.

Quase na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcântara apeou-se — um vulto indistinto, entre outros vultos distantes — para pisar pela última vez a terra da pátria.

Do posto de observação em que nos achávamos, com a dificuldade, ainda mais, da noite escura, não pudemos distinguir a cena do embarque.

Foi rápida, entretanto. Dentro de poucos minutos ouvia-se um ligeiro apito, ecoava no mar o rumor igual da hélice da lancha reaparecida o clarão da iluminação interior do barco, e, sem que se pudessem distinguir nem uns dos outros a toda a força de vapor, o ruído da hélice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.